

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Gustavo Orlandeli Marques

**Modelos heroicos no desenvolvimento infantil e
adolescente: uma compreensão junguiana**

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS**

**São Paulo
2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Gustavo Orlandeli Marques

**Modelos heroicos no desenvolvimento infantil e
adolescente: uma compreensão junguiana**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE no Núcleo de Estudos Junguianos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ceres Alves de Araújo.

**São Paulo
2009**

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba – Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Regina Célia Paganini Lourenço Furigo – Examinadora
Universidade Sagrado Coração

Prof^a. Dr^a. Ceres Alves de Araújo – Orientadora
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Aos meus pais, que acreditaram sempre no heroísmo da dedicação, do trabalho, da honestidade e, principalmente, do amor por seus filhos. Ao acreditarem tanto em seus filhos, eles passaram a acreditar também.

AGRADECIMENTOS

À Força (Deus), por guiar meus passos encaminhando meu coração rumo à minha mente e, principalmente, por se mostrar presente nas sutilezas da vida, nos momentos críticos desta caminhada.

Aos meus pais, José e Marlene, por sustentarem heroicamente os passos iniciais da minha busca pessoal e por entenderem, “sem saber”, o universo pelo qual escolhi transitar.

Aos meus irmãos, Eduardo e Fernando, pela oferta, direta e indireta, dos modelos que ajudaram a me forjar enquanto homem.

À Carolina, meu amor presente, consistente, persistente e companheiro, sempre ao meu lado e, por vezes, à minha frente, sofrendo e rindo, amando e sentindo as luzes e trevas desta passagem da minha história. Obrigado, meu Amor!

Agradeço de coração à minha orientadora Ceres Alves de Araújo, esse ser humano tão doce, forte e presente. Sua postura de orientadora, comprometida e interessada, sutil e intensa ao mesmo tempo, mesmo diante de minhas limitações (e como as tive), sempre foi “humana”. Obrigado por tudo, Ceres, sua postura é um modelo fantástico!

Sou muito grato pela ajuda de Ana Maria Galvão Rios, mais do que colega de Núcleo, foi uma fiel amiga e companheira de trabalho, sempre disposta a ajudar, a trocar e desenvolver sentimentos e ideias mutuamente. Você é uma das pessoas mais generosas que conheço.

Agradeço também aos colegas de curso, em especial ao Marcos, Mariana Leboreiro, Mariana Chalfon, Paula, Daniela, Rosa, Ciça, Daniela, Aline, Rô e Marisa, pela comunhão e acolhimento tão fecundo. Aos colegas “veteranos” dos meus tempos de aluno ouvinte do Núcleo, Juliano, Renata, Valéria, Guilherme e Beth, bem como às minhas conterrâneas Silvia e Mônica, pelas risadas e cumplicidade em nosso errantismo, que tornaram nossas viagens muito mais leves. Obrigado por me receberem com tanto carinho.

Não tenho palavras para agradecer a meu irmão espiritual Gustavo Abrahão, sua esposa Maristela e Dona Stela, pelo acolhimento em seu lar físico e espiritual nesses anos de mestrado. Agradeço também pelo honroso presente de ser escolhido, nesse período, como padrinho do nosso precioso Arthur.

Sempre serei grato pelo amor de Maria Claudina, minha amiga e mestra, ao meu lado em qualquer trajeto. Obrigado, Claudina, por tudo, por sempre!

Ao meu amigo Cláudio Viana, pela amizade profunda e antiga, sempre “farejando” o próximo passo com tanta clareza.

À minha amiga Renata Jordani Barbosa, por estar presente em minha vida há tanto tempo, inclusive no mestrado; sua alegria e lealdade são exemplares.

À Maria Mello, por me ajudar com o método e por me oferecer tão desinteressadamente sua mão. Você é um grande ser humano do qual tenho a alegria de cruzar o caminho.

Aos professores do programa, que sempre se empenharam em crescer com suas presenças nossos trabalhos e nossa vida. Obrigado por seu carinho, Liliana, e por compor minha banca de qualificação e defesa, sempre irei me lembrar. Ao Durval, igualmente, por ser membro da banca e pela simpatia e o constante interesse. À Edna, por contribuir com conhecimentos novos e pelo seu respeito à diversidade de ideias. Também à Yara, por muitos momentos de ajuda com a estatística. Agradeço também aos professores convidados, especialmente Marion e sua impressionante alegria, e Alberto Lima, com sua simplicidade profunda.

Sou muito agradecido aos professores convidados de fora da PUC componentes da minha banca, Regina Furigo e Maria do Carmo Kobayashi, pelo aceite tão espontâneo.

À CAPES, por meio da PUC-SP e professores do Núcleo, pelo financiamento tão providencial, sem o qual dificilmente concluiria o trabalho sem interrupções.

Agradeço à Dona Lúcia e Sr. Silvio, pela amizade para além do trabalho, pelo reconhecimento e confiança na feitura desta pesquisa. Muito obrigado pela liberdade responsável que me ofereceram durante todo esse tempo.

À minha terapeuta Regina, que tanto me ajudou durante esse processo tão denso e intenso. Sua presença foi imprescindível. Obrigado de toda a alma!

Agradeço a todos os meus pacientes, por tantas trocas e enriquecimento em minha jornada pessoal; foi por meio de vocês que cheguei a esta pesquisa.

Por fim, agradeço às crianças e adolescentes que generosamente participaram da pesquisa, respondendo com alegria sobre seus heróis. Com a conclusão deste trabalho, devolvo a vocês o que de vocês partiu.

Na maioria dos casos, sabemos muito bem o que deveríamos fazer ou o que faríamos se fôssemos santos ou heróis. Mas não ousamos. Não o queremos. Não é o julgamento que faz falta, é a coragem, a generosidade (COMTE-SPONVILLE & FERY, 1998, p.212)¹.

¹ Tradução nossa.

RESUMO

MARQUES, G. O. *Modelos heroicos no desenvolvimento infantil e adolescente: uma compreensão junguiana*. 2009. 133p. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.²

O estudo objetivou averiguar a escolha dos modelos heroicos de crianças e adolescentes membros de um Projeto Social e refletir sobre as relações destes na formação de identidade, dentro do referencial da Psicologia Analítica. Os modelos heroicos foram concebidos como ícones da cultura que recebem projeções de uma vivência simbólica do arquétipo do herói, necessário à estruturação psíquica no desenvolvimento humano. Foram realizadas entrevistas que visavam obter a definição de herói, a eleição de modelos heroicos, suas capacidades e a utilização dessas capacidades caso os sujeitos as obtivessem. A população foi composta por 188 sujeitos, crianças e adolescentes, de ambos os sexos, com idade entre 06 e 16 anos, atendidos por um Projeto Social. O método utilizado foi o quantitativo e qualitativo, sendo criadas categorias de análise das respostas. Os dados obtidos foram analisados sob o prisma do referencial da Psicologia Analítica. Foi concluído que há uma grande influência de religiões cristãs na população, o que interferiu diretamente na definição e escolha dos modelos heroicos, fossem eles fictícios ou reais, bem como no apontamento de suas habilidades. Os pais também foram eleitos como heróis por grande parte da população, e a eles foram atribuídos poderes referentes à relação da criança com estes. As variáveis gênero e idade foram comparadas em todos os itens, apresentando diferenças percentuais em alguns pontos, que representam tendências distintas em termos de idade e gênero. O uso dos poderes apresentou significância estatística quanto à utilização em benefício alheio, o que possibilitou uma reflexão sobre o conceito de generosidade enquanto instância psíquica arquetípica.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil e adolescente. Herói. Psicologia Analítica. Generosidade.

² O presente estudo está de acordo com as novas normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigência a partir de 1º de janeiro de 2009.

ABSTRACT

MARQUES, G. O. *Heroic models in child and adolescent development: a Jungian comprehension*. 2009. 133p. Masters Dissertation. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.³

This essay aims to verify the choice of heroic models of children and adolescents that are members of a social project as well as it generates reflection on their relations in the identity formation, according to the referential or Analytical Psychology. The heroic models were conceived as culture icons that receive projections of a symbolic life of the hero archetype which is needed to the psychic estruturation in human development. Interviews have been done to obtain the definition of a hero, the election of heroic models, their capacities and the use of these capacities in case subjects get them. The population was made of 188 subjects, children and adolescents of both sexes, taken care of for a social project, with the age between 06 to 16 years old. The method used was the quantitative and qualitative ones, having analytical answers created. The data obtained was analysed accordingly to the referential of the Analytical Psychology. It was concluded that there is a large influence of the Christian religions on the population, which directly interferes in the definition and choice of the heroic models, no matter real or fictitious, as well as in the pointing of their abilities. Parents were also elected as heroes by a major part of the population, being attributed powers in their relation to the child. The variables gender and age were compared in all items, presenting percentage differences in some points representing different tendencies of age and gender. The use of powers presented statistic relevance according to use in other people's benefit, making possible to reflect about the concept of generosity as archetype psychic instance.

Key-words: Infantile and adolescent development. Hero. Analytical Psychology. Generosity.

³ This essay follows the new rules of the Orthographic Agreement of the Portuguese Language of 1990, in since January the first, 2009.

SUMÁRIO

I	Introdução	12
II	A trajetória do herói mítico	17
III	Herói e desenvolvimento.....	24
IV	A criança e o adolescente em um contexto de exclusão e violência	32
V	O anti-herói: a contraparte necessária.....	39
VI	Modelos heroicos: pesquisas atuais e elaborações teóricas.....	45
VII	Qualidades heroicas.....	50
VIII	Objetivos.....	57
IX	Método	58
1	Característica do estudo	58
2	Sujeitos.....	58
3	Local de coleta	59
4	Instrumentos.....	59
5	Procedimentos	61
5.1	Contato com a população	61
5.2	Duração e sequência da aplicação dos instrumentos	61
5.3	Análise.....	62
5.4	Tratamento dos dados	64
6	Cuidados éticos.....	64
X	Resultados e Discussão	67
1	Sujeitos: dados sociodemográficos	67
2	Sujeitos: questões sobre os heróis	79
2.1	Questão 1: Definição de herói.....	79
2.2	Questão 2: Heróis eleitos	84
2.3	Questão 3: Poderes e capacidades dos heróis	99
2.4	Questão 4: Uso dos poderes heroicos.....	109
XI	Considerações finais.....	117

XII Referências.....	122
Anexos.....	128

I Introdução

Em pesquisa objetivando a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, estudei a relação entre o arquétipo do herói e a vivência coletiva deste em torno da figura de Ayrton Senna. Tal estudo me levou a indagar sobre a importância da atualização desse arquétipo no desenvolvimento humano, tanto individualmente, quanto na coletividade da qual faz parte.

Em minha prática clínica, atendendo crianças e adolescentes em uma ONG – Organização Não-Governamental –, na cidade de Bauru, estado de São Paulo, deparei-me com relatos e fantasias relativas a heróis e suas ações, que emergiram no contexto clínico relacionado aos modelos heroicos por eles escolhidos. Foi então percebido que, diante da indagação sobre o que fariam caso possuíssem os poderes dos heróis por eles mencionados, emitiam, em sua maioria, respostas no sentido de um beneficiar outrem, fosse ele familiar ou integrante de seu meio social.

Esse ponto chamou minha atenção, especialmente por se tratar de crianças expostas a condições difíceis de vida, dada sua realidade socioeconômica. Une-se a isso nosso período histórico, que está marcado pela evidência da pior face do humano, em que os noticiários estão cheios de notícias sobre corrupção, individualismo, violência, falta de consciência ecológica, o que está destruindo o planeta, e crises econômicas globais oriundas de especulações. Assim, optei, no presente estudo, por enfatizar o lado bom e amoroso das pessoas, embora sem excluir seu contraponto, propondo uma tentativa de reflexão a respeito de uma nova forma de estar no mundo, baseada não apenas em um código moral, mas fundamentada numa busca de nossas próprias raízes arquetípicas sobre convívio coletivo.

Dessa forma, uma questão, dentre outras levantadas, orbita sobre a vivência do arquétipo do herói na infância e adolescência – expressa por meio da

identificação com seus modelos – estar relacionada com esse ato de beneficiar o outro como uma manifestação do processo de individuação. Também tenho a proposta de promover uma reflexão sobre a valorização exercida sobre esses modelos e suas implicações culturais e coletivas. Em outras palavras, com quais heróis (modelos heroicos) as crianças e adolescentes estão se relacionando? Como essa reflexão pode nos auxiliar, em termos individuais e coletivos, no que se refere ao processo de individuação?

A reflexão acerca dos processos de identificação com os modelos heroicos na infância e adolescência, ao meu entender, pode auxiliar na compreensão de aspectos de relevante valor para o desenvolvimento individual e sua relação com o coletivo. Especificamente, foi observada a este respeito a aparente predisposição humana em possuir uma intenção de promover atos em benefício alheio, como a constatada em minha realidade clínica acerca do relato sobre heróis.

Nesse sentido, o foco de observação recaiu sobre os modelos heroicos e as atitudes destes, o que levou a pesquisa a coletar quais as definições que as crianças e adolescentes têm sobre heróis, quais modelos escolhem, seus poderes e o uso que os sujeitos fariam se tivessem tais atributos. Para isso, foi elaborada uma pequena entrevista.

A Psicologia Analítica sustenta que o mito do herói é uma representação constante e recorrente da humanidade que expressa, por meio de imagens arquetípicas, o arquétipo do herói. Assim, Jung propõe: “O herói é o representante simbólico do movimento da libido” (JUNG, 2002, par. 68). Ele é visto por Campbell (2002) como um dos mitos mais primitivos da história da humanidade e considerado um dos principais em termos de mobilização e transformação psíquica. Ele se diferencia de acordo com a cultura da qual emerge, porém sua estrutura essencial permanece a mesma (JUNG et al., 2000).

No psiquismo, cabe ao herói orientar e dinamizar a energia libidinal com vistas à estruturação egoica e sua progressiva diferenciação. Não é por acaso que a metáfora heroica é a imagem do processo de individuação. Considerando que o processo de individuação também pode ser entendido como uma pulsão natural (SAMUELS, 1989), que acontece durante toda a vida (FORDHAM, 2001), o dinamismo heroico apresenta-se como um fio central passível de ser seguido e estudado.

Maciel (2000, p. 91) afirma: “O herói é o precursor arquetípico da humanidade, e o seu destino é o modelo a ser buscado na individuação”. Nessa linha de pensamento, Henderson (2000) completa:

O ego, porém, entra em conflito com a sombra naquilo a que o Dr. Jung chamou a ‘batalha pela libertação’. Na luta travada pelo homem primitivo para alcançar a consciência, este conflito se exprime pela disputa entre o herói arquetípico e os poderes cósmicos do mal, personificado por dragões e outros monstros. No decorrer do desenvolvimento da consciência individual, a figura do herói é o meio simbólico através do qual o ego emergente vence a inércia do inconsciente, liberando o homem amadurecido do desejo regressivo de uma volta ao estado de bem-aventurança da infância, e em um mundo dominado por sua mãe (p.118).

Em termos de desenvolvimento, Fordham (2001) propõe que a organização do ego é proveniente dos deintegrados do Self, sendo que a percepção do mundo externo se forma a partir de um objeto do Self, e o ambiente torna-se gerador de uma tensão necessária para a realização do processo deintegrativo-reintegrativo.

Em outros termos, o autor postula que há uma relação do *a priori* arquetípico com os objetos externos. Dessa forma, é proposto um processo de individuação desde o momento do nascimento, ou até mesmo antes, e não apenas relativo à segunda metade da vida. Fordham considera a criança como um indivíduo desde o início de sua vida, propondo, inclusive, serem a mãe e o bebê dois seres individuais e separados física e psiquicamente, mas em constante relação.

Essa relação tende a ampliar-se e, com o decorrer do desenvolvimento, os modelos passam a funcionar como ancoradouros de imagens arquetípicas. A consciência elege os heróis da cultura e, ainda que essa identificação seja, a princípio, predominantemente projetiva, essas imagens provavelmente apontam para elementos arquetípicos que, agregados a elementos culturais e familiares, estruturam a imagem do ego.

Há que ser ressaltado que a pesquisa ocorreu dentro de uma realidade socioeconômica pouco favorecida. Embora não seja uma representação da população em geral, entendemos que a pesquisa pode contribuir como um identificador dos modelos heroicos que as crianças e adolescentes estão elegendo dentre os oferecidos pela cultura. E também de que maneira, dentro desse relacionamento de identificação (projetiva), esses jovens podem revelar os valores da cultura.

Para tanto, se fez necessário o estudo do arquétipo do herói e a reflexão teórica a ele pertinente. Para isso, esta pesquisa foi desenvolvida dentro da abordagem da Psicologia Analítica, por se tratar do referencial teórico de base do pesquisador.

A hipótese levantada é a de que os modelos heroicos e a vivência psíquica a eles relacionada apresentam importantes elementos sobre a psique no processo de individuação desde a infância. De igual maneira, também se especula a existência de um movimento psíquico dentro do dinamismo heroico, de fundo arquetípico, que visa beneficiar o outro, seja ele expresso de forma concreta ou abstrata (em fantasia) dentro da vivência heroica.

No sentido mais imediato, entendemos ser necessária uma exploração acerca desses modelos de identidade e a reflexão acerca destes, no sentido de oferecer subsídios aos educadores do Projeto onde a pesquisa aconteceu, bem como à

comunidade, pais e cuidadores dessas crianças e adolescentes, a fim de instrumentalizá-los no trato com estes.

A fundamentação teórica tem início por apresentar a trajetória do herói mítico, especialmente sob o enfoque do ciclo heroico de Joseph Campbell e os correlatos deste com a Psicologia Analítica, dentro de uma visão psicodinâmica. No capítulo seguinte, é abordada a função estruturante que o herói possui na psique, em que foi dada ênfase ao herói no desenvolvimento infantil e adolescente. No capítulo IV, o desenvolvimento de crianças e adolescentes em contextos de violência e exclusão foi colocado em pauta, bem como no capítulo V, que aborda a questão da contraparte heroica enquanto possibilidade do desenvolvimento. Em seguida, são apresentadas pesquisas a respeito de modelos heroicos, qualidades de atitudes relacionais de crianças e adolescentes e, no capítulo VII, são levantadas qualidades e atributos presentes na mítica heroica. Por fim, após a exposição dos objetivos e do método, adentramos na pesquisa no capítulo de resultados e discussão.

II A trajetória do herói mítico

O herói é concebido por Jung como símbolo da dinâmica da energia psíquica (JUNG, 1986; 2002a), ou seja, é o próprio movimento da libido. O culto ao herói formatou-se ao redor de sua significância: a separação da personalidade individual da coletiva (JUNG, 1986). O herói é ao mesmo tempo um representante do coletivo e do indivíduo e, como propõe Campbell (2003), o mito do herói possui duas funções básicas: (1) instigar a inserção do iniciado na participação ativa na vida de seu mundo e (2) depois auxiliar na retirada desse ambiente. As manifestações dessa vivência são variadas e, em termos culturais, geralmente, são bastante valorizadas.

Algumas formas de mito manifestam-se em diferentes culturas, em momentos históricos singulares satisfazendo a um mesmo anseio. Nenhum outro mito foi tão cultuado e se mantém por tanto tempo no imaginário como o do herói (RÚBIO, 2001, p.87).

A Psicologia Analítica, a começar por Jung, trouxe para seu escopo teórico esse ícone e abordou-o enquanto símbolo, destacando o dinamismo de desenvolvimento psíquico e cultural que sugere o herói. Enquanto movimento arquetípico, o herói concentra a energia e a direciona sempre a serviço do desenvolvimento do psiquismo, funcionando como um catalisador do diálogo entre o Self e o ego.

[...] Sob a forma humana visível não se procura o homem, mas o super-homem, o herói ou o deus, justamente o ser *semelhante* ao homem, que exprime aquelas idéias, formas e forças que comovem e moldam a alma humana. Para a experiência psicológica que são os conteúdos arquetípicos do inconsciente (coletivo), aqueles resíduos de remota humanidade comum a todos os homens, aquele patrimônio geral sobrevivente a toda diferenciação e desenvolvimento, que é dado a todos os homens como a luz do Sol e como o ar. Mas ao amarem este legado, amam aquilo que é comum a todos; voltam assim à mãe da humanidade, à psique que era antes de existir um consciente, e readquirem deste modo uma parcela desta coesão e desta força secreta e irresistível que emana da sensação da solidariedade com o todo [...] (JUNG, 2000a, par. 259).

A possibilidade de realização de feitos extraordinários que, embora desejados, não são, via de regra, vivenciados, são evidenciados pelo herói. Eis que

surtem as projeções heroicas (JUNG, 1986), dentro de um processo que poderíamos afirmar ser uma busca do desenvolvimento de si. Podemos especular sobre o herói mítico/arquetípico como modelo para o desenvolvimento do ser humano.

Kast (1997) postula o conceito de *identificação especular*, em que propõe a identificação de um indivíduo ou de uma coletividade com um modelo socialmente aceito como autoridade (pensadores, artistas, atletas, políticos, líderes etc.). Na identificação especular, ocorre uma tentativa de relacionamento de natureza compensatória, direto ou indireto, com tal modelo, numa busca por assemelhar-se com este em seus aspectos principais. Segundo a autora, esse tipo de projeção faz parte de um movimento de desenvolvimento egoico, que ainda necessita projetar em objetos externos aspectos necessários ao seu desenvolvimento. Uma vez que são inconscientes, os complexos tendem a ganhar autonomia via projeção, no entanto, não constituem apenas um meio de defesa egoica, mas também uma forma de expressão desses conteúdos não reconhecidos e a oportunidade de conscientização (OLIVEIRA, 2007).

Nesse sentido, a vivência heroica, ainda que projetiva a princípio, oferece-nos indicadores valiosos sobre os heróis e suas características valorizados por um grupo, que refletem aspectos psíquicos daquele. Tendo em vista a atração arquetípica que esse mito carrega, é válido nos apoiarmos no ciclo heroico proposto por Campbell, composto pelo chamado à aventura, testes, contato com o elemento transformador e retorno (CAMPBELL, 2002), como ilustra a figura 1.

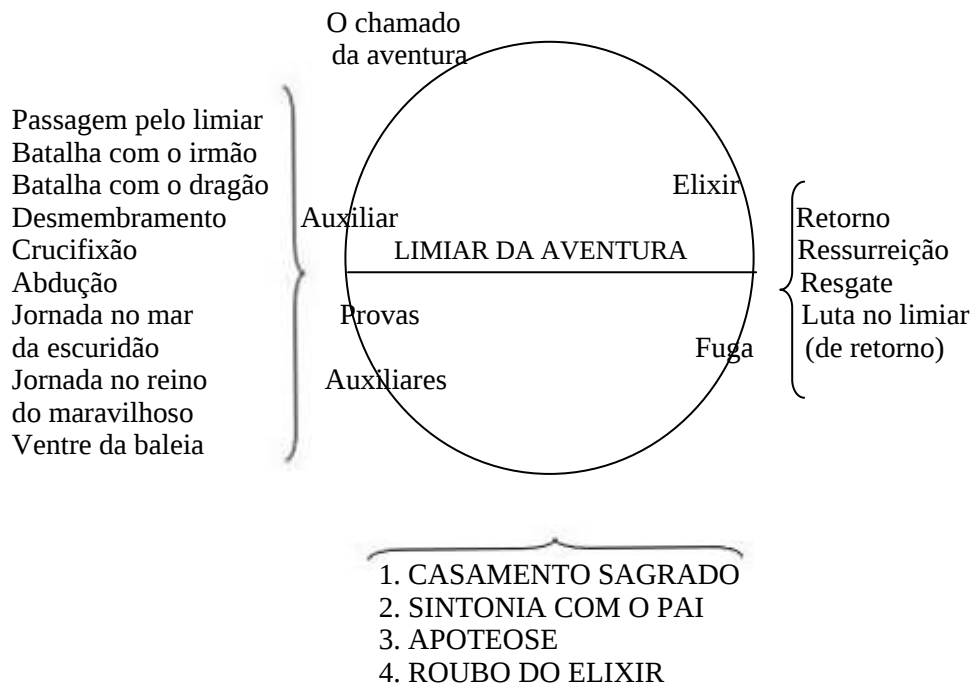


Figura 1 – Ciclo da jornada heroica - CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 241.

No chamado, o herói afasta-se da “irrealidade” do seu cotidiano na busca de elementos para o seu desenvolvimento, de sua subjetividade e de sua cultura:

[...] a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C.G. Jung denominou “imagens arquetípicas” (CAMPBELL, 2002, p. 27).

Os conceitos e padrões seguros até então devem ser abandonados, estes não mais respondem às demandas do herói. O chamado clama por uma expansão, que só será encontrada se seguido o referencial interno. Nesse momento, pode haver a recusa do chamado, o que abre a possibilidade do surgimento do oposto heroico (MACIEL, 2000), em outras palavras, psiquicamente não há expansão da consciência e desenvolvimento.

Ao ser cruzado o limiar, o herói passa pelos *testes* ou *jornada*, acontecem as batalhas, o rapto, a crucificação etc. (CAMPBELL, 2002). Um aspecto importante

desse momento é que, uma vez aceito o convite (chamado), o herói se beneficia com a aparição de elementos sobrenaturais que o instrumentalizam. É comum ele se deparar com um deus, um sábio, um animal, um espírito ou alguma entidade sobrenatural ou de sabedoria, que oferecem instrumentos, informações, armas, ensinamentos... Em termos psíquicos, essas expressões sugerem um diálogo estruturante entre o ego e o Self de forma mais consistente, condição primordial para o desenvolvimento humano e expansão do ego.

Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e proações miraculosos. O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana (CAMPBELL, 2002, p.102).

Embora a aventura em si seja a mais atraente da mítica heroica, é o momento seguinte, o *contato com o elemento transformador*, que dá sentido a sua jornada. Esse terceiro estágio pode vir representado como o roubo do elixir mágico, o casamento sagrado e o órgão vital da baleia. Aqui ocorre o mergulho no inconsciente propriamente dito; a apropriação da energia liberada por esse elemento oportuniza a transformação posterior do herói (ego), que se expande. Ilumina-se o que antes era nebuloso, é o *insight* conquistado.

E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro de nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro (CAMPBELL, 2002, p.31-32).

O *retorno* do herói completa o ciclo, ele ressurgue transformado e vem compartilhar suas conquistas, instaurando um novo nível de consciência (SHARP, 1997). Nesse ponto, o herói compartilha sua vitória, seu *insight*, e o elemento transformador é coletivizado. Ao realizar o ato de comunhão, o herói atinge, enfim, o

patamar heroico, uma vez que, superados os perigos de sua jornada, surgem novos desafios para sua alma, como a tentação de apropriar-se de sua conquista.

O retorno do herói ao lugar de origem é um elemento essencial de sua trajetória. Suas aquisições e conquistas não podem se tornar posses individuais, sob pena de se alienar do universo ao qual pertence. Como representante “competente” de seu ambiente, na volta da caça traz o alimento para o povo e para seus pares, a quem distribui, como dádivas, os frutos colhidos em suas investidas heróicas (LIMA FILHO, 2002 p.187).

Caso haja a recusa da partilha do elemento transformador, ocorre algo similar à negação do chamado heroico, o contraponto heroico assume a regência do dinamismo, o que analogamente no psiquismo podemos classificar como uma inflação de ego, podendo ser tão prejudicial quanto a negação do convite à aventura. É nesse momento derradeiro que seu teste heroico se apresenta, tornar-se herói ou seu contraponto, o anti-herói, o vilão. Simbolicamente, apresenta-se a ideia da inflação egoica frente ao aspecto numinoso, do intercâmbio entre ego e Self. Entendemos por numinoso uma situação emocional profunda vivenciada psiquicamente em experiências com o Self (SHARP, 1997), tanto em nível psíquico quanto físico (ARMANDO, 2006). Experiências com essa intensidade emocional, como por exemplo na identificação excessiva com o herói, tendem a prejudicar toda uma vivência desse dinamismo, como já alertava Jung:

[...] O herói é o ator da transformação de Deus no homem; corresponde àquilo que denominei de “personalidade mana”. Esta exerce grande fascínio sobre o consciente: o eu facilmente cede à tentação de identificar-se com o herói, o que acarreta uma inflação psíquica com todas as suas consequências [...] (JUNG, 1986a, par. 612).

Quando a tentação de apropriação é superada, a renúncia se presentifica, na forma do sacrifício: a morte do herói individual (dos desejos do ego) e o nascimento do herói pertencente ao coletivo. O sacrifício do herói em seu retorno é uma alegoria da renúncia do controle do ego frente aos ditames do inconsciente, que ao mesmo tempo revela a limitação da consciência frente ao inconsciente e do ser individual frente à humanidade, à cultura e à natureza. Paradoxalmente, nesse ato de renúncia

e perda da vontade consciente, a psique se amplia em prol de si e do coletivo, nesse sentido Brandão afirma que o retorno do herói é sua “iniciação final” (BRANDÃO, 1990).

No sacrifício o consciente renuncia à posse e ao poder, a favor do inconsciente. Isto torna possível uma união de opostos cuja consciência consiste numa libertação de energia. O ato do sacrifício tem ao mesmo tempo o sentido de uma fecundação da mãe; a serpente ctônica bebe o sangue, que é a alma do herói. Com isto a vida se conserva imortal pois, como o Sol, também o herói se recria através de sua auto-imolação e sua penetração na mãe (JUNG, 1986a, par. 671).

O elemento transformador conquistado nunca é de propriedade de seu conquistador, o herói, ele o detém apenas para partilhá-lo (RÚBIO, 2001) no mundo temporal, como bem pontua Campbell (2003): “O âmbito de ação do herói não é o transcendente, mas o aqui e agora, na esfera do tempo, o âmbito do bem e do mal, dos pares de opostos” (p.69). A renúncia e o sacrifício, de acordo com essa ideia, não se restringem ao sofrimento, mas sim ao movimento necessário da consciência diante das repetidas vivências heroicas pelas quais todos perpassam. No sacrifício, o herói se apodera de energias superiores, pois abre mão do controle, que passa a ser entendido como uma ilusão.

A trajetória heroica nos apresenta aspectos estruturais do dinamismo psíquico humano, do qual o herói e sua jornada são alegorias. Pontuamos que esse caminho não restringe as peculiaridades das variadas experiências individuais e coletivas desse movimento de desenvolvimento, e muito menos se apresenta como um movimento linear deste. O principal aspecto dessa metáfora é a indicação da base arquetípica do desenvolvimento humano e sua orientação apriorística. Em outros termos, o herói enquanto vivência arquetípica é fundamental ao desenvolvimento do indivíduo e da cultura e, sua trajetória, uma expressão simbólica desse processo. As identificações com figuras heroicas, por sua vez, oferecem-nos uma porta de acesso

valiosa à compreensão da atmosfera psíquica individual e coletiva de culturas ou subculturas em seus variados níveis.

III Herói e desenvolvimento

O mito do herói é o próprio mito do desenvolvimento do ego, é a expressão simbólica de sua saída de um estado de indiferenciação do inconsciente e sua afirmação como um centro da consciência. O herói é a personificação da progressiva diferenciação e discriminação na busca pelo novo (ALVARENGA, 2008). Desse movimento, é estabelecida uma dialética com o Self, um eixo de comunicação e relação que permeia todo o desenvolvimento humano. O contato com conteúdos oriundos da psique objetiva por meio do eixo ego-Self, dessa forma, pode ser entendido como uma analogia da relação do herói com o coletivo, do qual ele emerge e para o qual ele retornará.

Nesses termos, a trajetória heroica também pode ser abordada quanto ao desenvolvimento humano, e um modelo importante para descrevermos tais características heroicas dentro do desenvolvimento no escopo da Psicologia Analítica é o proposto por Byington (1983). Ele propõe a existência de Ciclos Arquetípicos, os quais não são fases, mas se apresentam como expoentes simbólicos do desenvolvimento. Segundo ele, a regência de cada Ciclo Arquetípico – Matriarcal, Patriarcal, Alteridade e Cósmico – vai orientar toda a vivência do indivíduo, portanto, sua orientação simbólica. O importante a destacar é que esse modelo auxilia-nos à medida que acentua momentos e aspectos do processo de desenvolvimento, e não no sentido de estabelecer fases a este.

Cada dinamismo apresenta uma vivência heroica, condizente com o contexto de desenvolvimento. Dentro do dinamismo matriarcal, o herói é orientado pela sobrevivência, prazer e sensualidade, uma forma de fertilidade de subsistência. Esse heroísmo matriarcal traz em si a criatividade e adaptação à adversidade como aspectos importantes, uma vez que são esses os principais recursos de perpetuação. Um representante deste herói conhecido no Brasil é Macunaíma.

(BYINGTON, 1983). Essa regência corresponde aos momentos iniciais da vida humana, com vivências de proteção e satisfações físicas e psíquicas.

O dinamismo patriarcal apresenta um herói orientado pela justiça, organização, valorização das tradições e ordem a ele relacionadas. A noção de causalidade vivenciada pelo ego efetua ao mesmo tempo a função estruturante deste, auxiliando-o em suas tarefas discriminativas. Modelos heroicos desse dinamismo são legisladores como Agamêmnon e Moisés (BYINGTON, 1983).

O ciclo da alteridade apresenta heróis como Cristo, Buddha, Ghandi entre outros, que representam um direcionamento da união das polaridades na busca por uma unidade. Dentro de uma orientação sincronística regida pelos arquétipos da *Anima* e *Animus*, as polaridades matriarcal e patriarcal se confrontam de forma democrática, e não excludente (BYINGTON, 1983). O herói, portanto, dentro desse ciclo de desenvolvimento, é um herói unificador.

O dinamismo Cósmico apresenta um herói de sabedoria, contemplação e paz, atributos que a noção de totalidade pode propiciar. Lao-Tsé é um modelo desse heroísmo cósmico (BYINGTON, 1983). Esse modelo, porém, não será encontrado na infância e adolescência, ao menos de forma madura, apenas o será de forma predominantemente potencial.

Outro expoente desenvolvimentista dentro da Psicologia Analítica que pode nos auxiliar na compreensão do herói no psiquismo humano é Fordham, que propõe a criança como um indivíduo desde momentos iniciais do desenvolvimento, sendo mãe e bebê seres individuais, separados e em relação, em que reside também a possibilidade da formação de um par afetivo (MARQUES; LEBOREIRO; SOIFER, 2007). Dessa forma, o processo de individuação é por ele entendido como contínuo desde a concepção até o final da vida. Para propor tal conclusão, Fordham (2001) elaborou suas ideias sobre os processos deintegrativos e reintegrativos, em que o

Self, diante de demandas empíricas, deintegra-se para posterior integração do ego, promovendo assim não só sua formação, mas também seu desenvolvimento posterior.

Estabelecendo um paralelo com a metáfora mítica, é como se o divino partilhasse a si próprio por meio da obtenção da consciência, das oposições de sombra e luminosidade, do sentir-se e saber-se humano (ALVARENGA, 2008). Em outros termos, é o Pai divino que se atualiza no herói, que é parcialmente divino, mas também mortal. E quando o eu (ego-herói) é ampliado, na medida em que ele é eficaz na assimilação de conteúdos arquetípicos, em especial do Self (Deus), mais este dá significado ao eu (ego-herói), que por sua vez também dá significado ao Self. Nesse sentido, quanto mais intenso for esse movimento e maior a quantidade de conteúdos assimilados, mais o ego (herói) aproxima-se do Self (Deus), aproximação essa que nunca chega ao fim (individuação).

É correto afirmar que o Self é produtor e produto do ego por meio de seu sacrifício, que exige o sacrifício do ego. Esse dinamismo do Self enseja sua manifestação empírica, ou seja, sua atualização, saindo do âmbito potencial, enquanto arquétipo, e atingindo a forma empírica no e pelo ego, assim como a simbologia de Cristo em relação ao seu Pai.

É importante considerar que as imagens da primeira infância, por volta dos dois primeiros anos de vida, são, via de regra, diferentes das imagens encontradas na infância, adolescência e vida adulta, em outras palavras, são imagens não diferenciadas e corporais (FORDHAM, 2001). Porém, dentro desse processo deintegrativo-reintegrativo, começa a diferenciação progressiva entre função superior e inferior, que vai guiar a vivência das experiências da criança, bem como o conflito de opostos necessário ao desenvolvimento psíquico. Nessa tensão, emergem as figuras ideais, ou heróis, nas quais a criança busca se apoiar como

referencial de desenvolvimento em seus variados níveis, ou seja, emocional, cognitivo, cultural, espiritual entre outros. Assim, é importante pontuar que os modelos, os heróis, são ícones do contexto do indivíduo que apresentam toda uma gama de vivências, as quais são uma necessidade psíquica.

Com a tensão de opostos, a criança vai naturalmente vivenciando situações de impotência e abandono (MÜLLER, 1997), o que também se expressa em imagens do herói em sua finitude frente ao mundo e ao divino e na necessidade compensatória por libertação destes. Para Jung (2006), a imagem da criança arquetípica representa as forças vitais da natureza, o impulso à autorrealização. Alvarenga (1999) afirma que o herói vem colocar em prática a atualização das potencialidades do ser, sua ação revela quem é o indivíduo, ou seja, o herói, em um sentido amplo, é seu próprio feito. A feita heroica, no entanto, é permeada por movimentos de progressão e regressão energética que se complementam, pois em determinados momentos é necessário um recuo energético para uma reorganização interna e posterior progressão.

Um aspecto que reflete essa ideia é encontrado na trajetória heroica, uma síntese da impotência da infância e a onipotência da adolescência (MOLINEIRO, 2007). Novamente, vemos aqui a importância dos modelos no desenvolvimento, especificamente frente à vivência da impotência infantil, que aparece de maneira compensatória na força da ação, da realização e atuação fantástica do herói na psique.

Os modelos parentais, por serem, via de regra, os primeiros e mais presentes, destacam-se como de suma importância. É comum os pais figurarem como heróis ou figuras ideais de forma polarizada no aspecto positivo, o que fica claro nas crianças, que tendem a considerar os pais como predominantemente bons, não aceitando de bom grado críticas a eles (FORDHAM, 2001), o que se inclina a mudar

drasticamente durante a adolescência. Embora não seja incomum o fato de os pais e/ou cuidadores continuarem a ser modelos importantes reconhecidos conscientemente. Os pais, em certo sentido, estarão sempre presentes na forma de imagens complexas, ou complexos, no psiquismo, sendo a qualidade de relação com essas imagens decisiva na estruturação da personalidade. O contato com essas figuras é necessário na infância e também na adolescência.

Os pais têm importante função estruturante na mudança e estabelecimento da nova identidade e na elaboração de um novo código para o adolescente. Encontrar o olhar e o acolhimento da *mãe* e a palavra e reconhecimento do *pai* e das leis do mundo: a possibilidade de uma síntese neste aspecto central na vida e no desenvolvimento do adolescente é a garantia natural da cultura, para assegurar seu direito à sua travessia em direção às terras adultas (MOLINEIRO, 2007, p.122).

Na adolescência, segundo Fordham (2001), conteúdos arquetípicos são acionados, ocorrendo uma regressão a estados anteriores do desenvolvimento, processo este que visa à integração de aspectos deintegrados. Esse modelo oferece uma compreensão coerente com a vivência psíquica da adolescência, que é caracteristicamente fragmentada. Os processos deintegrativos ocorrem intensamente na adolescência, levando o jovem a enfrentar um contínuo processo de deintegração e, como em períodos anteriores do desenvolvimento, tais processos ocorrem de forma a proteger a consciência e proporcionar futuras reintegrações, uma vez que a energia psíquica das pulsões inconscientes (psíquicas e corporais) é forte.

O desafio para o adolescente é compreender simbolicamente a tensão entre o desejo de regredir e permanecer criança e o desejo de crescer. A separação dos pais é carregada de conflitos, pois o desejo de tornar-se independente e decidir a própria vida é confrontado com o medo da perda da segurança e das referências que o guiaram. Nesse momento é que se evidencia a importância da fantasia criativa como elemento nutridor e gerador de novos conteúdos na psique (MOLINEIRO, 2007, p.130).

É importante pontuar que essa “fantasia criativa” tem suas bases na confiança básica dos primeiros momentos de vida e será retomada em momentos posteriores

do desenvolvimento, durante os processos de diferenciação, na forma de autoestima. Nesse momento, a figura do pai (pessoal e arquetípico) será de suma importância, uma vez que ele é o terceiro que traz a necessidade da diferenciação e traz um alimento distinto do materno, ou seja, a **autoconfiança**. Simbolicamente, há uma noção maior da existência do outro, agora mais diferenciado do eu. Alvarenga (2000) postula que a instituição do Eu e do Outro, enquanto instâncias simbólicas cada vez mais diferenciadas, acentua valores positivos do matriarcado, como a instituição e manutenção da vida. Uma dessas expressões é a lei divina “Não matarás” (Êx:20,13), que é uma legislação patriarcal em favor do valor máximo do matriarcado, a vida, abrindo terreno para a vivência com o Outro, ou seja, para a alteridade.

Dessa forma, a normatização e a ética são ganhos do patriarcado, como também o é a força da ação, da realização, o que instiga a atuação do herói na psique, que surge como uma síntese da impotência da infância e a onipotência da adolescência (MOLINEIRO, 2007). A ordenação patriarcal que direciona o desenvolvimento em determinado momento é alimentada pela encarnação da imagem arquetípica do pai, seja no pai pessoal, nas instituições, no Estado ou outras representações normativas (LIMA FILHO, 2002), que fornecem base para a instauração simbólica do outro na psique.

A vivência, quando regida pelo dinamismo patriarcal, fortalece a relação com o outro, uma vez que o ego está mais estruturado. E por se tratar de um processo contínuo, as atualizações arquetípicas se ampliam, resgatando aspectos expoentes do matriarcado, cada vez mais legislados pelas formas patriarcais que fundamentam a vivência da alteridade. Para isso, portanto, a implantação efetiva do patriarcado é uma necessidade, pois de maneira não polarizada, o patriarcado estabelece o terreno para o desenvolvimento e manutenção do matriarcado e da alteridade.

É na adolescência, quando o jovem começa a entrar em contato com as imagens de *anima* e *animus*, imagens arquetípicas de unificação, que as dificuldades se apresentam na tentativa de integrar pulsões muito fortes, como as sexuais (FORDHAM, 2001). Vivências estas que levam o adolescente a transitar entre tendências regressivas e prospectivas lançando-o, uma vez atingida a resolução desse período, para a vida das relações com a cultura e seus membros, preparando o terreno da vivência da alteridade (MOLINEIRO, 2007).

Fordham (2001) advoga que as tendências regressivas desse período não são apenas negativas, uma vez que integradas contribuem para sentimentos de identificação do jovem com seu novo contexto social, o qual é ampliado e complexificado.

Embora os bebês e as crianças pequenas possam participar e influenciar na formação de seu meio, é só na adolescência que as crianças estão suficientemente independentes para exercer algum impacto sobre a sociedade (FORDHAM, 2001, p. 132).

Dessa forma, o uso de metáforas e imagens pode auxiliar o trânsito do adolescente por seu mundo interno e seu meio, uma vez que há uma dificuldade em nomear as intensas experiências pelas quais ele passa nesses dois níveis (MOLINEIRO, 2007). A identificação heroica, ou como Jung (2006) abordou nos cultos religiosos como “Identificação com o herói do culto” (par. 229), surge com essa finalidade transformadora, uma vivência simbólica via personificação do herói.

Ressaltamos a questão das relações apontar para uma predisposição (arquetípica) ao contato humano, ou seja, o desenvolvimento egoico necessita do outro, como podemos metaforicamente observar na mítica heroica, em que o herói enfrenta sua jornada e retorna aos seus iguais. A ordenação é apriorística, portanto interna e arquetípica, mas a relação é externa e vivencial.

O mito do herói e o enfrentamento do dragão são metáforas da luta psíquica pelo contínuo desenvolvimento da consciência, pela passagem de

uma etapa para a outra subsequente e pela síntese entre conteúdos conscientes e inconscientes. [...] A luta do herói, arquetipicamente orientada, acontece como caminho para o fortalecimento e definição da consciência, identidade e persona (MOLINEIRO, 2007, p.132).

Enfim, podemos entender que a vivência heroica é a dinâmica da libido rumo ao desenvolvimento do ego e do indivíduo como um todo, portanto também em seu aspecto social e cultural. Nesses termos, podemos entender a vivência heroica enquanto individual e também coletiva, uma vez que está a serviço do processo de individuação, que por definição é a tomada de posse de suas potencialidades em contato com os iguais, a humanidade.

IV A criança e o adolescente em um contexto de exclusão e violência

Em face de a população pesquisada pertencer a um contexto socioeconômico desfavorecido e permeado por situações de violência e exclusão social, entendemos necessário abordar o desenvolvimento humano dentro desses padrões. Uma vez que o desenvolvimento humano sempre vai ser diretamente influenciado por um contexto único e suas peculiaridades, é válido refletir sobre a agressão e violência com as quais a população estudada convive em seu cotidiano.

Szymanski (2005) afirma que desenvolvimento não é um conceito isento de valores ideológicos, uma vez que práticas educativas que não levem em consideração aspectos culturais e socioeconômicos, por exemplo, podem gerar problemas sérios. Assim sendo, a autora propõe que os estudos sobre desenvolvimento devem abranger várias áreas do saber:

Falar em desenvolvimento humano deixou de ser uma atividade restrita a uma profissão ou especialidade. Trata-se de considerar esse fenômeno em sua dimensão histórica, social, antropológica, educacional, psicológica e política, pois está lidando com concepções de seres humanos e se pensando em estratégias para dar continuidade às sociedades e às culturas. Cada uma dessas áreas do saber tem sua contribuição específica, mas não deve ser considerada isoladamente. É importante a manutenção de uma atitude crítica em relação a propostas de universalização ou uniformização de um processo multifacetado, que, se de um lado compartilha semelhanças, de outro se diferencia nas diferentes culturas e camadas sociais, parte que é do complexo fenômeno humano (p.59).

A violência é um aspecto social da modernidade com o qual temos que nos deparar diariamente. Esta não está restrita aos grandes centros urbanos, ou mesmo à urbanização. No perímetro das cidades, os bairros de periferia também constituem focos dessa violência que se apresentam em altos índices. Nesse sentido, ao se estudar a violência, é necessário sempre discuti-la dentro do contexto histórico e cultural em que ocorre (SAUAIA, 2003).

Szymanski (2005) aponta que, em termos históricos, a criança passa a ser considerada em sua individualidade de forma concomitante ao surgimento mais

intenso da vida urbana no séc. XV, o que se ampliou com o advento das ciências humanas, em especial da Psicologia e teorias desenvolvimentistas. No entanto, estas não isentaram da exclusão crianças alheias aos padrões educativos adotados nesse mesmo período.

No final do século XVIII, começa a se apresentar a separação por idades na educação, o que coincide com a divisão dos alunos por classe social, sendo a escola uma instituição que oficializou a segregação social que, em certo sentido, persiste até os dias atuais. Em meados dos séculos XVIII e XIX, a ciência começa a ditar padrões de conduta moral, higienização, comportamento com os filhos, saúde e adentra no âmbito familiar (ARPINI, 2003).

A segregação social advinda desses valores formatou, ao longo dos séculos XIX e XX, uma relação causal direta e simplista, amplamente aceita no senso comum, entre pobreza e violência, rotulando esses grupos socioeconomicamente carentes de forma pejorativa, definindo-os como violentos, como podemos ver:

Não podemos, portanto, deixar de constatar que esse aspecto das diferenças socioeconômicas acabou, historicamente, estabelecendo relações entre violência e pobreza, vadiagem e marginalidade, a partir de um processo acusatório e repressivo, por parte dos grupos dominantes, baseado numa relação simplista de causa e efeito que leva a obscurecer o entendimento do que realmente se passa. Isso fez com que a violência passasse a ser vista como comportamento que decorre necessária e exclusivamente desse grupo social (ARPINI, 2003, p.37-38).

A contrapartida desse processo, segundo a mesma autora, foi a instalação cada vez maior do conceito de adolescência enquanto um momento transitório entre vida infância e vida adulta, o que nos leva a lançarmos um olhar sobre a criança e também sobre o adolescente que se desenvolve diante da exclusão e da violência. Para isso, é necessário definir essas vivências excludentes e violentas, embora sejam conceitos de difícil generalização, como nos diz a autora:

Muitos resultados de pesquisas sobre violência ficam circunscritos a uma determinada população pesquisada, a um determinado tipo de violência ou mesmo a um determinado sintoma e, por isso, não conseguem ser generalizados (SAUAIA, 2003, p. 20-21).

Devemos considerar a dificuldade em definir o termo “violência”, uma vez que poucos são os dados e pesquisas a respeito da violência contra criança no Brasil, e os existentes estão “longe de espelhar a realidade total do país” (SAUAIA, 2003, p.23). A impunidade, ignorância e falta de acesso do Estado a essas camadas menos favorecidas economicamente parecem obnubilar nossa visão sobre a real exposição à violência de nossas crianças. Porém, faz-se necessário um referencial, mesmo que aproximado, daquilo que estamos qualificando como violência.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (SAUAIA, 2003), é difícil estabelecer uma generalização sobre a definição do que é abuso ou negligência na educação de crianças, mas há um consenso de que, independentemente da cultura, práticas disciplinares muito rígidas não devem ser permitidas. Por isso, Sauaia (2003) afirma ser importante definir violência como abuso, violência contra criança ou omissão por parte de pais que possam gerar danos às crianças. Também ressalta que a exposição da criança a situações de violência ou maus tratos, o que inclui o ato de presenciar tais situações e não necessariamente recebê-las diretamente, pode afetar aspectos físicos, como o sistema límbico (hipocampo e amígdala), ligados à regulação das emoções e memória. A seguinte definição de violência complementa o nosso entendimento sobre a definição de violência:

[...] pode se dizer que a violência é um ato de brutalidade, abuso, agressão, constrangimento, desrespeito, discriminação, impedimento, imposição, invasão, obrigação, ofensa, proibição, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror (TAVARES, 2000, p. 22).

É sabido, dentro do campo da Psicologia, o quão grave pode ser o contato da criança com a violência, seja física ou psíquica, direcionada a ela ou não. Além de a agressividade permear a atmosfera de quem recebe a agressão, é necessário

considerar a carência de afeto que a ela se associa. Autores desenvolvimentistas da Psicologia, como Fordham (2001) e Edinger (2003), postulam que a vivência do abandono pode cindir-se na personalidade de quem a recebe e não ser integrada pela consciência, prejudicando seu desenvolvimento. Essa “falha” tende a se tornar destrutiva e, via de regra, projetada para o mundo externo.

A crescente violência projetada no mundo vem ao encontro de dados que demonstram que, de 1979 a 2003, no Brasil, houve um crescimento de 461,8% de vítimas de arma de fogo, ao passo que a população brasileira cresceu 51,8% nesse período (MARQUES; SIQUEIRA; VERGUEIRO, 2006), o que torna inquestionável o aumento da violência e sua absorção e, em certo sentido, aceitação por parte da cultura nacional.

Diante desse quadro, as crianças estão expostas direta ou indiretamente à violência de uma forma cada vez maior. A grande plasticidade psíquica, natural da infância, tem que lidar com mais esse elemento da cultura de nossos dias, o que tende a ser danoso. Segundo Jacoby (2007), vivenciamos um tipo de “gestação extra-uterina” em nosso primeiro ano de vida, período de muita dependência do mundo externo e de sujeição a grandes afetações emocionais. De acordo com essa ideia, a construção das estruturas sociais humanas está estreitamente relacionada a esse momento também, uma vez que a construção social já tem início nesse ponto do desenvolvimento, em que há uma grande “abertura para o mundo”, conforme o próprio autor afirma:

É para manter a “abertura para o mundo” da humanidade que a nossa estrutura social não nos é dada geneticamente, mas precisa se constituir de novo em cada indivíduo através de uma mistura de fatores hereditários por um lado e de um contato com a realidade externa e com o mundo à nossa volta por outro.[...] O período de “gestação extra-uterina” é, portanto, de uma importância decisiva para o ser humano como criatura consciente e social (p.44). [...]De qualquer maneira, em uma fase muito primitiva do seu desenvolvimento, a criança é exposta a influências “sociais” que exercem um efeito formativo muito poderoso sobre seu desenvolvimento subsequente (p.45).

A respeito dessas influências sociais no desenvolvimento, a Psicologia Analítica oferece uma importante visão sobre violência, propondo que esta possui raízes inatas e culturais. Em outras palavras, a violência existe em potencialidade no ser humano, na forma de arquétipo, e que vai se atualizar conforme o contexto cultural (OLIVEIRA, 2005). A atualização arquetípica da violência no contexto social emerge nas vivências cotidianas, no estilo de vida de seus integrantes e, somente nelas e por meio delas, é que o indivíduo cumprirá seu destino com o coletivo de seu tempo (HENDERSON, 1984).

Nesse sentido, podemos entender que a exposição frequente do infante e/ou jovem a um contexto invasivo física e emocionalmente oferece grande possibilidade de constelações, da psique objetiva, de imagens em suas polaridades negativas. Estamos aqui entendendo por “negativas” as vivências cuja experiência e elaboração consciente se encontrem prejudicadas ou impossibilitadas e que irrompam, via compensação, de forma desestruturante à consciência.

No plano das imagens, as idealizações de felicidade, bem como as de sofrimento e infortúnio, estão também arraigadas ao contexto social e podem assumir o caráter de realidade psíquica, já apontada por Jung. Em outros termos, mesmo que a “realidade histórica” não mais se apresente com determinadas categorias vividas como positivas ou negativas pelo indivíduo, elas podem assumir a condição de vivência real através da conotação conferida por sua “realidade psíquica” (JACOBY, 2007). As imagens de paraíso, que podem conter aspectos materiais valorizados na vida cotidiana, ilustram essa proposição, como podemos verificar:

Segundo essa idéia, os anseios paradisíacos de pessoas que vivem uma vida difícil, em constante conflito com um ambiente ameaçador, serão diferentes das imagens de felicidade desenvolvidas por essas pessoas que não sofrem tanto a ameaça da necessidade material (JACOBY, 2007, p. 23).

Em nível coletivo, a criança toma como referência suas vivências mais próximas, ou seja, com as pessoas ao seu redor. Assim, o coletivo local, como a vizinhança, ganha importância em seu desenvolvimento psíquico. É nela que os valores sociais se apresentarão de forma mais concreta e aproximada, é um dos primeiros grupos de relação do indivíduo fora a família.

Sauaia (2003) se apoia no Modelo Ecológico de Bronfenbrenner em suas dimensões individual, relacional, comunitária e social, para abordar esses patamares de relação com o coletivo e, assim, define a dimensão comunitária, a qual aqui destacamos:

O nível comunitário engloba contextos diferentes como escolas, locais de trabalho ou vizinhança, buscando identificar as características desses cenários associadas ao fato da pessoa ser vítima ou perpetrador da violência. Alta mobilidade residencial, alta densidade populacional e áreas de pobreza são consideradas favorecedoras da violência (SAUAIA, 2003, p. 20).

Com o tempo, a criança que se desenvolve em uma subcultura (vizinhança) violenta naturalmente encontrará, de forma concreta, modelos polarizados, ou seja, violentos e não violentos. Em contextos violentos, embora haja uma atmosfera transgressora constante ao redor da criança e do jovem, seria incompleto dizer que a cultura não apresenta modelos com valores em prol do coletivo.

No entanto, é somente na adolescência que o impacto dessas vivências será mais facilmente percebido pelos jovens. Haverá um relacionamento mais concreto entre o indivíduo e os modelos ou atitudes que prevaleceram até então na formação de sua personalidade, uma vez que na adolescência ocorre um maior engajamento real nas ações do mundo.

Essas ações, de acordo com Molineiro (2007), o adolescente contemporâneo exerce a partir do momento em que adquiriu uma liberdade maior de escolha, sem estar preso necessariamente às condições exteriores, o que decorre também de uma maior consideração de sua própria interioridade. Em outras palavras, a escolha

passa a se basear nele mesmo, na manifestação de seu Self. A ambivalência dessa vivência está na contradição da cultura, pois, ao mesmo tempo em que o incentiva a escolher livremente, propaga os valores dos determinantes econômicos, competitividade, individualismo e outros como os mais importantes e os que devem ser usados como critério nessa escolha.

É nesse universo cruel que um grande número de adolescentes vive e constrói seus referenciais, buscando identificações nos modelos que estão à disposição e, ao mesmo tempo, procurando corresponder a essa demanda social que valoriza cada vez mais a individualidade, a competitividade e a posse de objetos materiais. Tal percepção faz emergir alguns pontos importantes para a abordagem da problemática de adolescentes em situação de risco, pois estes possuem referências, modelos e relações sociais que estão longe de corresponder ao modelo esperado. Em virtude de não poderem ter acesso aos objetos e aos bens culturais e materiais que constituem os parâmetros de felicidade e sucesso em nossa sociedade, esses sujeitos muitas vezes são facilmente identificados com aqueles que ocupam o lugar da ameaça, do mal-estar, do perigo, daqueles que colocam em risco o bom funcionamento social (ARPINI, 2003, p. 38).

A identificação com modelos marginalizados não é incomum. Nesse sentido, os “heróis” (anti-heróis) apresentam também sentimentos de desesperança e medo contrários ao desenvolvimento criativo que o herói interno, em ressonância com o herói externo, pode proporcionar (MÜLLER, 1997). Expressões desse tipo, de anti-heroísmo, podem ser encontradas no cinema (HERNDERSON, 1989), esporte (RÚBIO, 2001; MÜLLER, 1997) e na cultura em geral. A contraparte do herói será discutida no capítulo seguinte.

V O anti-herói: a contraparte necessária

A Psicologia Analítica aborda a tensão entre opostos e o movimento psíquico que dela decorre. O caminho proposto por Jung está em agregar opostos em uma dinâmica dialética que supere a tensão inicial e que promova a formação de uma elaboração, de um terceiro elemento. Para isso, é preciso considerar ambas as polaridades, como no simbolismo do herói, a sua contraparte: o anti-herói.

Jung (1986b), ao considerar Cristo como um representante heroico dos nossos tempos, promulgava a falta de sua contraparte, o anticristo, o lado sombrio do filho de Deus, que igualmente faz parte da totalidade e também representa o Self, assim afirmando: “A luz e a sombra formam uma unidade paradoxal no si-mesmo empírico” (par. 76), ou ainda: “Árvore nenhuma cresce em direção ao céu, se suas raízes também não se estenderem até o inferno. A sombra pertence à luz” (par. 78). Nesse sentido, não acatava a visão cristã de que o mal seria apenas a ausência do bem.

A necessidade de integração dessas forças anti-heroicas fez Jung propor que, caso a “antinomia”, a contraparte sombria do Self, não fosse conscientizada, o conflito tenderia a acontecer no mundo externo e aparecer não integrado, ou seja, cindido. O advento do nazismo e suas consequências foram por ele colocados como um exemplo de como essa cisão pode ser catastrófica. A concentração de energia projetada coletivamente no partido nazista e em especial na figura do Führer, o herói/anti-herói, fez com que uma inflação levasse a uma posse de poderes sobre-humanos, conduzindo uma nação sem grandes questionamentos, mesmo quando essa condução os aproximava dos horrores da guerra. Esse dinamismo coletivo na modernidade, nessa época e em tempos vindouros, porém, não foi exclusividade da Alemanha nazista.

É importante considerar que um ego inflado perde muito a noção da realidade, estando muito polarizado no consciente de sua própria existência (egocêntrica), o que consiste em uma regressão da consciência à inconsciência. Quando o ego toma para si aspectos inconscientes fortes demais, perde a capacidade de discriminação que é condição *sine qua non* de toda consciência (SHARP, 1997). Assim, a integração de conteúdos inconscientes é sempre um risco para o ego. No âmbito da mitologia, o herói está sempre sujeito a sucumbir à Grande Mãe, ou mesmo aos desafios da jornada.

Muitos são os fatores que, numa vida individual, podem contribuir para que o ego não consiga integrar adequadamente os conteúdos que se propõe a partir do inconsciente, de modo a responder de maneira eficiente às demandas do mundo. Ao abordarmos a existência dessa contraparte heroica, atentamos para a questão de que um grave problema no desenvolvimento humano é o fato de, não raras vezes, crianças abusadas, física e/ou psiquicamente, entenderem afetivamente os maus tratos recebidos como “merecidos”, ou seja, a criança acreditar que foi cruel ou que agiu mal a ponto de merecer tais castigos (MÜLLER, 1997). A gravidade desse abuso, além de estar no dano psíquico gerado, pode se expandir para o social via perpetuação dos maus tratos pela pessoa abusada que, via vivência da antinomia heroica, pode no futuro ser o abusador.

Com relação às características antissociais, Bilic (2006) levanta a questão de crianças abusadas por colegas em escolas não necessariamente levarem à atuação de atitudes antissociais e que, talvez, tais abusos sejam motivadores de atitudes altruístas (pró-sociais). O mesmo autor também alerta para o fato de que, embora diminuam os atos antissociais com o passar do tempo (acréscimo de idade), aumentam os atos delinquentes.

Esses resultados ganham importância quando nos deparamos com a questão oposta às atitudes pró-sociais, quais sejam, as antissociais e delinquentes, que surgem nos estudos mesmo quando as atitudes pró-sociais se sobressaem (NELSON; BUCHHOLZ, 2003; MA, 2005; RUSHTON et al., 1986). Considerando a importância da presença de características tão opostas, podemos especular de que forma o diálogo entre ambas está sendo considerado e abordado pela cultura moderna.

Conforme afirma Markovits et al. (2003), a partilha (atitude pró-social) possui grande importância na existência humana. Seu estudo nos mostra que a partilha realizada por crianças é mais efetuada quando se trata de direcioná-la a familiares ou amigos próximos, ou seja, quando há um vínculo afetivo formado. Em outros termos, podemos refletir sobre como tendemos em nossa cultura a efetuar ações benéficas ou maléficas ao ente humano que nos é estranho, já que em termos coletivos muitos são marginalizados e abandonados a condições subumanas, além daqueles que recebem violência de maneira mais explícita e direta.

Em termos de gênero, foi possível identificar nos presentes estudos dados que, embora não sejam conclusivos, apontam a violência e a agressividade (atitudes antissociais) mais ligadas ao masculino, e as atitudes pró-sociais relativamente iguais entre os gêneros masculino e feminino (MA, 2005). A questão principal é o fato da diferença significativa (em termos estatísticos) dos comportamentos antissociais dos garotos, já que nos pró-sociais não houve diferença. O autor associa ser rude e dominância às características masculinas de agressividade. Masculinidade é associada pelos garotos a comportamentos pró-sociais, e feminilidade é associada pelas meninas a comportamentos pró-sociais. A feminilidade, nesse estudo, não é associada tanto pelas garotas quanto pelos garotos a comportamentos delinquentes.

A relação entre atitudes pró-sociais e antissociais ou delinquentes também aparece como merecedora de análise, pois, psicodinamicamente, sob o prisma da Psicologia Analítica, podemos observar a vivência heroica e anti-heroica, polaridades de uma mesma vivência. A mítica trágica grega já promulgava a ideia de que quanto maior fosse o herói, maior a possibilidade de incorrer em *hybrys* (FRANCISCATO, 2003; 2007), ou seja, o conceito grego de perda da justa medida, muito presente na tragédia grega, quando os heróis tentavam se apropriar de algo do âmbito divino e sofriam sanções severas dos deuses. Analogamente, podemos entender a sombra heroica como contraparte presente na vivência heroica, seja na mítica, cultura ou na psique.

Zoja (1992) denominou uma instância arquetípica que pode se personificar no que ele chamou de “herói negativo”. Essa atualização acontece quando a necessidade natural do indivíduo em desenvolver-se, ou seja, de individuar-se, encontra barreiras. O anti-heroísmo passa a ser um caminho de desenvolvimento, uma vez que dá ao indivíduo um lugar de existência.

Assim, o herói negativo mostra como a necessidade humana por uma identidade pode irromper através do anti-heroísmo. A energia heroica, a coragem, a potência do fazer e a vontade, nesse dinamismo, atuam não por um bem comum, mas destruindo, consumindo e se fazendo valer na conquista de uma identidade dita negativa. Em termos compensatórios, é o herói renegado ocupando e assumindo sua marginalização.

A encarnação do herói negativo pode encontrar um terreno fértil no psiquismo dos jovens de classes menos favorecidas economicamente, uma vez que a juventude de classe média é ditadora de valores na sociedade, inclusive do individualismo e competição, os quais são difíceis, quando não impossíveis, de serem atingidos por aqueles. Sendo assim, as classes mais pobres, que ingressam

precocemente no mercado de trabalho, não têm a chance de qualificação profissional que as levariam a atender as demandas do consumo material e valorativo da classe média. Unem-se a isso fatores de exclusão, baixa renda, concentração populacional, drogas, gravidez precoce e outros similares (LOSACO, 2005), que segregam a criança e o jovem desse universo. É contra a segregação que o herói negativo se rebela.

O efeito desse tipo de vivência opositora é mais sentido quanto maior for a “contaminação psíquica”, quando há um grande número de pessoas mobilizadas por um apelo irracional de um indivíduo ou grupo (JUNG, 1999). No Brasil, temos vários exemplos de tais vivências, que vão de combates em estádios de futebol a ataques generalizados comandados pelo grupo criminoso do estado de São Paulo, autodenominado “Primeiro Comando da Capital”, o PCC. Eis o perigo da eleição espontânea de um líder que compense a falta de identidade da massa, cuja irracionalidade é “infecciosa” no seio coletivo (JUNG, 1999), já que adentra na sociedade, via seus indivíduos, e é nela e por meio dela que essa força destrutiva e oposta à organização se impõe. É o reclamo por existência, por uma identidade do anti-herói.

Estamos pontuando a questão da exclusão e da violência pelas quais muitas crianças e adolescentes passam em nosso país e, nesses termos, abordamos aqui a importância do repertório contextual da criança e do adolescente, em especial daquele que nasce, cresce e vive em ambientes semelhantes ao dos sujeitos da pesquisa, uma vez que seu desenvolvimento não se resume a este repertório, mas está inexoravelmente atrelado a ele.

Um indício que fortalece essa ideia são os dados da Secretaria de Estado da Segurança Pública do Governo do Estado de São Paulo, por meio de estudos criminológicos que apontam que o aumento de crianças e jovens, de 7 a 19 anos, na

escola no período do final dos anos 90 até 2003, muito possivelmente é um dos fatores que tenha levado à redução de alguns crimes, em especial de homicídios (KAHN; ZANETIC, 2005). Tal informação faz muito sentido quando consideramos que a educação se destaca como a mais rica fonte de estímulos cognitivos e sociais, conjuntamente com o cuidado na primeira infância (BARBA et al., 2003). Nesse sentido, o repertório vivencial irá apresentar os modelos, heroicos ou anti-heroicos, aos seus membros e a vivência que deles advém.

Quanto maior for a exclusão social, a transgressão advinda do processo anti-heroico, portanto, tende a ser maior, emergindo no seio do coletivo de maneira retaliadora à sociedade, como forma de compensação. Esse dinamismo é encarnado por indivíduos identificados com modelos anti-heroicos, em uma tentativa desesperada por encontrar uma definição dentro da cultura, mesmo sendo uma identidade coletivamente entendida como negativa. É o reclamo por existência.

VI Modelos heroicos: pesquisas atuais e elaborações teóricas

Os heróis servem de modelos ao desenvolvimento, e pesquisas atuais revelam isso. Um estudo transcultural com crianças de 10 e 15 anos, feito na Eslovênia e na Irlanda (GASH; BAJD, 2005), demonstra que a escolha dos heróis proporciona o aprendizado da cultura e que, na falta de heróis da cultura, busca-se modelos externos, de outras culturas.

Crianças menores efetuam respostas mais estereotipadas na escolha de modelos, enquanto os adolescentes apresentam diferenças nessas escolhas (GASH; BAJD, 2005; RUIZ et al., 2005). Em outros termos, é afirmado que há uma influência da mídia na escolhas de heróis e que crianças menores tendem a escolher mais modelos próximos, como pais, e as maiores (adolescentes) escolhem modelos distantes, encontrados na mídia ou na história.

A disponibilidade de modelos no contexto da criança e do adolescente abre a possibilidade da vivência arquetípica, uma vez que a consciência precisa de elementos experienciais para a constelação das potencialidades da psique objetiva. Esses elementos do contexto são aqueles que dão o caráter individual à formação do símbolo que emerge de fontes coletivas. Em momentos de estruturação do ego, como a infância, essas imagens com aspectos do ambiente do indivíduo auxiliarão na diferenciação do ego e noção de si-mesmo.

Função formadora: enquanto manifestação dos arquétipos ele [símbolo] promove o desenvolvimento do ego e sua diferenciação do *Self*. É através de experiências lúdicas, plenas de imagens e símbolos que a criança estrutura seu ego no tempo e no espaço (SAUAIA, 2003, p.48).

É válido ressaltar que a qualidade das relações com esses modelos, sejam próximos ou distantes, irá afetar diretamente comportamentos de resposta ao ambiente, de forma a propiciar um bem coletivo ou não. Markovits et al. (2003) aponta a necessidade de estudos para avaliar a larga gama de interações sociais,

visto que seu estudo corrobora com a ideia de que as crianças são eficientes processadores de informação social e que são capazes de reconstituir um complexo padrão de comportamento de seus modelos internos. Ele pôde avaliar que a qualidade da relação, boa ou ruim, é um forte determinante para as crianças na partilha ou não de alimentos.

Algo semelhante acontece com o conceito de injustiça, em que a criança aumenta sua percepção de atitudes injustas com o ganho da idade (DELLA'GLIO; HUTZ, 2001). Com esse crescimento, a incorporação de valores infantis sem muito questionamento vai cedendo espaço às reflexões do adolescente e sua capacidade de abstrair os princípios sociais e busca de seus valores. A configuração familiar, seus valores e ideias serão vivenciados de outra forma neste momento (LOSACCO, 2005).

Esses dados nos oferecem conceitos importantes, já que o herói se confunde com seu feito, ou seja, com o que faz (ALVARENGA, 1999; 2000; 2008). Dessa forma, a escolha dos modelos, segundo as pesquisas acima nos apontam, está diretamente ligada a suas atitudes. De igual forma, como já abordado, os modelos injustos, agressivos e opressores, e os valores a eles relacionados, também compõem o leque disponível à identificação por parte das crianças e jovens.

O âmbito de ação do herói, nesse sentido, pode ser o expoente da consciência na expressão de sua identificação com os valores construtivos à cultura, pois conforme pudemos observar, atributos que visam ou não ao bem comum, apresentam-se desde muito cedo no desenvolvimento humano. Esses atributos aparecem em pesquisas sobre desenvolvimento como conceitos acerca da moral humana ou estudos acerca de atitudes (comportamentos, ideias, escolhas, imaginação) pró-sociais, antissociais e delinquentes (altruísmo, generosidade, agressividade, justiça, injustiça) (RUSHTON et al., 1986; DELL'AGLIO; HUTZ, 2001;

MAZZESCHI et al., 2001; MARKOVITS et al., 2003; NELSON; BUCHHOLZ, 2003; GASH; BAJD, 2005; MA, 2005; LA TAILLE, 2006; BILIC, 2006).

Dentre esses estudos, é grande o número de textos e pesquisas a respeito do altruísmo, e raros os que tratam sobre o tema da generosidade (LA TAILLE, 2006; KRADIN, 1999).

Para Kradin (1999), generosidade está no âmbito da motivação e da relação afetiva entre dois sujeitos, o que, por sua vez, implica uma resposta compartilhada de caráter gerador ou inspirador (*generative*), enquanto o altruísmo permanece na extensão do indivíduo, ou seja, não é necessariamente “fértil”, gerador e inspirador na vivência entre sujeitos. Em relação ao desenvolvimento, a generosidade do adulto e sua capacidade de empatia na relação com a criança, portanto, configura-se como necessária ao próprio desenvolvimento do ego da criança. Além de entender as necessidades da criança (empatia), cabe aos cuidadores a disposição em supri-las (generosidade).

La Taille (2006) coloca o altruísmo como um dos aspectos da generosidade e se esforça em distingui-la da noção de justiça durante o desenvolvimento da moral humana. Propõe o entendimento da generosidade enquanto um ato de realização em benefício de outrem e elabora um “tripé” basilar para a constituição do conceito de generosidade, sendo estes três pilares: o altruísmo (benefício de outro); sacrifício (“dom de si”, uma doação) e uma necessidade singular. Alega que, embora possa ser considerada altruísta, a justiça nem sempre o é, pois o fato de poder ser reivindicada legalmente, exigida, faz dela um dever e não um ato necessariamente altruísta.

Em termos junguianos, podemos refletir sobre aqui residir a diferença entre a estruturação social patriarcal e uma instalação do patriarcado na sociedade mais

completa, ou seja, a justiça possui aspectos do patriarcado, como a norma e a ética, mas não institui necessariamente o Outro simbolicamente.

A generosidade, por não poder ser legitimamente imputada, é altruísta, não podendo ser exigida, apenas desejada. Um segundo aspecto do “tripé” discutido por La Taille é com relação ao bem comum exigido pela justiça, ou seja, há um benefício de outrem e também de si ao exercer um ato justo, enquanto a generosidade é um ato que só leva em consideração o desejo do outro, isto é, na justiça não há necessariamente abnegação ou sacrifício, na generosidade sim. Paradoxalmente, na impossibilidade de legislação da generosidade, ela se aproxima mais do patriarcado do que a justiça positivada na forma de leis.

O terceiro e último ponto de distinção entre os conceitos discorre a respeito de a justiça considerar o sujeito de direito (todos os seres humanos), e a generosidade o sujeito singular, sua necessidade singular, e não um direito geral. No entanto, o autor ressalta que a generosidade pode ser considerada pertencente ao domínio moral coletivo, por ser altruísta, e também ao domínio pessoal, como já mencionado.

Kradin (1999) completa a abordagem do conceito com a proposta do contraponto ou sombra da generosidade, o que ele denominou “Pseudogenerosidade”, enquanto uma forma desse aspecto sombrio. Pseudogenerosidade refere-se a atitudes “generosas”, em prol do outro, que são motivadas justamente pelo contraposto, ou seja, o narcisismo.

Considerando, dessa forma, as atitudes de convívio coletivo e a qualidade dessas relações, seguimos a proposta de uma abordagem sobre a escolha do herói estar ligada de forma intrínseca aos modelos vividos no cotidiano. Uma vez que o herói é o representante simbólico da diferenciação da consciência do indivíduo com o meio, os modelos heroicos e atribuições de qualidades a estes podem nos

oferecer os valores da cultura, que se opõem ou não ao bem coletivo, conforme pudemos constatar nas pesquisas e trabalhos acima citados.

Para além da generosidade e outros aspectos que visam ao bem coletivo, o herói mítico oferece várias outras qualidades, as quais serão expostas no próximo item. A separação entre estas se deu apenas para facilitar a exposição das pesquisas a respeito dos modelos e qualidades presentes nos heróis, e a escolha por parte das crianças e adolescentes, na presente pesquisa, relativa às qualidades heroicas.

VII Qualidades heroicas

A incumbência do herói é apresentar as virtudes e valores humanos mais nobres, justamente por estar conectado aos interesses e necessidades do coletivo, levando-nos a conservá-los e nos inspirarmos nestes (MÜLLER, 1997), mesmo isso não sendo uma regra na mítica heroica, pois o herói também serve de modelo no sentido oposto, qual seja, “o modelo a não ser seguido”. Como o herói é aquele que tem como característica habilidades especiais (FURTADO, 2006), estaremos abordando algumas características heroicas assim chamadas positivas, uma vez que a tendência de sua aparição é nesse sentido.

O fascínio pelo herói começa por sua “aura” pioneira, aquele que busca o novo (ALVARENGA, 2008), o inusitado, até mesmo o perigoso, em virtude de uma necessidade, pessoal e coletiva. É a própria essência do processo de individuação, o conhecimento de si em direção ao outro, em outros termos, a necessidade do outro. A abertura para o novo, o “saber”, proposto por Müller (1997), é aspecto inicial ao herói, é a curiosidade e disposição em conhecer mais que precedem o chamado heroico. O herói sabe o que fazer, sempre soube de sua gesta (direcionamento), pois é um reclamo arquetípico na busca de si mesmo (ALVARENGA, 1999). De igual maneira, esse desejo pelo saber propicia seu encontro e reconhecimento com figuras de sabedoria sobrenatural e instrumentos que lhe serão úteis (CAMPBELL, 2002; 2003).

A coragem aparece como outro aspecto heroico que consideramos importante abordar. O “ousar”, segundo Müller (1997), leva o herói a aceitar o convite à sua jornada, mesmo sendo advertido por seus iguais ou por seus próprios sentimentos e medos pessoais. A coragem o mantém aberto ao novo e capaz de suportar suas próprias aflições. A dedicação do herói para com sua missão, imposta ou escolhida (FURTADO, 2006), liga-se à sua coragem, uma vez que, via de regra, a jornada é,

em grande parte, desconhecida. Ocorre, já nesse ponto, um sacrifício, a missão tem prioridade.

É por isso que podemos afirmar que a jornada heroica não se completa sem a persistência, o “querer” (MÜLLER, 1997), que o conduz nos momentos mais críticos. O querer é um dos principais atributos da consciência, instância psíquica da qual o herói é representante simbólico. Embora seja limitado, o querer heroico mobiliza o conflito de opostos, sua inserção no campo psíquico movimenta forças compensatórias do inconsciente, via princípio da equivalência (GRINBERG, 2003).

A obstinação presente no querer heroico liga-se, muitas vezes, à sua disciplina, o “calar-se” (MÜLLER, 1997), ou seja, sua relativa autonomia e suporte emocional. O herói e seus feitos se confundem (ALVARENGA, 1999), e um dos pontos obrigatórios à constituição heroica é o mergulho em si, a introspecção. Esse aspecto aparece representado pelo momento solitário do herói em sua jornada, é o mergulho em si na busca por um isolamento e diferenciação. O estar apenas consigo mesmo e ter uma noção aproximada de suas habilidades é uma das qualidades mais presentes no herói. O calar-se heroico evoca a mensagem de que a vivência heroica é individual e indelegável, ou seja, não há como se fazer com o herói do outro, uma vez que o herói anuncia o novo, e este só será inédito por meio da vivência individual e solitária.

Para facilitar na descrição de outras características gerais dos heróis míticos, recorreremos a Judy (1998), que propõe três modelos de herói: herói-guerreiro, herói-transcendente e herói-criativo. Cada qual conta com características predominantes que marcam sua regência na psique humana.

O herói-guerreiro se apresenta como dotado de agressividade, na tentativa de libertação da natureza e subjugação da mesma. Seu âmbito de atuação se aproxima do visceral, um dispêndio de energia contra as forças da natureza que o geraram, o

que tende a polarizar-se na destrutividade. Um representante desse modelo é o grego Héracles. Em contrapartida, as características positivas destacadas do herói-guerreiro são: força, capacidade de sacrifício em prol de causas nobres, disponibilidade no servir e distribuir justiça, amizade inabalável por seus iguais, coragem, perseverança, decisão, resistência e lealdade a um bem maior (JUDY, 1998).

Embora conte com características do herói-guerreiro, a espiritualidade e a introversão na busca pelo Eterno forjam o pilar central do herói-transcendente, o segundo modelo elaborado pelo autor. Ao contrário do herói-guerreiro, o herói-transcendente está ligado à busca pelo individual. Nesse dinamismo, em termos simbólicos, o instrumento de ação não é a foice, mas sim a oração, o raio. Dionísio representa esse modelo, bem como Cristo na cruz, ou seja, o desmembramento, o sacrifício redentor da carne na busca pelo espiritual. Os aspectos principais da regência do herói-transcendente são a valorização dos processos mentais, o recolhimento psíquico, necessário frente aos ditames culturais, a separação do coletivo, harmonização de si próprio na solidão (JUDY, 1998).

O mesmo autor propõe um herói-criativo, um modelo capaz de sintetizar uma dialética entre o herói-guerreiro e o herói-transcendente, não somente como uma vivência heroica mais ampliada, mas como uma solução à civilização ocidental:

A solução envolve uma realização do indivíduo. Através de uma jornada interior isolada, o homem e a mulher ocidental encontram em seu próprio centro de poder, sabedoria, autoridade e personalidade. É através da criatividade dessas pessoas que novas formas de vida coletiva surgem. Não iremos depender do coletivo para obter referências a uma atitude individual; pelo contrário, daremos apoio ao individual e permitiremos que a vida coletiva siga-o, moldando novas formas no plano social (JUDY, 1998, p.179).

A figura de Cristo “em glória”, ressuscitado, seria uma representação do herói-criativo, o que une a força do herói-guerreiro e a busca espiritual do herói-transcendente, a união do masculino e do feminino, espírito e matéria. O herói-

criativo carrega as características positivas dos modelos anteriores, bem como atua como uma solução à polarização de ambos (JUDY, 1998), é um terceiro elemento resultante de tal bipolaridade.

Uma proposta próxima desse conceito é a dinâmica do coração de Alvarenga (2000; 2008), que seria a passagem do dinamismo patriarcal para o encontro consigo e com o Outro, em que “um” e “outro” estão presentes e atuantes numa relação prospectiva de totalidade, em uma dinâmica de alteridade. Nesse heroísmo, as qualidades maiores são a diferenciação do indivíduo e seu movimento de encontro ao outro, as quais promovem o resgate de aspectos positivos do matriarcado e patriarcado.

Entendemos que ser inteiramente na lei e na ordem, com justiça, ou seja, no exercício pleno do patriarcado, somente será realidade possível quando as demandas da dinâmica do coração já estiverem presentes. Assim, os humanos serão na dinâmica patriarcal por inteiro se alicerçados na dinâmica do coração. Da mesma forma, somente serão inteiramente na dinâmica do coração se alicerçados na dinâmica da totalidade. A dinâmica do coração retoma, de forma reflexiva, a conjunção do bem e do mal como realidades concomitantes. A demanda por transcender o patriarcado só se fará com a mítica do Cristo: “Ama ao teu próximo como a ti mesmo” (ALVARENGA, 2000, p.146).

Além da dinâmica do coração, o herói cristão ilustra também outra qualidade heroica arquetípica: a generosidade. Esse conceito, pouco trabalhado dentro da Psicologia (LA TAILLE, 2006), aparece na mítica heroica na alegoria do retorno do herói, quando este compartilha suas conquistas com seus iguais, dando indícios de sua raiz arquetípica (KRADIN, 1999).

Retrocedendo à sua etimologia dentro da língua inglesa e latina, encontramos atrelado à generosidade o significado relativo à geração e também ao coletivo, aspectos que Kradin considera ser de suma importância a respeito do conceito:

De acordo com o Dicionário de Inglês Oxford (Weiner & Simpson 1989), generoso implica na disposição para compartilhar sem egoísmo (ou altruisticamente). Uma amplificação etimológica fornece o contexto semântico para generosidade. Generoso é cognato com gerador, que é a habilidade de trazer para existência ou criar, e suas origens latinas, *genus*, significando tribo, se refere às palavras anglo-saxãs *kin* e *cyng*, precursoras da palavra inglesa King (rei). Em outras palavras, ser generoso é ser real, uma qualidade humana distintamente caracterizada pela habilidade de inspirar a nobreza nos outros (KRADIN, 1999, p. 224)⁴.

Carneiro (2003) afirma que Descartes considerava a generosidade como a virtude capaz de mediar e harmonizar a vontade e o conhecimento. Para ele, a entrega aos desejos da vontade originaria os erros humanos, inclusive os morais. O conhecimento, por sua vez, libertaria e iluminaria o pensamento e ações humanas. No entanto, a generosidade englobaria vontade (atividade) e conhecimento (passividade), levando à libertação das paixões de maneira concomitante com a clareza e o entendimento de uma verdade maior. Nesse sentido, a generosidade, para Descartes, estaria na base do que ele chama de verdadeiro “eu”, ela é a mediação entre entendimento (conhecimento passivo) e vontade (virtude ativa), que possibilita ao “eu” atingir o ponto mais elevado da sabedoria, qual seja, o da ciência moral. Assim, não só a convivência social, o coletivo, beneficia-se, mas também o indivíduo que alcança a generosidade, pois ao se apropriar dos benefícios da generosidade, o “eu” torna-se senhor de si.

Campbell (2003) propõe que o pensamento de Schopenhauer entendia que o sacrifício de si, da própria vida em benefício de outrem, acontece quando há uma percepção metafísica de unicidade com o outro, na qual a aparente separação existente entre o eu e o outro ocorre devido a uma limitação de nossa percepção no tempo e no espaço. Existem percepções espontâneas desse sentimento, que seriam, segundo o filósofo, a verdadeira realidade da vida.

A partir desses aspectos da generosidade, La Taille separa a problemática acerca do conceito no campo da Filosofia e da Psicologia:

⁴ Tradução nossa.

Todo o problema filosófico reside em *situá-la*, no campo da moral, e todo problema psicológico consiste em saber se desempenha algum papel, e qual, na formação do sujeito moral (LA TAILLE, 2006, p.10).

O mesmo autor, em pesquisa com crianças de 6 a 9 anos de idade e de ambos os sexos, verificou os princípios de justiça na distribuição de alimentos enquanto recompensa, por meio da distribuição (hipotética) de recompensas, efetuada pelas mesmas, a personagens fictícios de pequenas histórias que continham atitudes não generosas e injustas. A partir dos resultados, hipotetizou que a generosidade não só está presente no universo moral infantil, como é mais bem assimilada e integrada à consciência moral do que a justiça. Isso devido ao fato de a generosidade possuir raízes mais profundas na psique infantil do que a justiça, estando presente, inclusive, no desenvolvimento desta.

Uma vez que a externalização da generosidade parece se aproximar de uma ordenação apriorística (LA TAILLE, 2006), essa habilidade heroica, ao que tudo indica, parece não poder ser reduzida à aprendizagem externa a partir de modelos, apenas pode ser facilitada ou não pelo repertório externo. Segundo Kradin (1999), podemos assim considerar a generosidade para além do campo da inter-relação, pois ela parece surgir como um dinamismo de desenvolvimento intrapsíquico pessoal, que funciona como um motivador no diálogo entre o ego e o Self no processo de individuação.

Não pretendemos aqui esgotar as habilidades heroicas, mas sim pontuar questões acerca de características comumente encontradas ao redor dessa figura. A ênfase dessas qualidades está em abordar a necessidade de uma constante concentração de energia durante a feita heroica, o que, em termos psíquicos, é a tarefa egoica para sua estruturação e ampliação diante das demandas do inconsciente profundo e do ambiente externo. De igual importância, essas

qualidades apontam para o diálogo do herói com o coletivo e com o transcendente, alegoria da regressão e progressão da libido presentes no processo de individuação.

VIII Objetivos

- Verificar quais são os modelos heroicos predominantes nas crianças e adolescentes assistidos por um Projeto Social no interior do estado de São Paulo.
- Refletir sobre a importância destes enquanto modelos de identidade.

IX Método

1 Característica do estudo

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo, que objetivou realizar uma verificação dos modelos heroicos das crianças e adolescentes e suas possíveis implicações na formação de sua identidade.

Tratou-se de uma pesquisa de levantamento de dados, uma vez que foi realizada uma averiguação sobre quais eram os modelos heroicos dos sujeitos, suas respectivas habilidades e o uso que fariam dessas habilidades caso as possuíssem, em uma população de crianças e adolescentes participantes de um Projeto Social.

O estudo foi transversal, visto que contou com sujeitos com idades entre 06 e 16 anos, tendo como variáveis idade e gênero.

2 Sujeitos

Foram entrevistados 188 sujeitos, crianças e adolescentes, integrantes de um Projeto Social financiado por uma Organização Não-Governamental na cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo.

O Projeto atende crianças e adolescentes entre 06 e 16 anos de idade, de segunda a sexta-feira, divididos em dois períodos: pela manhã, jovens de 11 a 16 anos de idade; e à tarde, crianças de 06 a 10 anos de idade. No entanto, alguns alunos do período da tarde possuem 11 anos de idade, isso se deve a critérios específicos de cada caso efetuados pela instituição. Os sujeitos encontram-se regularmente matriculados no ensino público e contam com auxílio pedagógico do projeto.

O critério principal de inclusão dos sujeitos da pesquisa, portanto, é pertencer ao Projeto.

3 Local de coleta

Os dados da pesquisa foram coletados na cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo, em uma Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, financiada e gerida pela iniciativa privada. Localiza-se em um bairro periférico da cidade que tem como característica baixa condição socioeconômica.

4 Instrumentos

O instrumento utilizado foi entrevista semiestruturada dividida em duas partes:

a) Ficha de identificação sociodemográfica, visando à verificação dos seguintes aspectos: idade, sexo, escolaridade, número de irmãos, ordem de nascimento, composição familiar, atividades extraescolares e religião.

O item “Composição Familiar”, obtido pela primeira parte da entrevista, a Ficha de identificação sociodemográfica, foi assim categorizado:

Famílias constituídas: formação familiar dita tradicional, composta pelos pais e/ou pais e irmãos, com a presença ou não de outros familiares residindo com a família.

Reconstituídas: formação familiar reconfigurada, consistindo na presença de um dos pais (pai ou mãe) com madrasta ou padrasto, com a presença ou não de outros familiares residindo com a família.

Não-reconstituídas: formação familiar em que há a presença de um dos pais (pai ou mãe) sem a inserção de madrasta ou padrasto, com a presença ou não de outros familiares residindo com a família.

Outros: sem a presença de algum dos pais ou não respondeu.

b) Questões elaboradas pelo pesquisador contendo quatro perguntas:

1- O que é um herói para você?

2- Qual(is) seus(s) herói(s) preferido(s)?

3- Que poderes ele(s) tem?

4- O que você faria se você tivesse os mesmos poderes que ele(s)?

As questões foram elaboradas pelo pesquisador, que tomou como base sua realidade clínica, pois estas surgiram do atendimento na mesma instituição pesquisada. As questões tiveram por fundamento teórico as ideias de Jung (2002a; 1986a; 2000b) e Campbell (2002; 2003), no que se refere ao arquétipo e mito do herói; e de Byington (1983), Fordham (2001), Withmont (2004) e Kast (1997) acerca do desenvolvimento humano.

As questões (anexo 5) visaram coletar dados referentes aos seguintes aspectos:

- **Definição de herói** (questão 1);
- **Heróis eleitos** (questão 2);
- **Poderes e capacidades desses heróis** (questão 3);
- **Fantasia a respeito do que fariam os sujeitos caso possuíssem as habilidades dos heróis escolhidos** (questão 4).

Partimos do pressuposto de que as crianças possuem modelos heroicos. Essa ideia é apoiada pela Psicologia Analítica em seus estudos sobre o desenvolvimento humano, como podemos comprovar nas palavras de Fordham:

A razão pela qual a criança precisa desenvolver sua função superior e valer-se dela é que a inferior contradiz a superior: a introversão contradiz a extroversão, o pensamento contradiz o sentimento e a intuição contradiz a sensação. Se ela aceitar todas, se verá diante de um problema dos opostos, entre os quais se espera que oscile e dos quais precisa libertar-se. Nisso está a razão para as crianças buscarem figuras ideais, como o herói que luta contra seu oposto (FORDHAM, 2000, p.19).

Ambas as partes do instrumento foram aplicadas de forma oral e registradas de forma escrita por estagiárias de Psicologia selecionadas e treinadas pelo pesquisador. O principal critério de escolha das estagiárias foi o fato de estas terem realizado um trabalho acadêmico prático (interventivo) no ano anterior ao da coleta

de dados da pesquisa. Esse aspecto foi entendido como importante, uma vez que ambas as estagiárias já conheciam a população e a instituição, bem como o psicólogo pesquisador. Isso facilitou o acesso delas à população e o treinamento efetuado pelo pesquisador.

A escolha da entrevista como instrumento de coleta foi motivada pelo fato de que grande parte dos sujeitos não sabe ler e/ou escrever, sendo necessário o registro das respostas por parte do entrevistador. Embora a entrevista única (um único encontro) possa ser considerada um instrumento que limite a comunicação e relação entre sujeito e pesquisador (GONZALEZ REY, 2005), acreditamos que esta se configura como meio mais adequado a uma investigação inicial (pesquisa de levantamento de dados) sobre o tema, conforme o objetivo da pesquisa.

5 Procedimentos

5.1 Contato com a população

Foi feito contato com a direção do Projeto convidando seus alunos a participarem como sujeitos da pesquisa de forma voluntária e gratuita. Foram fornecidos a Carta de Apresentação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ambos seguem como anexos 2 e 3), que foram assinados e devolvidos.

5.2 Duração e sequência da aplicação do instrumento

As estagiárias de Psicologia realizaram a entrevista junto aos sujeitos, com duração aproximada de 15 minutos, em uma sala reservada dentro do Projeto. Foi feita uma apresentação e explicação da pesquisa, quando foi explicitada a não obrigatoriedade de participação ou a possibilidade de desistência de participação na pesquisa a qualquer momento posterior à entrevista. Então foi realizada a entrevista de forma oral, sendo as respostas registradas de forma escrita pelas estagiárias.

5.3 Análise

Os dados foram avaliados de acordo com a abordagem quantitativa e qualitativa, tendo como referencial teórico a Psicologia Analítica. Para organizar e sistematizar a análise a partir dos dados obtidos, foram estabelecidas categorias para cada questão da entrevista.

- **Questão 1.** No que se refere à definição de herói, foram criadas as seguintes categorias:

- **Protetor-salvador:** modelo heroico que protege salvando, independentemente da forma do salvamento.

- **Protetor-cuidador:** modelo heroico que protege cuidando e ajudando.

- **Protetor-salvador e Protetor-cuidador:** categoria mista, em que as atribuições de proteção e salvamento, bem como de proteção e cuidado, apareceram na definição de herói.

- **Outros:** consta em todas as respostas que não se referem a nenhuma das categorias anteriores. Essa categoria também inclui outras, mistas ou não, elaboradas inicialmente, sendo aqui agrupadas devido a sua baixa frequência de respostas, são elas: Mestre; Protetor-salvador e Mestre; Protetor-salvador e Outros; Protetor-cuidador e Mestre; Protetor-cuidador e Outros; Mestre e Outros; Protetor-salvador, Protetor-cuidador e Mestre; Protetor-salvador, Protetor-cuidador e Outros; Protetor-salvador, Protetor-cuidador, Mestre e Outros.

A categoria “Mestre”, inclusa na categoria “Outros”, diz respeito a um modelo heroico que orienta, aconselha, não fazendo uso da força, mas sim da sabedoria. A princípio, essa era uma categoria à parte, mas devido à sua baixa aparição nas respostas, foi mesclada à categoria “Outros”.

- **Questão 2.** Quanto aos heróis escolhidos, foram criadas duas categorias:

- **Heróis fictícios:** todos os personagens de desenho animado, de filmes, míticos, religiosos, literários e similares. Em outros termos, são personagens não existentes de forma objetiva.

- **Heróis reais:** consistem em pessoas reais, próximas ou não do cotidiano dos sujeitos.

Tais categorias (questões 1 e 2) baseiam-se na ideia da multiplicidade de características heroicas, que variam em aspectos importantes, tanto no mito quanto no desenvolvimento humano (BYINGTON, 1983; VARGAS, 1990; CAMPBELL, 2002; 2003; LIMA FILHO, 2002).

- **Questão 3.** Acerca dos poderes heroicos, foram elaboradas três categorias:

- **Poderes humanos:** são todas as características e atributos humanos referentes aos heróis reais.

- **Poderes sobre-humanos:** engloba todas as referências a poderes divinos, uso de instrumentos fantasiosos, ou poderes que não se aplicam na vida real.

- **Outros:** respostas que não se referem às questões anteriores.

- **Questão 4.** No que tange ao uso dos poderes dos heróis, foram criadas quatro categorias:

- **Solidariedade-benefício alheio:** todas as respostas em que o uso do poder pelo sujeito se refere a um benefício para outra pessoa, seja especificado ou abrangente.

- **Benefício próprio:** contém as respostas em que o único beneficiado pelo uso do poder é o próprio sujeito.

- **Solidariedade-benefício alheio e Benefício próprio:** conta com respostas em que o benefício no uso do poder está direcionado tanto ao sujeito como a outras pessoas, de forma indireta ou direta.

- **Outros:** respostas em que o uso do poder em nada beneficia alguém, ou não é dado uso algum aos poderes.

5.4 Tratamento dos dados

Depois da aplicação dos instrumentos de coleta de dados e após a organização em categorias dos dados obtidos, foram adotados os seguintes procedimentos: criação de quadros no programa de computador Microsoft Excel, sendo um destinado ao registro das informações obtidas na Ficha de identificação sociodemográfica e outro para a organização dos dados referentes às questões. As categorias foram todas, em outro momento, separadas por grupos de idade e também grupos de gênero.

Esses quadros foram colocados em justaposição em um único arquivo para o estabelecimento de correlações desejadas. Em seguida, para possibilitar a manipulação dos dados pela Estatística, todas as respostas contidas nas categorias foram codificadas. A Prof^a. Yara Pisanelli, consultora em estatística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, utilizou o programa de computador SPSS 14.0 (*Statistical Package of Social Sciences*), um programa adequado para tratamento estatístico em pesquisas na área das Ciências Humanas (BISQUERA et al., 2004). Na presente pesquisa, o programa foi utilizado para organizar os dados sociodemográficos e as categorias de resposta, verificando medidas de porcentagem, significância estatística e estabelecendo correlações de *qui* quadrado quando possível.

6 Cuidados éticos

Efetuaram-se os seguintes cuidados éticos descritos a seguir:

a) Parecer sobre o projeto: o projeto então intitulado “Alteridade na vivência heróica: modelos heróicos no desenvolvimento infantil e adolescente e processo de individuação” foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, obtendo o parecer de aprovação (anexo 1), somente então sendo iniciada a coleta de dados. O título do projeto de pesquisa modificou-se, para o atual, após sua aprovação, uma vez que ficou mais condizente com os objetivos da pesquisa efetuada, sem, no entanto, apresentar qualquer outra modificação em sua estrutura após a aprovação do comitê de ética em pesquisa. O título da pesquisa, portanto, é: “Modelos heroicos no desenvolvimento infantil e adolescente: uma compreensão junguiana”.

b) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: foi entregue e explicado pelo pesquisador para o responsável legal e administrativo dos sujeitos e da instituição para ser assinado. O termo foi elaborado de acordo com a Resolução 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Este também foi usado para: 1 - informar os sujeitos e o responsável pelos sujeitos sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, falar das garantias de acesso às informações a qualquer momento, ou solucionar possíveis dúvidas; 2 - informar sobre o direito de retirar o consentimento e deixar de participar do estudo em qualquer tempo, sem prejuízo de qualquer natureza; 3 - informar sobre a confidencialidade, sigilo e privacidade dos sujeitos em caso de futuras publicações.

c) Termo de Compromisso do Pesquisador: este termo de compromisso, assinado pelo pesquisador e sua orientadora, foi lido e entregue para o responsável da entidade. Nesse documento, o pesquisador compromete-se a uma atitude científica ética em seus pressupostos basilares da honestidade, sinceridade, competência e discrição, bem como a não realizar pesquisa que possa gerar riscos

às pessoas envolvidas, em especial aos sujeitos da pesquisa; não infringir as normas do consentimento informado; comunicar ao responsável pelos sujeitos, tendo em vista a menoridade destes, todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado, incentivando e proporcionando a oportunidade de realização de perguntas; respeitar a negação em participar da pesquisa quando esta partir dos sujeitos, mesmo que haja a autorização de seus responsáveis.

d) Devolutiva: os responsáveis pela instituição e responsáveis (familiares ou não) pelos sujeitos serão informados sobre a devolutiva, que será efetuada após a conclusão da pesquisa, para que uma exposição geral do estudo, os resultados e a conclusão sejam apresentados para a instituição, bem como para seus profissionais e comunidade (pais e parentes dos alunos).

X Resultados e discussão

1 Sujeitos: dados sociodemográficos

A primeira parte da entrevista forneceu os dados sociodemográficos, os quais podemos verificar nas seguintes tabelas:

Tabela 1 – Distribuição da população quanto ao gênero

Gênero	%
Masculino	55,9
Feminino	44,1
Total	100,0
N	188

Na tabela 1, temos a população total, que conta com 55,9% de sujeitos (105 indivíduos) do sexo masculino e 44,1% (83 indivíduos) do sexo feminino.

Tabela 2 – Distribuição da população quanto ao gênero no Grupo 1

Gênero	%
Masculino	60,9
Feminino	39,1
Total	100,0
N	87

A tabela 2 apresenta que o Grupo 1 – alunos do período da manhã de 11 a 16 anos de idade – é composto por 46,3% da população total (87 sujeitos), do quais 60,9% (53 sujeitos) são do gênero masculino e 39,1% (34 sujeitos) são do gênero feminino.

Tabela 3 – Distribuição da população quanto ao gênero no Grupo 2

Gênero	
Masculino	51,5
Feminino	48,5
Total	100,0
N	101

O Grupo 2 – formado por alunos do período da tarde, com crianças de 06 a 11 anos, conforme podemos averiguar na tabela 3 – conta com 51,5% de sujeitos (52 indivíduos) do sexo masculino e 48,5% (49 sujeitos) do sexo feminino. Esse grupo equivale a 53,7% da população total (101 sujeitos).

Tabela 4 – Distribuição da população quanto à escolaridade

Série Escolar	%
1ª série	16,5
2ª série	12,8
3ª série	11,2
4ª série	17,0
5ª série	13,8
6ª série	18,1
7ª série	8,5
8ª série	2,1
Total	100,0
N	188

Podemos observar que a maior frequência está na 6ª série do ensino fundamental e que ocorre uma queda drástica nas séries seguintes. Os dados contidos na tabela 4 demonstram a diminuição do número de alunos em séries mais avançadas da educação básica. Embora a maior incidência seja de sujeitos em uma série intermediária, as séries iniciais (1ª e 2ª séries) contam com um número maior de sujeitos em relação às séries finais (7ª e 8ª séries).

Os sujeitos pesquisados frequentam o ensino público, sem exceção, e contam com auxílio pedagógico do Projeto. A população encontra-se dentro da faixa escolar da 1ª à 8ª série do ensino fundamental. A maior incidência é de alunos na 6ª série, e as menores na 7ª e 8ª séries.

Esses dados, especificados nas tabelas 5 e 6, demonstram mais uma característica da população em relação ao ensino formal, ou seja, o afastamento deste com o aumento da idade. É nesse espaço que instituições sociais privadas

surtem, uma vez que o Estado e as famílias parecem não conseguir, muitas vezes, manter alunos na escola.

Tabela 5 – Distribuição da população quanto à escolaridade por gênero

Série Escolar	Masculino	Feminino	% Total
1ª série	18,1	14,5	16,5
2ª série	9,5	16,9	12,8
3ª série	14,3	7,2	11,2
4ª série	11,4	24,1	17,0
5ª série	13,3	14,5	13,8
6ª série	22,9	12,0	18,1
7ª série	9,5	7,2	8,5
8ª série	1,0	3,6	2,1
Total	100,0	100,0	100,0
N	105	83	188

A população, em termos de gênero, divide-se quanto à escolaridade, conforme a tabela 5 nos apresenta. A maior incidência de meninas, 24,1 % (20 sujeitos), aparece na 4ª série, enquanto a de meninos, 22,9% (24 sujeitos), na 6ª série.

Tabela 6 – Distribuição da população quanto à idade e escolaridade

Série Escolar	Grupo 1 11 a 16 anos	Grupo 2 6 a 10 anos	Total
1ª série	0,0	30,7	16,5
2ª série	0,0	23,8	12,8
3ª série	1,1	19,8	11,2
4ª série	6,9	25,7	17,0
5ª série	29,9	0,0	13,8
6ª série	39,1	0,0	18,1
7ª série	18,4	0,0	8,5
8ª série	4,6	0,0	2,1
Total	100,0	100,0	100,0
N	87	101	188

Fica evidente, na tabela 6, o distanciamento do ensino formal conforme a aproximação com as séries mais avançadas do ensino fundamental, embora seja válido ressaltar que, entre os membros da população estudada, uma parcela pequena tem idade para pertencer às duas séries mais avançadas. Fato esse da realidade da instituição participante da pesquisa, que também pode ser entendido como equivalente ao da realidade escolar, ou seja, uma procura menor dos adolescentes em relação às crianças por um atendimento sistematizado que envolva educação.

É válido ressaltar que, embora haja uma diminuição de jovens na escola em séries mais avançadas, estudos mostram um aumento de matrículas de crianças e adolescentes no estado de São Paulo na última década (KHAN; ZANETIC, 2005).

Tabela 7 – Distribuição da população quanto a atividades extras

Atividade fora projeto e escola	% Válida
Nenhuma	80,3
Atividade extra	19,7
Total	100,0
N	188

Podemos perceber, na tabela 7, que o tempo de permanência no projeto social ocupa grande parte das demais horas vagas dos sujeitos, ou seja, no período (manhã para os sujeitos do grupo 1 e tarde para os sujeitos do grupo 2) em que não estão na escola estão no Projeto. Isso faz com que muitas de suas necessidades, alimentares, higiênicas, de saúde e educacionais (artísticas, cognitivas e físicas) sejam supridas por ambas as instituições, a pública (escola) e privada (ONG/Projeto).

Tabela 8 – Distribuição da população quanto a atividades extras por gênero

Atividade fora projeto e escola	Masculino	Feminino	Total
Nenhuma	79,0	81,9	80,3
Atividade extra	21,0	18,1	19,7
Total	100,0	100,0	100,0
N	105	83	188

Com relação ao gênero, a distribuição dos sujeitos que exercem ou não atividades extras é muito próxima, não apresentando diferenças numéricas grandes, como nos apresenta a tabela 8. Esse fato já ganha outros contornos quando a observação passa a ser feita com relação à idade.

Tabela 9 – Distribuição da população quanto a atividades extras por idade

Atividade fora projeto e escola	Grupo 1 11-16 anos	Grupo 2 06-11 anos	Total
Nenhuma	67,8	91,1	80,3
Atividade extra	32,2	8,9	19,7
Total	100,0	100,0	100,0
N	105	83	188

Observa-se, na tabela 9, que os membros do Grupo 2, quase em sua totalidade (91,1%), não participam de atividades extras à escola e ao Projeto, enquanto que uma porcentagem considerável (32,2%) do Grupo 1 relata participar de atividades extras.

O Projeto em questão, assim como a escola de maneira geral, absorve a população e indica preencher muitas carências dos sujeitos pesquisados. Esse dado aparece com relevância, uma vez que para as crianças mais novas, oriundas de famílias de baixo poder socioeconômico, a educação exerce grande parte da função de propiciar estímulos sociais e cognitivos (BARBA et al., 2003). Esse atendimento ganha importância se partirmos do ponto de que a OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico –, órgão da UNESCO, trouxe em 2002

um estudo que afirma serem inseparáveis os conceitos de cuidado e educação desde a primeira infância e que devem ser levados em consideração desde a época pré-escolar (BARBA et al., 2003).

Vale ressaltar que o Grupo 1, dos adolescentes, insere atividades extras sem excluir a escola e o Projeto, demonstrando que as fontes de estímulo, cuidado e aprendizagem tendem a se ampliar com o avançar da idade nessa população.

Levando em conta as políticas públicas de atendimento social, que em sua maioria são assistencialistas ou seguem “fórmulas” sem estarem atentas às reais necessidades ou linguagem do contexto do local onde se aplicam (LOSACCO, 2005), o trabalho das ONGs ganha espaço e importância cada vez maiores, o que expõe, conforme abordamos, a fragilidade do Estado diante da grande demanda que tem de absorver. Como a população pesquisada, que em sua maioria (80,3%), conforme a tabela 7 aponta, não frequenta outra atividade além do projeto social, onde foi realizada a pesquisa, e da escola, aquele parece preencher esse espaço educativo (formal) e de convivência (informal), aprendizagem, alimentação e trato da saúde.

Organizações de atendimento infantil que possuem equipes de saúde e de educação se destacam, já que grande parte dos aspectos da violência por elas enfrentadas em seu cotidiano pode ser detectada e enfrentada por tais instituições e/ou via autoridades competentes (BARBA et al., 2003).

Esse dado pode nos levar a refletir que, diante de condições adversas, características de uma condição de fragilidade socioeconômica, parece existir um movimento familiar, por parte da população estudada, em sanar esse hiato por meio da procura ao setor privado, além do estatal, para a educação e cuidado de seus filhos. Sob esse enfoque, é válido dizer que a progressiva vivência dos valores da cultura é constelada por meio de experiências em instituições, família ou no seio do

Estado em suas diversas formas (LIMA FILHO, 2002). Diante do verificado, é possível afirmar que, embora a população pertença a uma parcela pouco privilegiada do ponto de vista socioeconômico, há uma preocupação em oferecer condições de base ao desenvolvimento de suas crianças e adolescentes, quais sejam, educação, alimentação, vestuário, saúde e higiene.

Tabela 10 – Distribuição da população quanto à composição familiar

Família	% Válida
Constituída	54,3
Reconstituída	16,5
Não-reconstituída	27,7
Outros	1,6
Total	100
N	188

Na tabela 10, podemos observar que a maior parte dos sujeitos (54,3%) pertence a famílias constituídas, ou seja, o modelo tradicional de família, em que os sujeitos moram com seus pais e irmãos, ou apenas com os pais. O dado oferece uma importante característica da população, visto que a família ainda é o ponto nuclear do desenvolvimento das crianças e jovens; é o seio familiar que vai ajudar na formação das primeiras experiências e valores do indivíduo.

A outra faceta da população, que corresponde a quase sua metade (45,7%), divide-se predominantemente em famílias reconstituídas (16,5%) e não-reconstituídas (27,7%). Esse dado corresponde a uma condição dos tempos atuais, porquanto em tempos recentes ocorreram muitas mudanças nas configurações familiares, e hoje suas formações são muito mais abrangentes do que apenas o modelo mais antigo, ou seja, o do casamento formal.

Essa nova concepção [familiar] se constrói, atualmente, baseada mais no afeto do que nas relações de consangüinidade, parentesco ou casamento. É construída por uma constelação de pessoas interdependentes girando em torno de um “eixo comum”. Seja qual for sua configuração, as estruturas

familiares reproduzem as dinâmicas sócio-históricas existentes (LOSACCO, 2005, p. 64).

Tabela 11 – Distribuição da população quanto à composição familiar por gênero

Família	Masculino	Feminino	Total
Constituída	55,3	54,9	55,1
Reconstituída	15,5	18,3	16,8
Não-reconstituída	29,1	26,8	28,1
Total	100,0	100,0	100,0
N	105	83	188

Os percentuais por gênero sobre constituição familiar são muito similares, não ocorrendo grandes discrepâncias em comparação aos percentuais totais, como podemos averiguar na tabela 11. Fato este que não se repete com relação à idade, em que há uma porcentagem maior de crianças do Grupo 2 pertencentes a famílias constituídas (63,0%) em comparação aos adolescentes (45,9%).

Essa situação inverte-se em relação aos sujeitos de famílias reconstituídas ou não-reconstituídas, como podemos observar na tabela 12, em que os membros do Grupo 1 são distribuídos, em sua maioria, nessas duas categorias.

Tabela 12 – Distribuição da população quanto à composição familiar por idade

Família	Grupo1 (11-16 anos)	Grupo 2 (6-11 anos)	Total
Constituída	45,9	63,0	55,1
Reconstituída	21,2	13,0	16,8
Não-reconstituída	32,9	24,0	28,1
Total	100,0	100,0	100,0
N	87	101	188

Uma das hipóteses que esse dado pode sugerir é uma tendência das formações familiares se reconfigurarem ao longo do tempo, já que entre as crianças mais novas temos mais membros de famílias constituídas, e entre os adolescentes, portanto os sujeitos mais velhos, um maior percentual de membros pertencentes a

famílias reconstituídas ou não-reconstituídas, ambas fugindo ao modelo familiar tradicional. Esse pode ser um indício desse movimento de reorganização familiar da coletividade na qual a pesquisa foi realizada.

O último item contido na Ficha de identificação sociodemográfica aborda a orientação religiosa dos participantes, assim temos:

Tabela 13 – Distribuição da população quanto à religião

Religião	% Válida
Católica	12,2
Evangélica	40,4
Católica e Evangélica	0,5
Espírita	0,5
Budista	1,6
Não possui	31,9
Não sabe	11,2
Cristão	1,6
Total	100,0
N	188

Podemos constatar, nessa tabela, que a maior frequência, 40,4% da população (76 sujeitos), é de evangélicos. Embora a atuação escolar e da ONG preencham grande parte do tempo hábil do cotidiano dos sujeitos, atendendo grande parte de suas necessidades básicas, as instituições religiosas aparecem com destaque, em especial as de origem cristã, que predominam na escolha da população pesquisada. Somadas as frequências das religiões cristãs, temos um percentual de 54,7% (103 sujeitos). No entanto, é importante ressaltar que a segunda maior frequência de respostas das crianças e adolescentes foi a de não considerarem-se membros de alguma doutrina religiosa, perfazendo um total de 31,9% (60 sujeitos). Essa porcentagem cresce se acrescentarmos os sujeitos que responderam não saber à qual linha religiosa pertencem, ou seja, 11,2% da população.

Tabela 14 – Distribuição da população quanto à religião por gênero

Religião	Masculino	Feminino	% Total
Católica	10,5	14,5	12,2
Evangélica	35,2	47,0	40,4
Católica e Evangélica	1,0	0,0	0,5
Espírita	1,0	0,0	0,5
Budista	0,0	3,6	1,6
Não possui	38,1	24,1	31,9
Não sabe	11,5	10,8	11,2
Cristão	2,9	0,0	1,6
Total	100,0	100,0	100,0
N	105	83	188

Em termos de gênero (tabela 14), a disparidade percentual fica a cargo do maior número meninas (47,0%) evangélicas em relação ao de meninos (35,2%), e também pela maior incidência de respostas dos meninos que não possuem religião (38,1%) em relação à das meninas (24,1%) que também não se consideram membros de alguma religião.

Esse dado pode estar relacionado ao fato de que, para as meninas, ao resolverem o complexo de Édipo e desenvolverem o ego, é possível preservar o sentimento de pertencimento, pois elas não necessitam se diferenciar de todo do objeto de amor inicial, a mãe. Essa diferenciação ocorre apenas no sentido pessoal, não como gênero. Uma das maiores angústias femininas perpassa pelo sentimento de não pertencimento. O sentimento de pertença, no caso a uma religião, pode apontar para esse traço do desenvolvimento feminino infantil.

Aos meninos, em contrapartida, é exigida uma diferenciação completa, pessoal (da mãe) e em termos de gênero (do feminino). Essa luta, diversamente das meninas, é contra o pertencimento. Simbolicamente, o herói solar, patriarcal, expressa essa eterna luta contra o pertencimento. Durante o desenvolvimento, é evidente a valoração que os meninos dão a atributos de força e autonomia nas

brincadeiras e resolução de problemas, enquanto as meninas valorizam o acolhimento e cuidado mais coletivizado.

Tabela 15 – Distribuição da população quanto à religião por idade

Religião	Grupo1 (11-16)	Grupo 2 (06-11)	% Total
Católica	17,2	7,9	12,2
Evangélica	39,1	41,6	40,4
Católica e Evangélica	0,0	1,0	0,5
Espírita	1,1	0,0	0,5
Budista	1,1	2,0	1,6
Não possui	32,2	31,7	31,9
Não sabe	5,6	15,8	11,2
Cristão	3,4	0,0	1,6
Total	100,0	100,0	100,0
N	105	83	188

A tabela 15 mostra que o Grupo 1 apresenta quase 10,0% a mais de católicos em relação ao Grupo 2, dos mais novos. E essa mesma tabela demonstra uma diferença de mais de 10,0% entre as crianças do Grupo 2 que não sabem à qual religião pertencem (15,8%) em comparação ao Grupo 1 (5,6%).

Nesse sentido, é possível questionar como as instituições religiosas são entendidas por eles, ou seja, qual o sentido consciente que elas oferecem ao desenvolvimento dessas crianças e adolescentes. Entre crianças menores, a indiscriminação entre as doutrinas religiosas é comum, ainda não há, antes da adolescência, um posicionamento pessoal frente à afiliação religiosa.

A criança, de forma geral, pertence à religião de seus pais, estando relacionado o comprometimento com uma religião específica à aquisição de uma identidade mais diferenciada. Um exemplo são os católicos, que se definem como tal mais na adolescência do que na infância. Isso se deve em grande parte ao fato de a Igreja Católica inserir, a partir dos 8 anos, mas, mais frequentemente, a partir dos 10 anos, as crianças nos sacramentos da Comunhão e Crisma, que são afirmações de

pertencimento, iniciações que envolvem aulas de catecismo, trabalhos em grupo e submissão aos rituais da Igreja.

Soma-se a isso a diversificação das igrejas cristãs, que são divididas entre Católicas e Protestantes, sendo estas subdivididas em inúmeros grupos: tradicionais (Batistas, Metodistas, Calvinistas, Luteranos, Anglicanos, Presbiterianos, etc.) e as denominadas "avivadas". Estas possuem sua raiz no Protestantismo que, em todas as suas manifestações, define-se contra a centralização Católica das interpretações da palavra de Deus e propõe uma descentralização. Dessa forma, possuem centenas de denominações, o que complexifica a percepção das crianças frente à ideia de pertencimento religioso, sendo estas incapazes de discernirem, no meio dessa diversidade com diferenças tão sutis, à qual pertencem.

Outro fato comum que pode ser inserido nessa reflexão é o hábito comum de migração entre igrejas evangélicas por parte de seus adeptos. Essas trocas ocorrem, muitas vezes, em função de mudanças das circunstâncias da família, seja de casa, emprego, orientação sexual, vizinhança, ente outras, o que dificulta ainda mais o entendimento por parte das crianças, em especial as mais novas, sobre sua afiliação religiosa.

Todas essas religiões são cristãs. Tal indiscriminação diante das especificidades da religião adotada, no entanto, não exclui o fato de os ícones e signos cristãos comporem grande parte do repertório consciente da população pesquisada, o que de fato ficou expresso nessa questão sobre religião, bem como na escolha dos heróis nas questões seguintes da entrevista.

Em linhas gerais, fica evidente a grande penetração das Igrejas Evangélicas na população estudada, embora o Projeto onde se realizou a pesquisa seja mantido por uma instituição espírita e, apesar de não ministrar doutrinação ou orientação religiosa aos grupos pesquisados, promove aos fins de semana grupos de reflexão

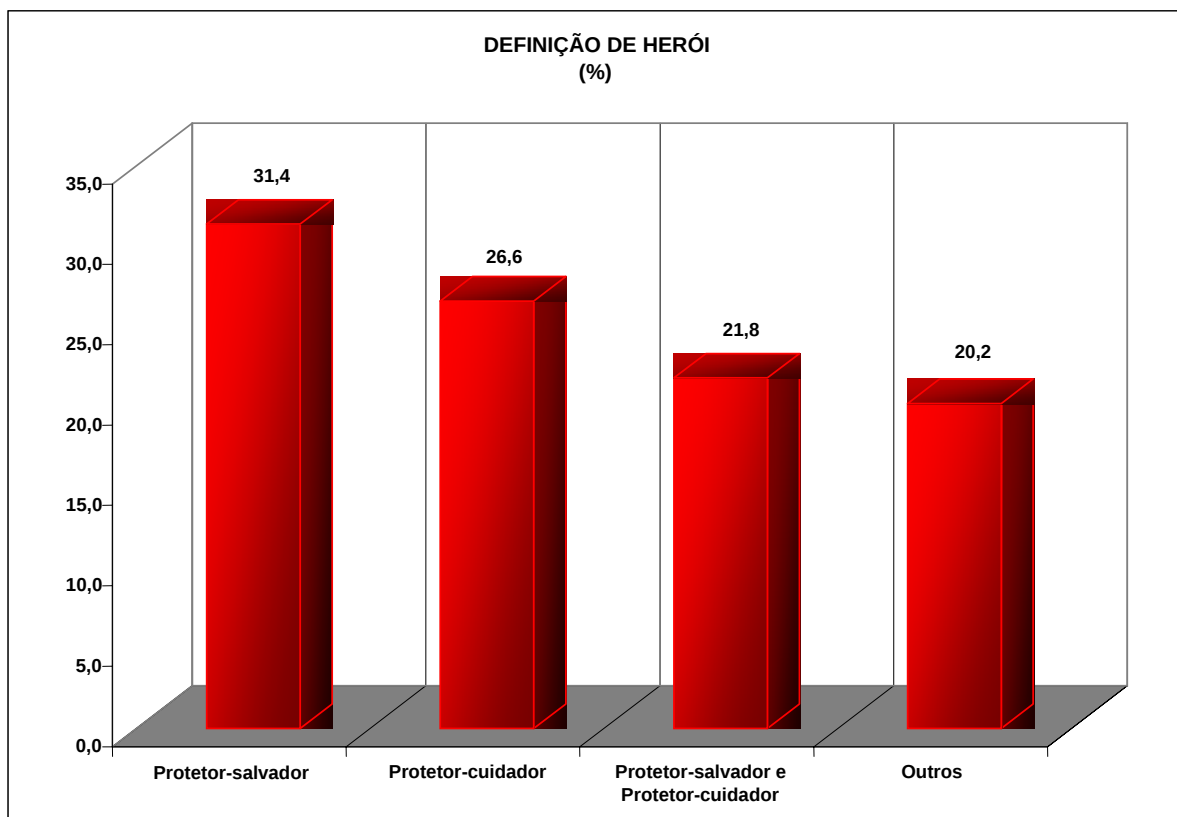
religiosa, sob o prisma do espiritismo, com crianças e jovens dos arredores que se interessam. No entanto, o registro de espíritas na população foi praticamente nulo, o que reforça a afirmação sobre a penetração evangélica ser muito intensa, mesmo que, em muitos casos, de forma indiscriminada.

2 Sujeitos: questões sobre os heróis

2.1 Questão 1: Definição de herói

Na segunda parte da entrevista, a primeira pergunta aborda a definição de herói, e podemos verificar no gráfico 1 que as maiores frequências de respostas estão na categoria herói “Protetor-salvador”, seguida pela categoria “Protetor-cuidador”.

Gráfico 1 – Distribuição da população quanto à definição de herói



As respostas apontam o herói Salvador seguido do Cuidador, e a terceira maior incidência é de ambos, ou seja, dentro da categoria mista. Esses dados

relacionam-se com os fornecidos pelo gráfico 5 adiante, pelo fato de os três heróis fictícios que mais apareceram nas respostas dessa tabela serem órfãos e suas habilidades especiais estarem intimamente relacionadas com esse fato, como será mais bem explicitado na oportunidade da análise do citado gráfico.

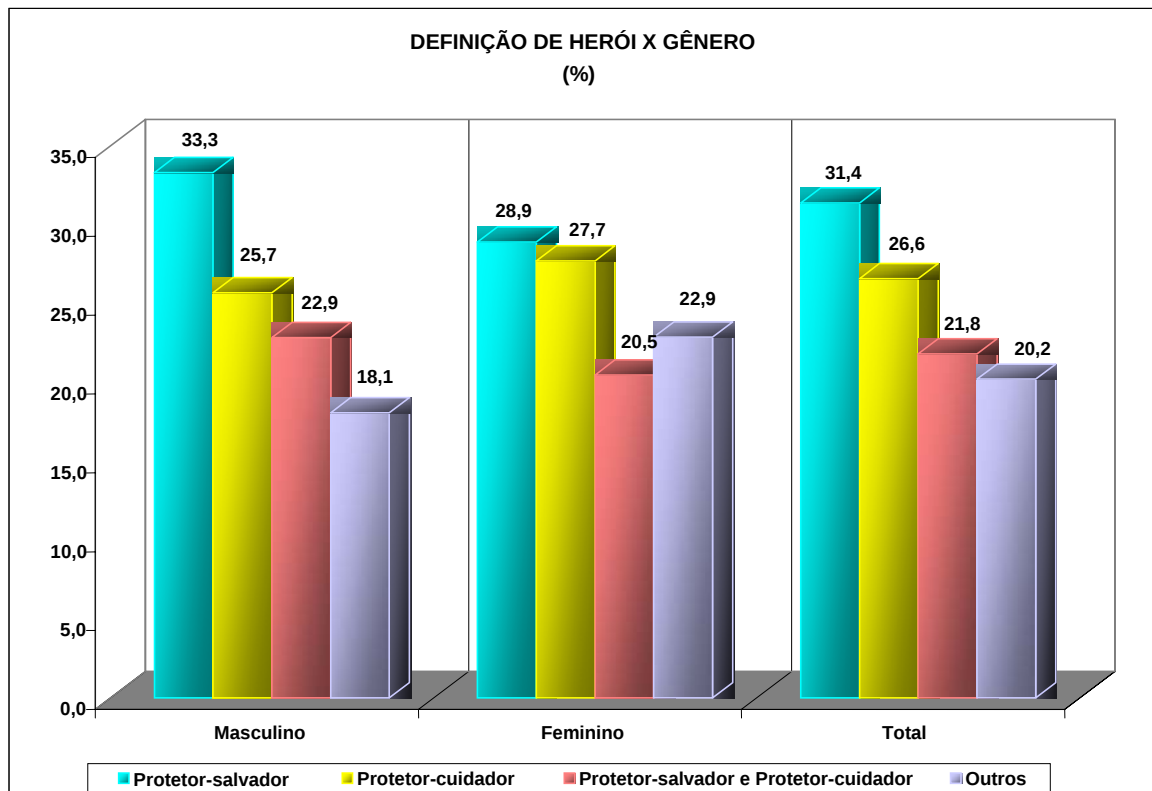
Exemplos de respostas à primeira questão vão desde “Salva pessoas” e “Salva a vida das pessoas”, até respostas mais elaboradas como: “Uma pessoa que salva vidas, apaga o fogo dos incêndios, até luta com os vilões. Tem herói que tem poder e outros acessórios”; ou “Salva as pessoas que morreriam queimadas, que não sabem nadar, salva os animais, a natureza, salva os cachorros para que não morram na rua”.

A orientação ética, expressa nos salvamentos, negação em matar os inimigos e autossacrifício em prol do outro são características do herói patriarcal. A busca pelo novo se alimenta e é alimentada pela onipotência do patriarcado polarizado, que no desenvolvimento anuncia a diferenciação. É uma necessidade psíquica e, nesse sentido, o herói Salvador também sugere a vivência do extraordinário no cotidiano como referência, como relatado em respostas como estas: “Salva a gente”; “Salva as pessoas ‘que nem’ um bombeiro. Quando pega fogo ele vai lá, apaga o fogo e tira todos. O médico salva as pessoas quando ‘tá’ doente”; “Salva as pessoas, quando a pessoa apanha de outra pessoa ele ajuda”; “É uma pessoa que salva as outras”; “É aquele que ajuda, compartilha e salva nas horas difíceis”.

No gráfico 2 adiante, observamos que o gênero masculino elege mais o herói Salvador, embora a diferença não seja estatisticamente relevante com relação ao gênero feminino, segundo a análise do *qui* quadrado. As demais categorias são todas equivalentes. Do ponto de vista psicodinâmico, podemos considerar que o cuidar relaciona-se com a manutenção do bem-estar, estando relacionado a uma orientação matriarcal, enquanto o salvar adentra no campo do extraordinário, do

eventual. A diferença entre o herói Cuidador e o herói Salvador está no fato de que o primeiro relaciona-se às necessidades básicas do cotidiano, e o segundo às necessidades especiais, mais abstratas ou relacionadas a um perigo, real ou imaginário, incidente de forma mais incisiva, embora esporádica.

Gráfico 2 – Distribuição da população quanto à definição de herói por gênero

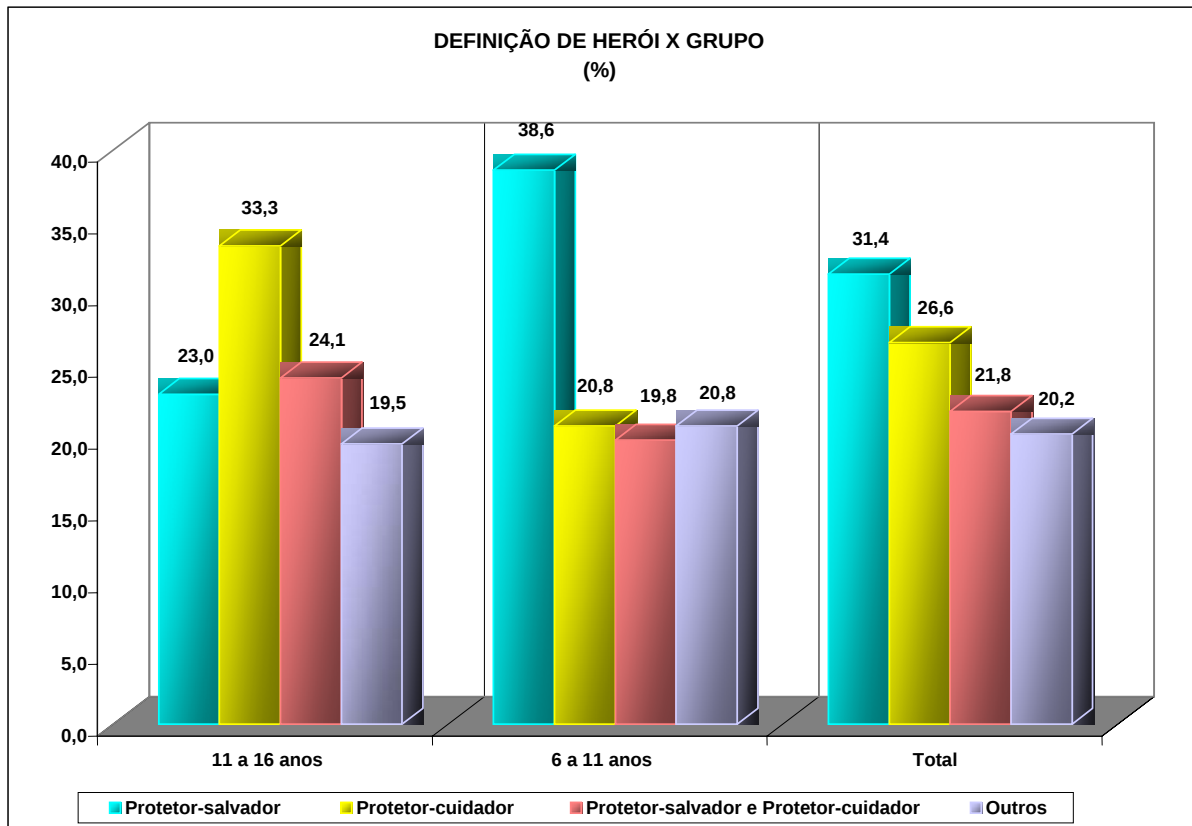


$$\chi^2 = 1,005 \quad P > 0,05$$

Com relação à idade, podemos constatar no gráfico 3 que ocorre uma inversão na definição de herói. Enquanto o Grupo 1, dos mais velhos, define mais o herói como Cuidador, os mais novos buscam mais no herói Salvador a sua definição heroica. No entanto, a diferença também não é estatisticamente significativa, de acordo com a análise do *qui* quadrado. É esperado que crianças de 6 a 11 anos estejam vivenciando um direcionamento patriarcal e, portanto, definam seus heróis como salvadores extraordinários que resistam às tendências regressivas do matriarcado, muitas vezes representadas por monstros ou eventos emocionalmente desestruturantes do mundo real. O ego precisa se diferenciar e sair da endogamia

psíquica, e o patriarcado é anunciado pelo herói em busca de novos caminhos e estruturação no mundo exogâmico (ALVARENGA, 2008); o princípio ativo e causal, portanto, tende a ser ativado na orientação patriarcal.

Gráfico 3 – Distribuição da população quanto à definição de herói por idade



$$\chi^2 = 6,839 \quad P > 0,05$$

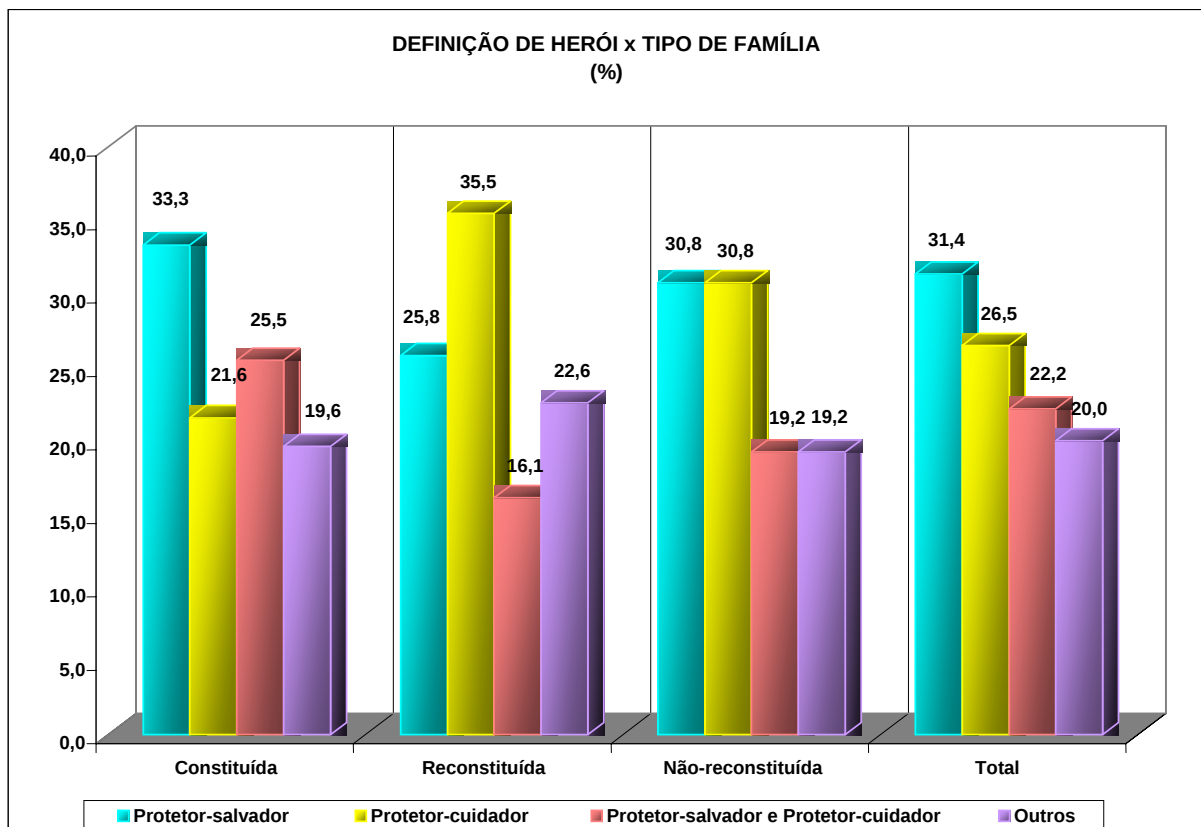
Os adolescentes trazem, em sua maior parte, o herói Cuidador em suas definições de herói. Espera-se que o ciclo patriarcal, nesse momento do desenvolvimento, esteja relativamente bem estruturado, dando base à vivência da alteridade. O fato de os adolescentes, em grande parte, definirem o herói genérico como Cuidador parece ensejar essa transição de referencial psicodinâmico, ou seja, da predominância do patriarcado para a alteridade.

Segundo Alvarenga (2000), o patriarcado bem instituído retoma aspectos positivos do matriarcado, dentre os quais podemos destacar o cuidado entendido por nós, que engloba várias atribuições de manutenção e desenvolvimento da vida em

termos físicos e psíquicos. O adolescente tem que lidar com as normas de convivência da cultura e, nesse sentido, o herói Cuidador pode estar sinalizando esse aspecto de retomada do cuidado de si, em um ego agora mais diferenciado, e do outro no desenvolvimento da alteridade. O desafio maior nesse momento deixa de ser o perigo do incesto psíquico para ser o estabelecimento de uma vivência empática de alteridade com o outro, em que o cuidado não é só recebido, mas também exercido.

Outro dado importante é o expresso no gráfico 4, que estabelece uma relação entre a definição de herói e o tipo de família. Assim, podemos perceber que nas famílias constituídas o herói Salvador predomina, seguido pela categoria mista. Nas famílias reconstituídas, o herói Cuidador aparece com maior frequência, seguido pelo herói Salvador, enquanto nas famílias não-reconstituídas essas categorias aparecem com a mesma porcentagem. Nas famílias não-reconstituídas essas categorias aparecem com a mesma porcentagem.

Gráfico 4 – Correlação da frequência quanto à definição com tipos de família



Considerando que a figura do pai é a que tende a se ausentar nas famílias reconstituídas ou não-reconstituídas, recorremos a Dickie et al. (1997), quando afirma em seu estudo que crianças com pai presente trazem figuras de Deus cuidador, enquanto crianças com pai ausente expressam mais Deus como poderoso.

Com relação à escolha de uma definição heroica, é possível que o fato de as crianças de famílias reconstituídas escolherem mais o herói Cuidador expresse, de forma compensatória, portanto contrária ao estudo citado, a fantasia de não terem suas necessidades de cuidado supridas diante de uma mudança na configuração familiar; enquanto os sujeitos de famílias constituídas escolhem mais o herói Salvador de acordo com o dinamismo psíquico comum de tentar superar a endogamia psíquica, possivelmente constelada na vivência com a figura paterna.

2.2 Questão 2: Heróis eleitos

Constatando a maior incidência do herói Protetor-salvador (gráfico1), ou seja, daquele que salva, podemos fazer uma relação com os heróis que mais surgiram nas respostas da questão 2, a respeito dos heróis escolhidos.

Os heróis eleitos foram divididos em “Heróis Fictícios” e “Heróis Reais”, que estão expressos nos gráficos 5 e 8 respectivamente. Conforme podemos verificar no gráfico 5, os três heróis fictícios com maior incidência de respostas são modelos de herói Salvador, o que está coerente com a maior frequência deste na primeira questão da entrevista, referente à definição de herói. Aqui encontramos três modelos heroicos patriarcais, ou mesmo o herói-guerreiro (JUDY, 1998), uma vez que estão sempre lidando contra perigos à sua existência, lançando mão de seus recursos, seja via seus poderes ou instrumentos.

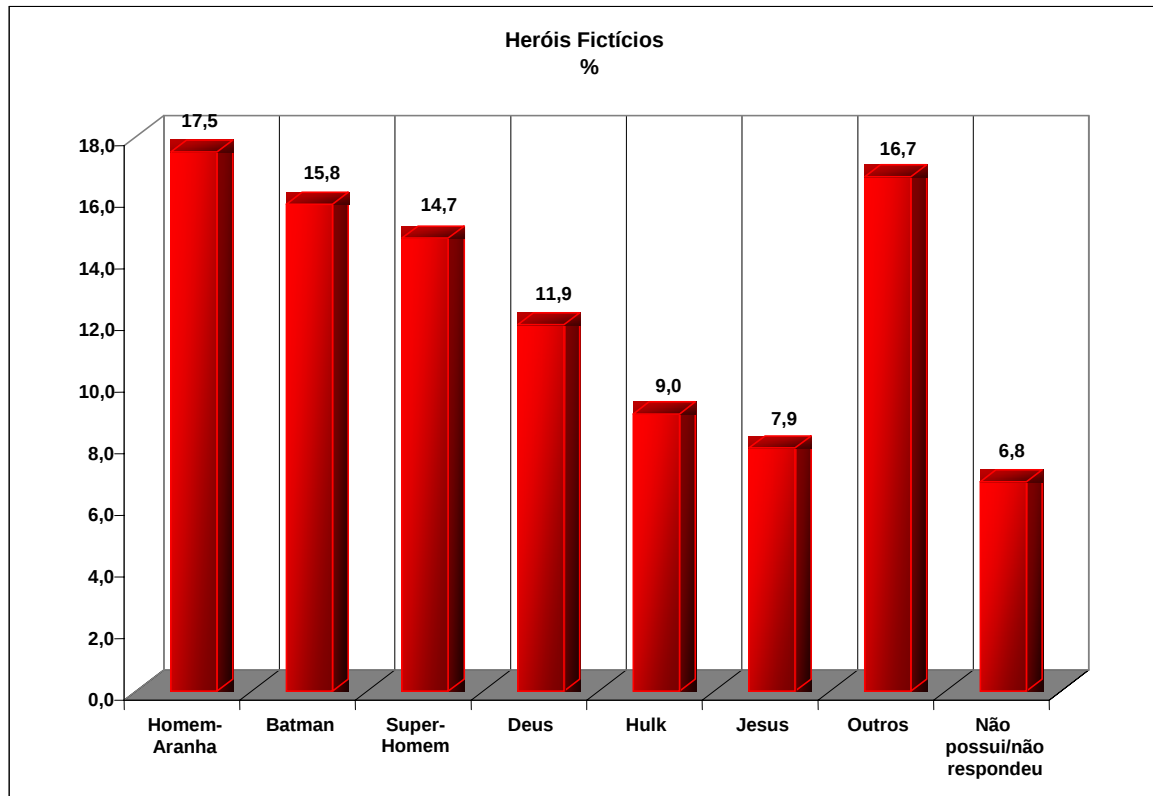
Como apontam os gráficos 5 e 8, os heróis assim estão distribuídos: heróis fictícios e heróis reais, com a possibilidade de escolha de um ou mais heróis, como de fato aconteceu em diversas respostas. Isso inviabilizou a aplicação do programa estatístico na análise do *qui* quadrado (χ^2) nesses resultados, porém nos oferece os principais modelos heroicos fictícios contidos na cultura e a tendência percentual de sua frequência de aparição, tão logo, identificação.

O gráfico 5 expressa os principais heróis escolhidos pelas crianças e jovens, entre os quais destacamos as três maiores frequências. É importante levar em consideração que, aproximadamente três meses antes da aplicação das entrevistas, houve uma excursão para o cinema oferecida pelo Projeto aos seus assistidos, ocasião em que assistiram ao filme “Homem-Aranha 3”. Como desse tipo de evento a grande maioria participa, devemos considerar que o filme tenha influenciado na escolha do herói fictício, uma vez que foi o herói com maior incidência de respostas.

O Homem-Aranha, ou Peter Parker, é órfão e foi criado pelos tios. Na adolescência, quando obtém seus poderes após ser picado por uma aranha radioativa, seu tio é coincidentemente assassinado, o que o leva a iniciar seu combate ao crime e sua “carreira” heroica (HOMEM-ARANHA, 2008). Batman, ou Bruce Wayne, viu os pais serem assassinados quando criança e, ao atingir a maioridade, partiu em uma peregrinação pelo mundo aprendendo e desenvolvendo habilidades mentais e corpóreas para iniciar sua luta contra a criminalidade em sua cidade natal, Gotham City (BATMAN, 2008). Superman (Super-Homem), ou Clark Kent, é um alienígena do planeta Krypton. Ele foi enviado por seu pai, Jor-El, para a Terra momentos antes de seu planeta explodir. Único sobrevivente, foi encontrado pelo casal Johnatha e Marta Kent em uma fazenda no Kansas. Seus poderes são oriundos do Sol de coloração amarela da Terra, que em reação com seu corpo gera

suas habilidades, o que não ocorreria no sol vermelho de Krypton (SUPERMAN, 2008).

Gráfico 5 – Distribuição da frequência quanto aos heróis fictícios



Esses heróis possuem uma característica típica dos heróis míticos e religiosos, que é a orfandade, sendo comum a eles serem rejeitados e criados por pais adotivos, atributo expresso no tema da dupla mãe ou duplo nascimento (JUNG, 1986a). O primeiro ensejo dessa dupla filiação é apontar sua origem divina, que se atualiza no contato com os mortais. Seu compromisso filial é para com o coletivo, além de recair sobre os pais mortais ou adotivos. O herói tem um vínculo com a cultura que o impele a realizações que vão para além do pessoal.

Quem descende de duas mães é um herói: o primeiro nascimento o transforma num ser humano, o segundo num semideus imortal. É isto o que visam as numerosas alusões da história da concepção do herói (JUNG, 1986a).

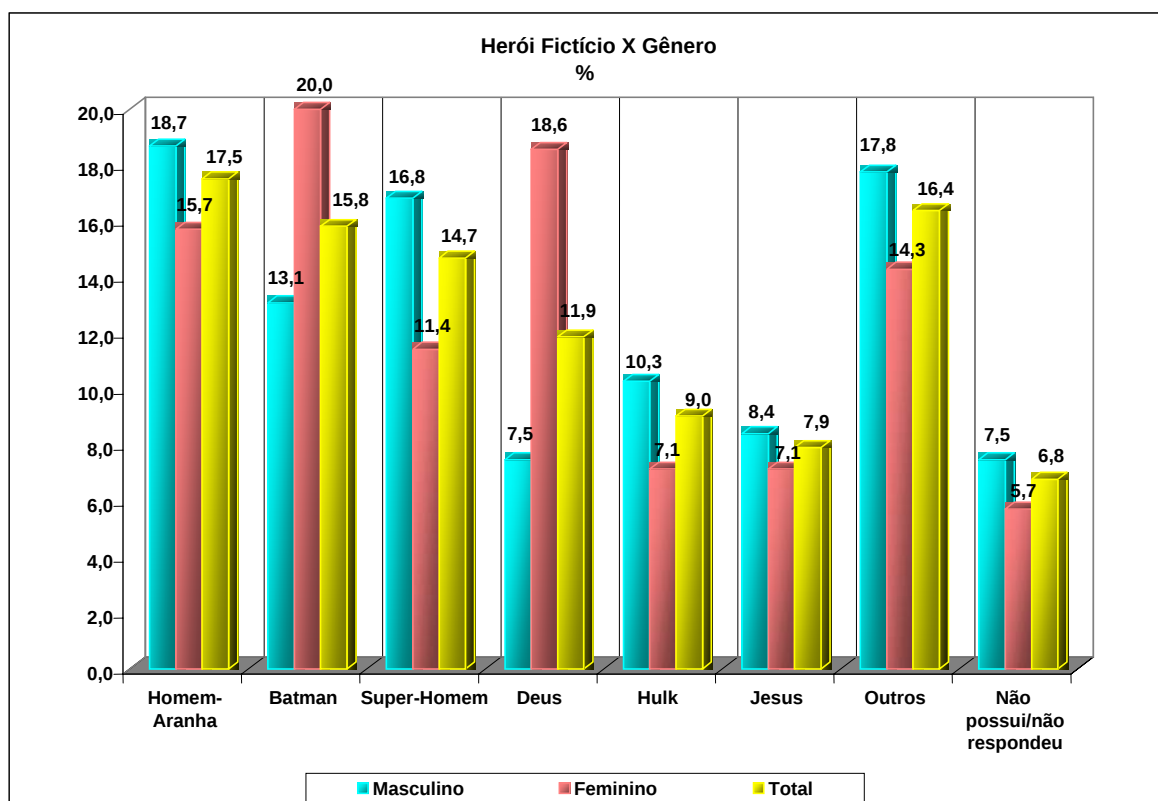
Outro componente do tema da dupla filiação está ligado ao renascimento, em que o herói se apropria mais do âmbito divino, tomando posse dessa porção que lhe

confere a condição heroica. Para Müller (1997), o duplo nascimento heroico está ligado ao confronto do ego com sua mortalidade que, de certa forma, “morre” e renasce ao se entregar ao direcionamento do Si-mesmo.

O dinamismo psíquico aponta para uma “adoção” do inconsciente, do Self, ou seja, o ego que consegue realizar o movimento de integração dos conteúdos inconscientes e com ele estar em conexão. Ao abordar o tema do duplo nascimento de Cristo, Jung (1986a) afirma:

A idéia de uma concepção sobrenatural é compreendida como fato metafísico, mas psicologicamente ela diz que um conteúdo do inconsciente (“filho”) nasceu sem a participação natural de um pai humano (isto é, o consciente). Ao contrário, um Deus seria o gerador do filho, e além disso, o filho seria idêntico ao pai, o que em linguagem psicológica quer dizer que um arquétipo central, a imagem divina, se renova (“renascido”) e se “encarnara” de modo perceptível ao consciente. A “mãe” corresponde à “anima virginal” que não está voltada para o mundo exterior e por isso não é “corrompida” por ele. Ela está voltada para o “Sol interior”, a “imagem divina”, para o arquétipo da totalidade transcendental, quer dizer, para o si-mesmo (par. 497).

Gráfico 6 – Distribuição da frequência quanto aos heróis fictícios por gênero



O gráfico 6 acima revela que, com relação ao gênero, o ponto que se destaca é a escolha de Deus como herói ser maior por parte das meninas (18,6%) em comparação aos meninos (7,5%), embora Jesus apareça com frequências próximas em ambos os gêneros. Esse aspecto pode sugerir um heroísmo menos bélico em relação ao gênero masculino, visto que os poderes atribuídos a esses heróis sejam, em sua maioria, ligados à salvação e proteção, dentro da categoria “Poderes divinos”, conforme veremos adiante no gráfico 11, em relação aos poderes dos heróis fictícios.

Somadas as frequências de Deus e de Jesus no gênero feminino, temos 25,7% de respostas das meninas, enquanto os mesmos heróis somados no gênero masculino apresentam 15,9%. Em seus estudos sobre relações genéticas e ambientais a respeito da agressividade e altruísmo com gêmeos, Rushton et al. (1986) afirma que mulheres apresentam maiores indicadores de altruísmo e menores de agressividade, bem como afirma Markovits et al. (2003) em um estudo com crianças e adolescentes de classe média e baixa sobre partilha de alimentos, no qual advogam que estudos demonstram que mulheres compartilham mais do que os homens. Ma (2005), em seu estudo com adolescentes chineses sobre atitudes pró-sociais e antissociais, postula que masculinidade é associada a comportamentos pró-sociais mais em garotos, e feminilidade também é associada a comportamentos pró-sociais pelas garotas. No entanto, nesse estudo, feminilidade não é associada a comportamentos delinquentes tanto pelas garotas como pelos garotos, indicando que, tanto para os meninos quanto para as meninas, aspectos ligados ao feminino não são muito associados à delinquência.

No presente estudo, a maior escolha das meninas por Deus, comparada à dos meninos, pode estar ligada à característica feminina de valorizar mais o relacionamento, presente em muitos atributos divinos. Estes podem ser amor,

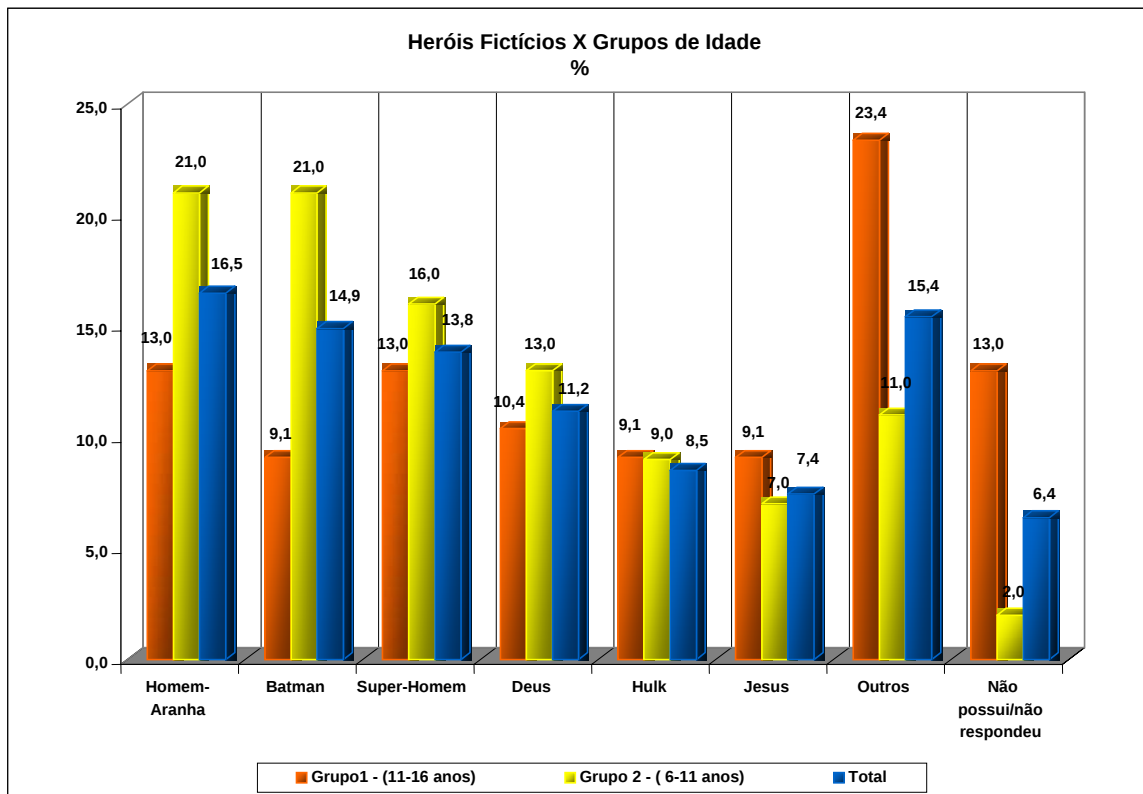
criação, proteção, cuidado, entre outros, e não apenas a ação poderosa. Esta é mais buscada pelos meninos, a ação eficiente do princípio ativo é mais exercida pelos heróis do que por Deus. Jesus, enquanto Deus encarnado, portanto mais ligado a esse princípio ativo, tende a aparecer mais entre os meninos, embora a diferença seja pequena se comparados com as meninas.

Outro indicativo da diferença desses princípios foi o fato de Batman se destacar mais nas meninas do que nos meninos, que preferem o Homem-Aranha e o Super-Homem. Isso também pode estar ligado a esse aspecto de gênero, uma vez que Batman não possui superpoderes e, embora seja um herói masculino e realizador de uma ação eficiente, o faz através de instrumentos. Os heróis, via de regra, possuem atributos solares, mas Batman é considerado um herói sombrio, noturno, de aspecto demoníaco, cujo símbolo é o morcego. Embora ele esteja sempre no limiar entre loucura e sanidade, luz e trevas, é um herói por acreditar na justiça humana (HAGA, 2004).

De forma geral, a frequência de incidência dos outros heróis é equivalente, com pouca diferença percentual, sendo os principais modelos heroicos masculinos.

No próximo quadro (gráfico 7), observamos que, com relação à idade, há uma diferença grande em relação ao herói Batman, que teve a mesma frequência (21,0%) de respostas que o Homem-Aranha no Grupo 2, mas destoou em relação à frequência do Batman no Grupo 1 (9,1%). As porcentagens do Grupo 2, ou seja, das crianças mais novas, foram maiores nos três heróis com maior frequência (Homem-Aranha, Batman e Super-Homem).

Gráfico 7 – Distribuição da frequência quanto aos heróis fictícios por idade



Esse fato é esperado, já que as crianças tendem a efetuar respostas mais estereotipadas. Deve-se considerar, também, que esses heróis se encaixam na categoria herói Protetor-salvador, aquele que lança mão de sua potência extraordinária na ação do mundo. Esse dado é ressonante com o que pudemos averiguar a respeito da maior taxa de respostas dos mais novos (Grupo2) na definição de herói, ou seja, o herói Salvador. Embora a tendência das crianças menores seja escolher modelos mais próximos, como os pais, o que também aconteceu (gráfico 8), é comum as crianças menores se apoderarem de ícones lúdicos da cultura, como os desenhos animados, nas manifestações arquetípicas de diferenciação e desenvolvimento do ego (SAUAIA, 2003).

Essa escolha demonstra também a penetração da cultura estrangeira em nosso país, uma vez que os modelos heroicos promovem o aprendizado da cultura

e, diante da ausência de modelos locais, há uma busca por modelos de outras culturas (GASH; BAJD, 2005).

O Grupo 1, dos adolescentes, apresentou uma porcentagem alta (23,4%) na categoria “Outros”, que é composta em sua maioria por heróis de desenhos animados dos Estados Unidos e Japão. Isso demonstra que as crianças menores tendem a concentrar mais suas escolhas em modelos heroicos do que os adolescentes, que diversificam mais suas escolhas. Na busca de identidade, o adolescente realiza uma busca mais ampliada por novos referenciais, diversificando assim seus modelos heroicos. A contradição da cultura, no entanto, incita o jovem a escolher cada vez mais, porém restringe suas escolhas aos modelos oferecidos pelo consumo (ARPINI, 2003).

Ainda com relação aos heróis fictícios, temos que apontar que, somadas as frequências de respostas em que aparecem Deus e Jesus, são eles o(s) herói(s) fictício(s) com maior incidência de respostas. Juntos possuem 19,8% do total de respostas, de acordo com o gráfico 5. Como já observamos, 40,4% se denominaram evangélicos, 12,2% católicos, 1,6% cristãos e 0,5% católicos e evangélicos. Somados apresentam 54,7% dos 188 sujeitos pertencentes a doutrinas religiosas de orientação cristã.

Apesar de a separação entre as respostas “Jesus” e “Deus” ter sido respeitada de acordo com a escolha dos sujeitos, a união da frequência de ambos os modelos como uma só na análise se deve ao fato de ser comum à cultura cristã essa fusão. O credo católico é claro ao propor Jesus e Deus, além do Espírito Santo, como um só em manifestações diferentes, eis o dogma da trindade, como podemos observar no Credo Niceno:

Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Cremos em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, gerado do Pai desde toda a eternidade, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai; por Ele todas as coisas foram feitas. Por nós e para nossa salvação, desceu dos céus; encarnou por obra do Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e fez-se verdadeiro homem. Por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; sofreu a morte e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; subiu aos céus, e está sentado à direita do Pai. De novo há-de vir em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim.

Cremos no Espírito Santo, o Senhor, a fonte da vida que procede do Pai; com o Pai e o Filho é adorado e glorificado. Ele falou pelos profetas.

Cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica. Professamos um só baptismo para remissão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos, e a vida do mundo que há-de vir. Amém (CREDO, 2009)⁵.

Os evangélicos, por sua vez, enfatizam a atuação do Espírito Santo, o terceiro elemento entre a tríade Deus e Jesus. Nesse sentido, consideramos Deus e Jesus em separado na coleta de dados, mas os unimos na análise.

Também podemos observar uma relação entre as escolhas com a questão 1 (gráfico 1), a respeito da definição de herói. A maior parte das respostas daquela questão, como vimos, refere-se ao herói Protetor-salvador (31,4%), mas seguido de perto por Protetor-cuidador (26,6%) e também por ambas as categorias misturadas, ou seja, o herói que protege salvando e também cuidando, expresso na categoria mista herói Protetor-salvador e Protetor-cuidador (21,8%).

Nesse sentido, podemos afirmar que Deus e Jesus entram, de forma geral, em ambas as categorias, segundo as respostas dos sujeitos, a modelo da seguinte definição de herói proferida por um sujeito que escolheu Deus como tal: “Salva alguma vida, tira gente do perigo”, ou seja, um herói que protege salvando. Outro exemplo de um sujeito que também escolheu Deus como herói, agora Cuidador: “Protege, cuida e não deixa que nada de mal aconteça com as pessoas”; pertence à categoria Protetor-cuidador.

O mesmo podemos observar com sujeitos que escolheram Jesus como herói: “Ele ajuda as pessoas que estão em perigo e derrota o mal”, pertencente à categoria Protetor-salvador; ou “Ele cuida das coisas, ele cuida não só de mim, mas das

⁵ Grifo nosso.

outras pessoas”, que se encaixa na categoria Protetor-cuidador. Deus e Jesus, portanto, aparecem em ambas as categorias, de salvamento e cuidado, desmembramentos da proteção. Segundo Rios (2008), o cuidado costuma ser representado pelas as crianças em ações de Deus para com a natureza e outras pessoas.

O fato de Deus aparecer com maior frequência entre os mais novos (Grupo 2) e Jesus ser mais escolhido pelos mais velhos (Grupo1) pode ser entendido como uma aprendizagem cultural, como o emblema de Jesus na cruz, que é um forte ícone religioso:

Aos 10 anos as crianças já se acham sob o efeito do arquétipo paterno, e os valores que se relacionam com a imagem de Deus são poder e eficiência, tanto com meios naturais quanto sobrenaturais. Para elas, Deus existe e se diferencia do humano na medida em que pode interferir no curso natural das coisas pelo poder da sua vontade. Nesta idade as crianças também desenham Deus crucificado e com atributos e atividades culturais, aprendidas. Os símbolos se tornam fixos, e a adaptação social experimentada através da introjeção das imagens coletivas é preponderante. Para as crianças que vivem prioritariamente sob a influência do arquétipo paterno, a ordem, a causalidade, a previsibilidade são os princípios organizadores da consciência. Deus impressiona sua psique na medida em que não está submetido aos limites do humano (RIOS, 2008, p. 181).

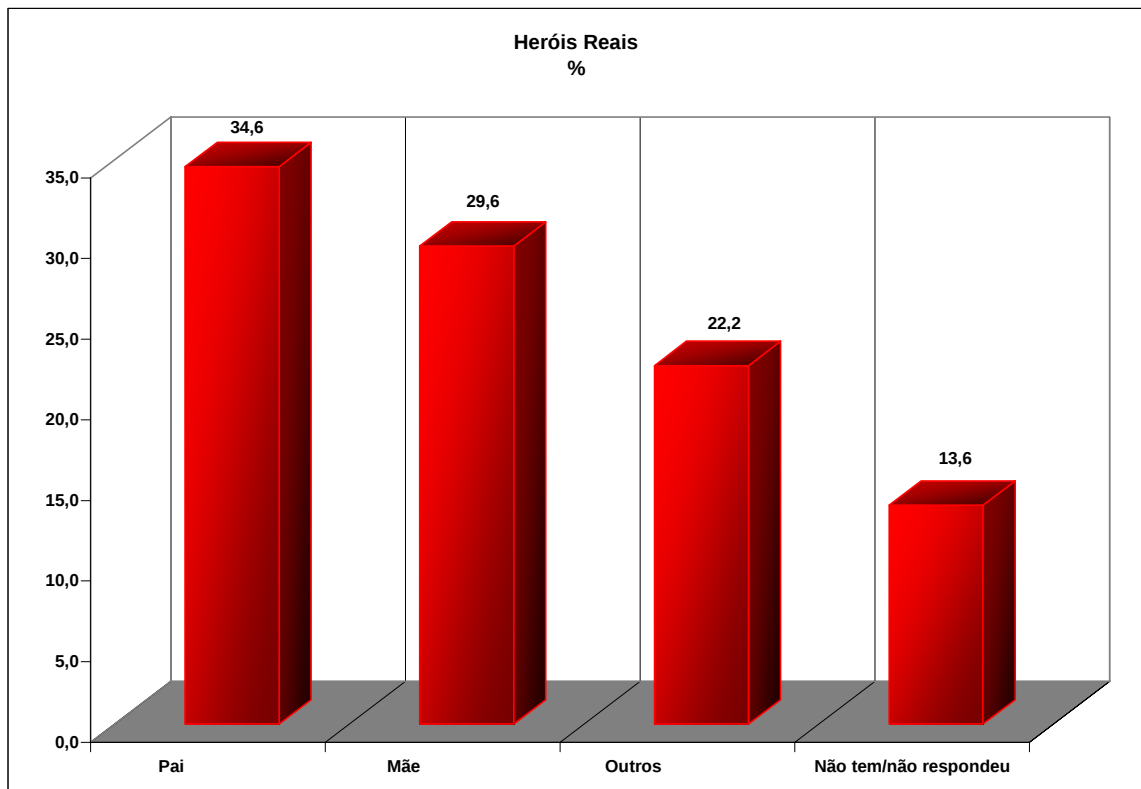
O fato de Jesus e Deus despontarem como a maior frequência heroica na pesquisa encontra eco em Jung (1986b), quando aborda a figura de Cristo como símbolo heroico importante de nossa civilização.

[...] Falamos necessariamente de Cristo, porque Ele é o mito ainda vivo de nossa civilização. É o herói de nossa cultura, o qual, sem detrimento de sua existência histórica, encarna o mito do homem primordial [Urmensch], do Adão mítico [...] (par.69).

Simbolicamente, a relação de Cristo e Deus também encarna a relação arquetípica Pai-filho, em termos psíquicos, o diálogo ego-Self. E o enriquecimento desse argumento surge na escolha do herói real – de acordo com os dados do gráfico 8 a seguir –, na mesma questão da entrevista sobre o modelo heroico, em que a maior incidência é do Pai, seguido pela Mãe. Percebemos que o esteio do

matriarcado e o despontamento do patriarcado parecem se expressar por meio da identificação dos sujeitos com os modelos heroicos fictícios, Jesus e Deus, e reais, Pai e Mãe, bem como no cuidado e salvação que estes representam. A vivência do processo de individuação ancora-se nesse dinamismo psíquico.

Gráfico 8 – Distribuição da frequência quanto aos heróis reais



Como já mencionado, as frequências aqui expostas não constam necessariamente de respostas únicas, a separação foi feita visando apresentar o número real de aparição de cada herói real. Dessa forma, respostas mistas, com mais de um herói, são consideradas como uma ocorrência para cada um, o mesmo ocorreu com os heróis fictícios.

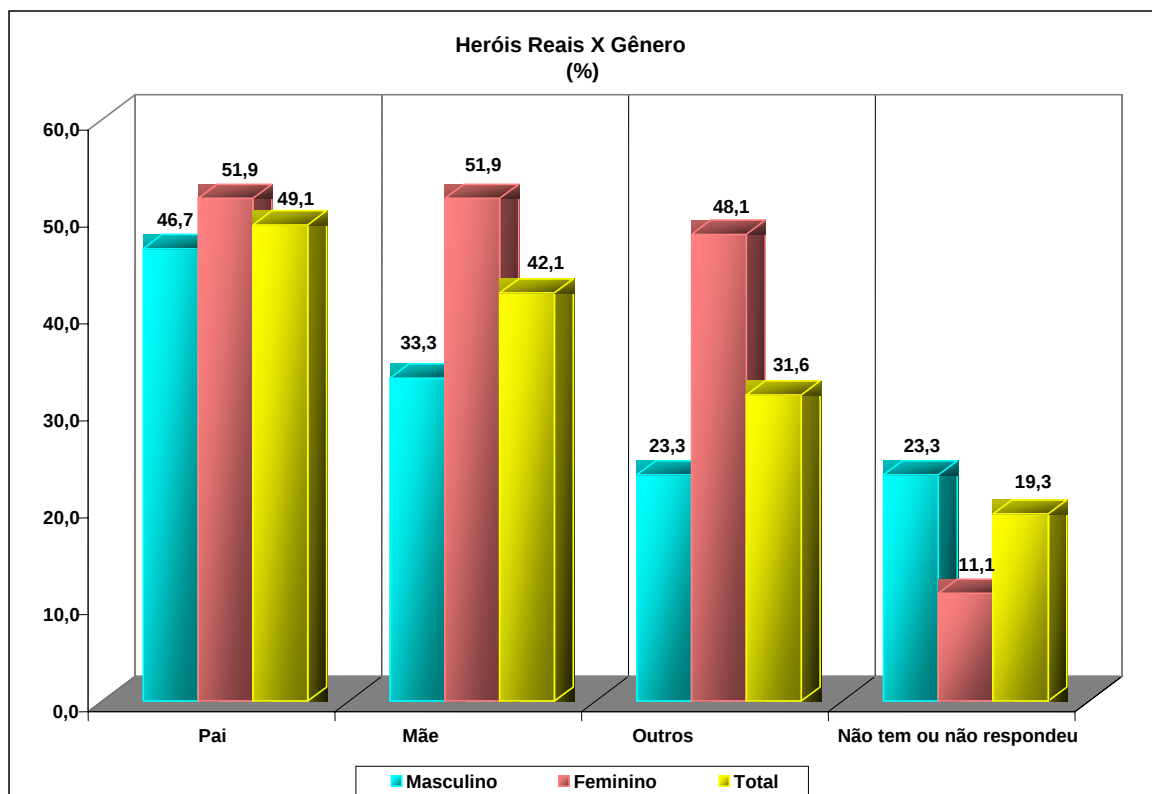
A Mãe aparece com a segunda maior frequência na categoria “Herói Real”, o que pode se alinhar com o grande número de respostas sobre o herói Cuidador. Nessa categoria de heróis reais, portanto, percebemos que Pai e Mãe aparecem com um destaque muito grande, ou seja, aparecem de forma destoante dos demais

heróis reais. Temos então, a mãe e o pai arquetípicos e a relação arquetípica do filho com os pais, expressos nos heróis fictícios nas figuras de Deus e Jesus como os mais frequentes, e o pai pessoal como o de maior frequência nos heróis reais.

Esse achado nos leva a enfatizar os postulados sobre a necessidade dos pais na estruturação do psiquismo humano, bem como na inserção e desenvolvimento do indivíduo dentro da cultura.

Os pais têm importante função estruturante na mudança e estabelecimento da nova identidade e na elaboração de um novo código para o adolescente. Encontrar o olhar e o acolhimento da *mãe* e a palavra e reconhecimento do *pai* e das leis do mundo: a possibilidade de uma síntese neste aspecto central na vida e no desenvolvimento do adolescente é a garantia natural da cultura, para assegurar seu direito à sua travessia em direção às terras adultas (MOLINEIRO, 2007, p.122).

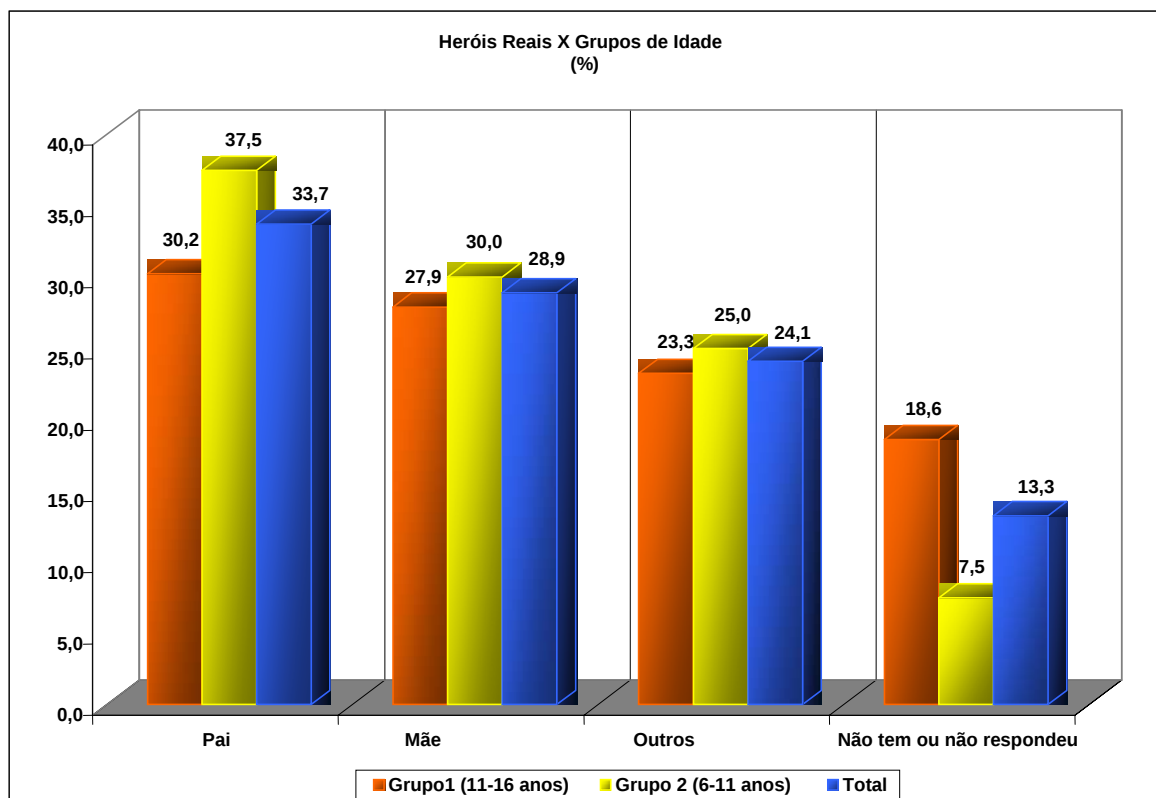
Gráfico 9 – Distribuição da frequência quanto aos heróis reais por gênero



A partir da constatação anterior, no item 1, a respeito das tabelas 7, 8 e 9, de que as famílias dos sujeitos buscam instituições socioeducativas no setor privado e/ou estatal na tentativa de minimizar as parcas condições socioeconômicas,

podemos estabelecer uma ligação com o fato dos pais enquanto principais modelos heroicos reais. Embora as configurações familiares tenham se modificado ao longo dos tempos, os pais permanecem no psiquismo como modelos estruturantes principais, evocando a possibilidade inata da manifestação arquetípica que orbita os arquétipos materno e paterno. Ao escolherem seus pais como heróis, é como se estivessem “reconhecendo” psiquicamente as atitudes destes relativas aos tratos e preocupação com o desenvolvimento de seus filhos, inclusive na própria busca da instituição na qual a pesquisa foi feita, que se propõe a acolher estas crianças enquanto os pais estão ausentes.

Gráfico 10 – Distribuição da frequência quanto aos heróis reais por idade



Uma outra possibilidade que deve ser considerada a respeito da presença dos pais, em especial do pai enquanto modelo heroico, pode ser uma atitude de compensação pela ausência deste. Entendemos por “ausência” a fragilidade da relação com o pai pessoal, que levaria à constelação de um modelo heroico

transpessoal, com atributos paternos, que faça o papel de facilitar a identificação com o pai arquetípico, representado pelas normas e condutas, diferenciação e inserção efetiva na cultura, às quais essas crianças e jovens estão expostos.

Embora Jesus e Deus se apresentem como pai (arquetípico), não podemos esquecer que Jesus também é filho encarnado do Pai e, no final de sua trajetória, expressou seu abandono: “[...] Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt:27,46). Enquanto símbolo, o filho do Pai traz consigo a necessidade da diferenciação, mas também da totalidade, ou seja, Jesus também aparece como um modelo de herói da alteridade (BYINGTON, 1983) capaz de unificar tendências opostas (JUDY, 1998). Jung (1986a) afirma:

Como herói e homem-deus Cristo psicologicamente significa o si-mesmo; ele representa a projeção deste arquétipo mais importante e mais central. A este cabe funcionalmente o significado de um Senhor do mundo interior, isto é, do inconsciente coletivo. O si-mesmo como símbolo da totalidade é uma “coincidentia oppositorum”, portanto contém luz e trevas ao mesmo tempo. Na figura de Cristo os contrastes, unidos no arquétipo, separam-se no luminoso Filho de Deus de um lado, e no diabo, do outro. A primitiva unidade dos opostos ainda pode ser reconhecida na união inicial de Satanás com Javé. Cristo e dragão do Anticristo têm contato íntimo na história de seu aparecimento e de seu significado cósmico. A lenda do dragão encerrada no mito do Anticristo faz parte da vida do herói e por isso é imortal. Nunca, em mitos mais recentes, os pares opostos estão tão perceptivelmente próximos um aos outro como no Cristo e no Anticristo (par. 576).

O levantamento dessa hipótese se respalda na marginalização social e pessoal que crianças e jovens de classes socioeconômicas menos favorecidas vivenciam. Esta atualiza o aspecto negativo do pai arquetípico, seja na agressividade ou na ausência do pai pessoal e/ou institucional. Compensatoriamente, abre-se espaço para o individualismo, descaso com o outro, automarginalização, enfim, à vivência anti-heroica, do herói negativo (ZOJA, 1992), ou, em termos simbólicos, como propôs Jung (1986a), na figura do anticristo. Esse ponto pode criar uma vulnerabilidade para jovens sucumbirem à transgressão e à vivência anti-heroica, que alimentam a criminalidade.

No entanto, mesmo considerando essa possibilidade, é válido ressaltar que nenhuma criança mencionou algum anti-herói (bandido, PCC, traficante etc.) quando foi pedido a elas que dissessem qual seu herói preferido. Entendemos que esse fato vem ao encontro com a ideia que levantamos de que o anti-herói aparece como uma tentativa desesperada/desorganizada da psique de se incluir, ou seja, de uma antinomia do herói, do modelo.

Nessa dinâmica, não só o pai pessoal pode estar ausente, sem força enquanto referência, mas o pai arquetípico na cultura também, as instituições familiares, escolares, estatais e mesmo as religiosas podem não estar efetuando de maneira efetiva as funções patriarcais, sendo a mãe cada vez mais compelida a preencher essas lacunas (LIMA FILHO, 2002). Como as imagos parentais podem ser confrontadas e questionadas na adolescência (OLIVEIRA, 2003) se estiverem ausentes?

Sem a instituição efetiva do patriarcado em sua totalidade, ou seja, em suas polaridades positivas e negativas, a vivência da alteridade se vê inviabilizada (ALVARENGA, 2000). A cultura, assim como o indivíduo, necessita da força, diferenciação, busca pelo novo, pela norma e ética do patriarcado para a vivência com o outro. Sem tais características, não há o Outro ou a mudança, e a individualização tende a prejudicar a individuação.

A vivência da alteridade é o ponto-chave na vivência heroica, uma vez que, para crianças e jovens, as qualidades de relação com o outro, como generosidade, inteligência, divertimento, altruísmo e atratividade física (GASH; BAJD, 2005; RUIZ, 2005) também aparecem atreladas a características heroicas. O herói se define e se confunde com sua ação (ALVARENGA, 1999; 2000).

Vale lembrar que função compensatória da psique não significa necessariamente que a atitude da consciência abarque o contraponto inconsciente,

mas sim que essa polaridade na consciência mobilizou seu oposto no inconsciente. O confronto desses conteúdos mobilizados com a consciência nem sempre ocorre, mas quando acontece um equilíbrio psíquico, se estabelece até que outro conflito de opostos afete a orientação consciente (JUNG, 1991). A compensação, portanto, não compensa a atitude consciente, mas sim sinaliza, por meio de símbolos, o desequilíbrio ou a necessidade deste. A ausência do contato com o patriarcado poderia emergir, compensatoriamente, como outra possibilidade à realidade estudada.

Da mesma forma como se passa no caso da mãe, a ausência de um representante do pai é danosa para a personalidade: se faltam regras e limites, o filho *se dilui no* em lugar de *se relacionar com* o mundo; invade-o ou se deixa invadir por ele. Ou ainda, em outro extremo, torna-se rígido, uma vez que a prontidão psíquica para a constelação do arquétipo paterno se incumbe de preencher lacunas da consciência com a massa bruta do arquétipo a ser ativado (LIMA FILHO, 1997, p.69).

Nesse sentido, o pai e suas atitudes (poderes a ele atribuídos na questão 3 a seguir) podem também sugerir uma atitude compensatória dessa população, um reclamo pelo paterno, pela orientação, diferenciação e também pela sobrevivência, estruturação, pelo novo e pela força necessária à continuidade do processo de individuação, preservando valores do matriarcado e sugerindo um sentido rumo à alteridade.

2.3 Questão 3: Poderes e capacidades dos heróis

A terceira questão da entrevista aborda as habilidades dos heróis, seus poderes, tanto dos heróis fictícios quanto dos heróis reais (gráfico 11). As categorias criadas na separação das respostas foram: “Poderes sobre-humanos”, “Poderes humanos” e “Outros”. A primeira categoria é relativa aos heróis fictícios; a segunda aos heróis reais e a terceira a aspectos não condizentes com as categorias anteriores. Também subcategorias foram criadas agregando respostas similares.

A escolha dos poderes, como observado no gráfico 11, destaca a subcategoria “Poderes divinos”, com 15,0% do total de respostas, sobre “Poderes sobre-humanos”, relativa aos heróis fictícios. Entre essas respostas, exemplificamos: “Cura, salva e ajuda”; “Poder de libertar e de curar”; ou ainda “Todos os poderes, cura as pessoas”.

A subcategoria “Poderes divinos” agrega respostas que contenham qualidades relacionadas à cura, proteção, ensinamento, iluminação e mudança da condição atual da pessoa. O fato de se tratar da maior frequência apresentada no gráfico 11 vem ao encontro de dois dados observados anteriormente: 1 - o grande número de sujeitos evangélicos e 2 - a consequente apropriação de ícones cristãos, Deus e Jesus, na escolha dos modelos heroicos.

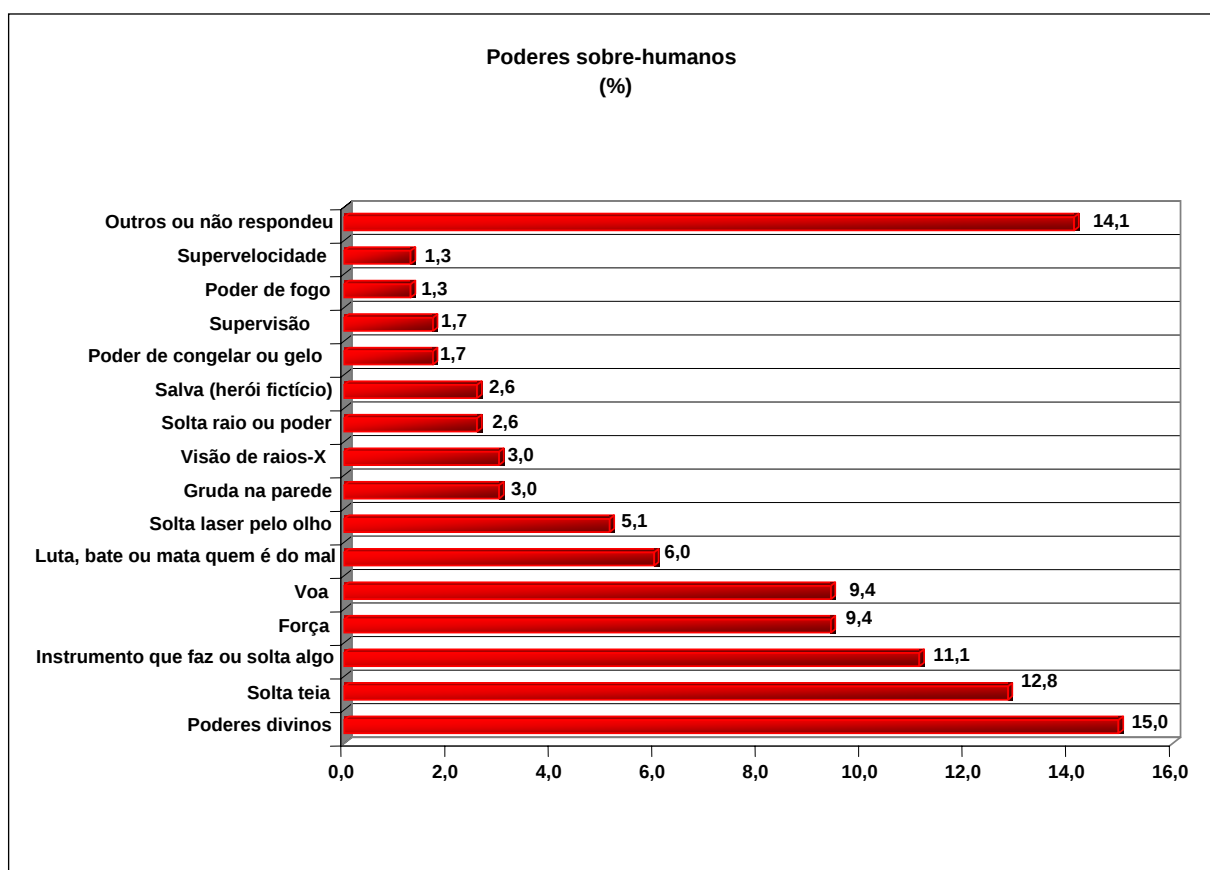
Nesse sentido, a leitura sobre a figura arquetípica da relação Pai-filho expressa nessas imagens, seus poderes divinos, bem como sua relação com o salvamento e com o cuidado, traz elementos simbólicos de cura, proteção, ensinamento, legislação, força, iluminação e unificação, que são comumente atribuídas a Deus e Jesus (JUDY, 1998; ALVARENGA, 2000; 2008) e estavam presentes nas respostas. Os poderes divinos são todos, ilimitados, Deus é considerado pelos cristãos onipotente.

Essas atribuições também englobam a figura materna, haja vista que algumas dessas características são regidas por uma orientação matriarcal. Rios (2008) demonstra que crianças de diferentes idades representam Deus no exercício de cuidado, seja com relação a outros humanos ou com a natureza, além de capacidades supra-humanas, como nos milagres.

Os demais poderes sobre-humanos, como “Solta teia”, “Voa”, “Força”, “Solta laser pelo olho”, entre outros, ligam-se diretamente aos heróis fictícios com maior incidência de respostas (Homem-Aranha e Super-Homem). Espera-se do herói

habilidades especiais (FURTADO, 2006), aquele diferencial que o qualifica ousar e querer, ou seja, dedicar-se ao seu pioneirismo e ação heroica (MÜLLER, 1997; FURTADO, 2006; ALVARENGA, 2008). De maneira semelhante, estão os objetos dos heróis, expressos na subcategoria “Instrumento que faz ou solta algo”, que também parece obedecer ao mesmo critério de escolha, já que Batman é um herói que faz uso desses instrumentos e está entre os heróis com maior frequência de respostas. Estes podem ser entendidos como semelhantes aos poderes heroicos, uma vez que exercem a mesma função, a de instrumentalizar o herói em seus feitos.

Gráfico 11 – Distribuição da frequência quanto aos poderes sobre-humanos⁶



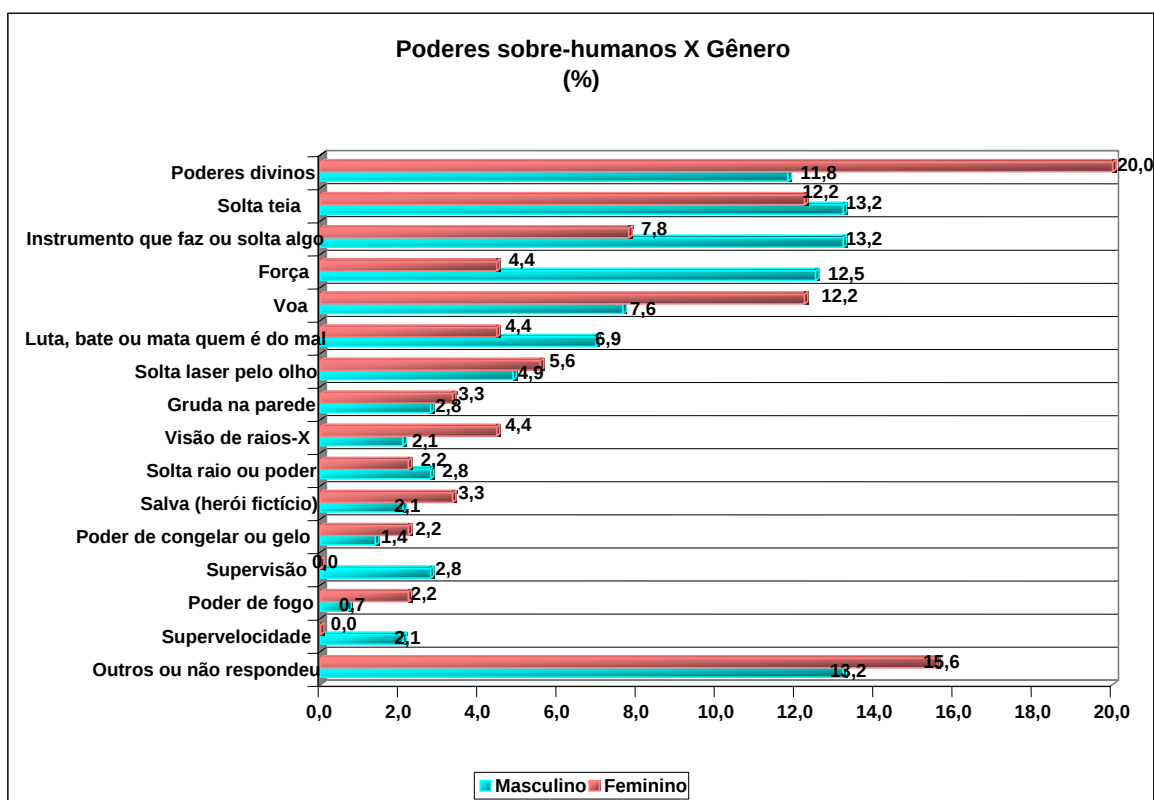
O maior poder sobre-humano apontado pelas meninas foi “Poderes divinos”, com 20,0% (gráfico 12). Esse percentual representa quase o dobro da mesma resposta dos meninos nessa subcategoria, que foi de 11,8%. Isso condiz com o

⁶ A subcategoria “Supervisão”, constante desse gráfico e de outros, refere-se à visão muito desenvolvida, não devendo ser confundida com a palavra homógrafa “supervisão”, referente a “supervisionar”.

maior número de meninas evangélicas e católicas, bem como com a maior frequência de respostas de Deus, na categoria “Heróis Fictícios”, por parte delas.

A respeito dos meninos, destacamos a diferença em relação às meninas em duas subcategorias: “Instrumento que faz ou solta algo” e “Força”. Na primeira, o que chama a atenção é o fato de o principal herói, em termos de alta porcentagem, a lançar mão de instrumentos ser o Batman. Herói esse que foi escolhido de forma mais ampla pelas meninas. No entanto, é de se considerar que aos heróis patriarcais o arsenal heroico é de suma importância (JUDY, 1997).

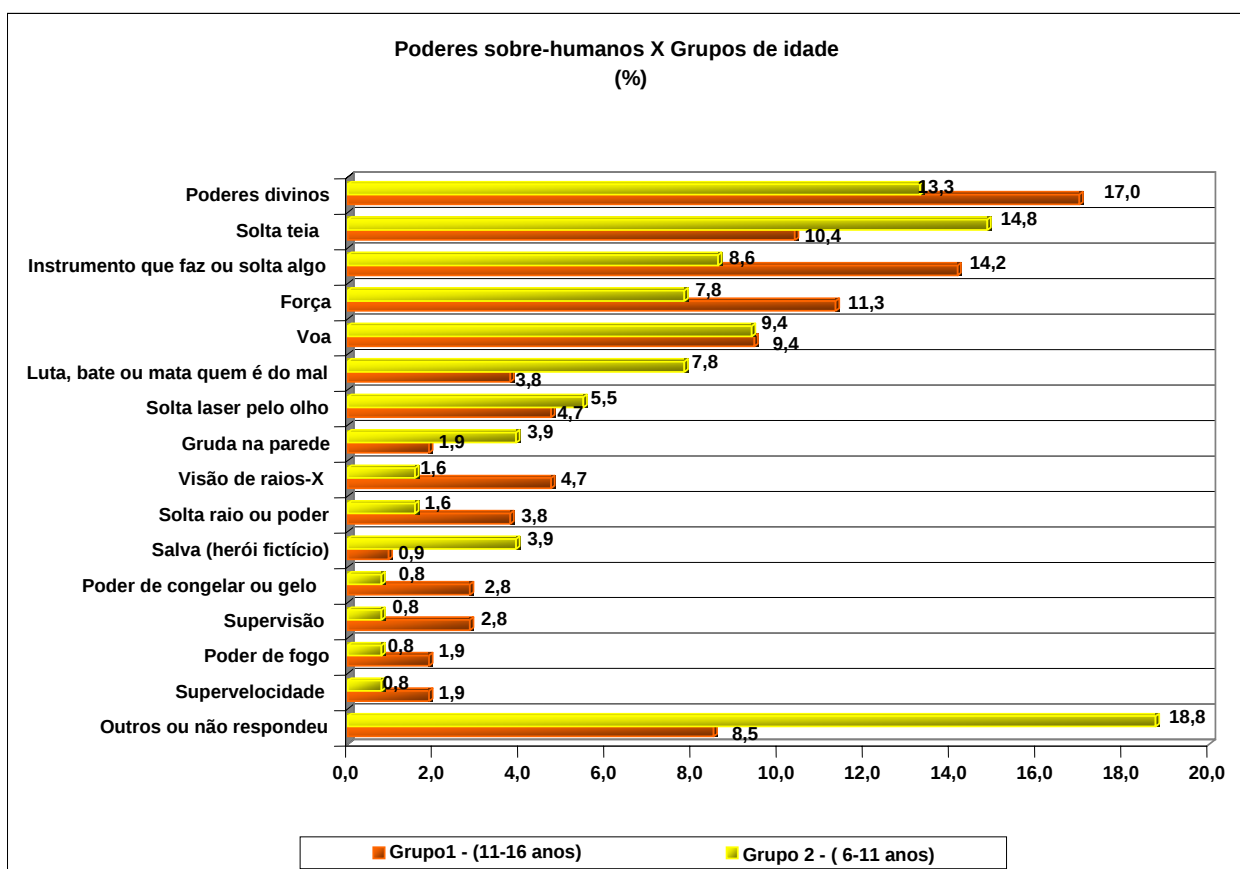
Gráfico 12 – Distribuição da frequência quanto aos poderes sobre-humanos por gênero



A segunda subcategoria destacada nos meninos, a “Força” (12,5%), é esperada como típica do gênero. Essa característica de expressão fálica encontra na cultura valores e expectativas sobre o masculino. Nas meninas, em uma proporção próxima (com 12,2% do gênero), encontramos um contraponto à “Força” no poder “Voa”, um poder não bélico, que remete à liberdade, à possibilidade do

movimento e expansão. Vôo está muito relacionado ao “não poder voar”, o encobrimento de incapacidades (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005). Embora o poder de voar seja comum à grande maioria dos super-heróis contidos nas respostas, a alta aparição nas respostas do gênero feminino parece ensejar uma valorização da liberdade de atitudes, mais comum ao gênero masculino.

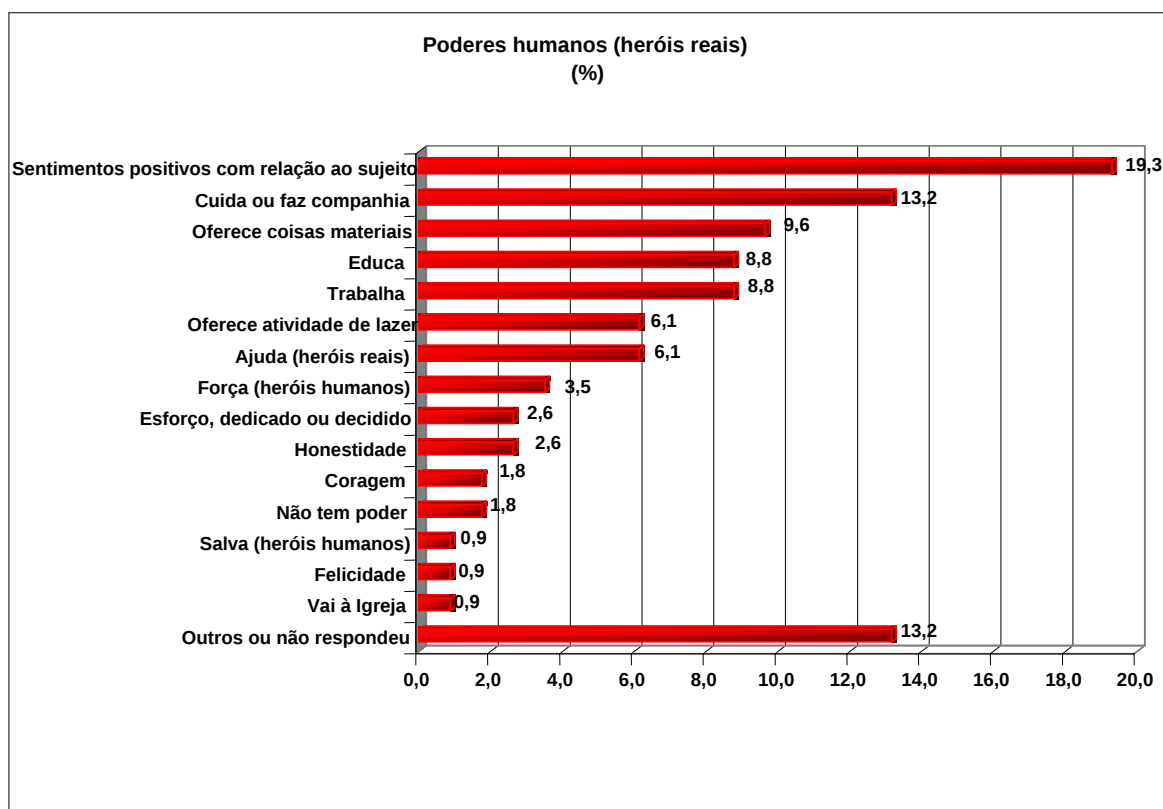
Gráfico 13 – Distribuição da frequência quanto aos poderes sobre-humanos por idade



Podemos verificar também no gráfico 13 que o poder “Força” foi mais frequente entre os maiores (Grupo 1). Deve-se considerar que a entrada na vivência de alteridade exige uma força intensa do ponto de vista psicodinâmico, uma vez que o ego está exercendo na adolescência a tarefa de estruturar-se e discriminar-se ao mesmo tempo. As necessidades do adolescente são mais bem entendidas por eles mesmos se comparados às crianças, tanto emocionalmente como também cognitivamente. O fato de o Grupo 2 (dos menores) apresentar uma alta

porcentagem em relação ao Grupo 1 na categoria “Outros ou não respondeu” reafirma essa leitura. Ainda a respeito da questão 3, em relação aos poderes humanos atribuídos aos heróis (reais), no gráfico 14 temos a seguinte organização:

Gráfico 14 – Distribuição da frequência quanto aos poderes humanos



Ao aventarmos a possibilidade de uma dificuldade na vivência patriarcal positiva, que coloca em risco a continuidade da existência do indivíduo, tocamos também no valor máximo do matriarcado, a vida, uma vez que o patriarcado institui os valores do matriarcado na forma de normas (ALAVARENGA, 2000). O herói Salvador, enquanto pai, pode estar apontando para a necessidade compensatória da instituição de si e do outro simbolicamente.

As sensações de abandono e impotência, comuns à vivência emocional da criança, ativam a função compensatória (MÜLLER, 1997) e exigem poderes opostos a elas, como os poderes dos heróis reais encontrados no gráfico 14, em que as três respostas mais frequentes, referentes aos heróis reais, são de poderes ligados a

atributos que podemos considerar típicos do matriarcado e do patriarcado, como o são o oferecimento de sentimentos positivos, coisas materiais, educação e o ato de trabalhar. Nessa expressão, os sujeitos sugerem uma atitude compensatória, uma vez que seguem na rota contrária de suas condições ambientais, refletindo ainda o narcisismo saudável da criança, que é autorreferente e que precisa que o outro se relacione afetivamente com ela para sobreviver.

O direcionamento de sentimentos positivos aos sujeitos foi a maior frequência de respostas obtida na categoria “Poderes reais”, com 19,3%, exemplos dessas respostas são: “Carinhoso”; “Gosta de mim”; “É legal”; “Amigo” e “Sente amor por mim”.

Além disso, sendo uma das funções do herói mítico a vivência dos valores da cultura, auxiliando na apropriação destes pelos mais novos (CAMPBELL, 2003), os poderes humanizados verificados no gráfico 14 são condizentes com os heróis reais mais escolhidos, ou seja, Pai e Mãe; os pais (gráfico 8) e as atribuições (poderes) deles esperados e também recebidos.

“Cuida e faz companhia”, seguido por “Oferece coisas materiais”, surgem como a segunda e terceira maior frequência respectivamente dentro da categoria dos poderes humanos e podem ser diretamente ligados aos valores do matriarcado e do patriarcado positivo. É válido lembrar que a população pesquisada pertence a uma classe que possui poucos recursos materiais.

A esse respeito, Bustamante e Trad (2005) afirmam, em um estudo sobre participação paterna no cuidado de crianças pequenas, que o cuidado paterno está muito associado à divisão sexual do trabalho, na qual a mulher é cuidadora e o homem provedor. Essa divisão é tão forte, segundo o estudo, que os homens que realizam tarefas de cuidado com os filhos, como alimentação, banho, entre outros, são considerados pelas mulheres da família como fora da função apropriada. Nesse

sentido, o fato de a subcategoria “Oferece coisas materiais” estar entre as maiores em termos de frequência de respostas vem ao encontro da percepção desse estudo.

Porém, tanto a subcategoria acima citada, quanto “Cuida ou faz companhia” são menos frequentes do que “Sentimentos positivos em relação ao sujeito”, como já anunciado anteriormente. Esse dado nos mostra que os poderes heroicos dos modelos reais estão estreitamente ligados à qualidade da relação afetiva com os cuidadores.

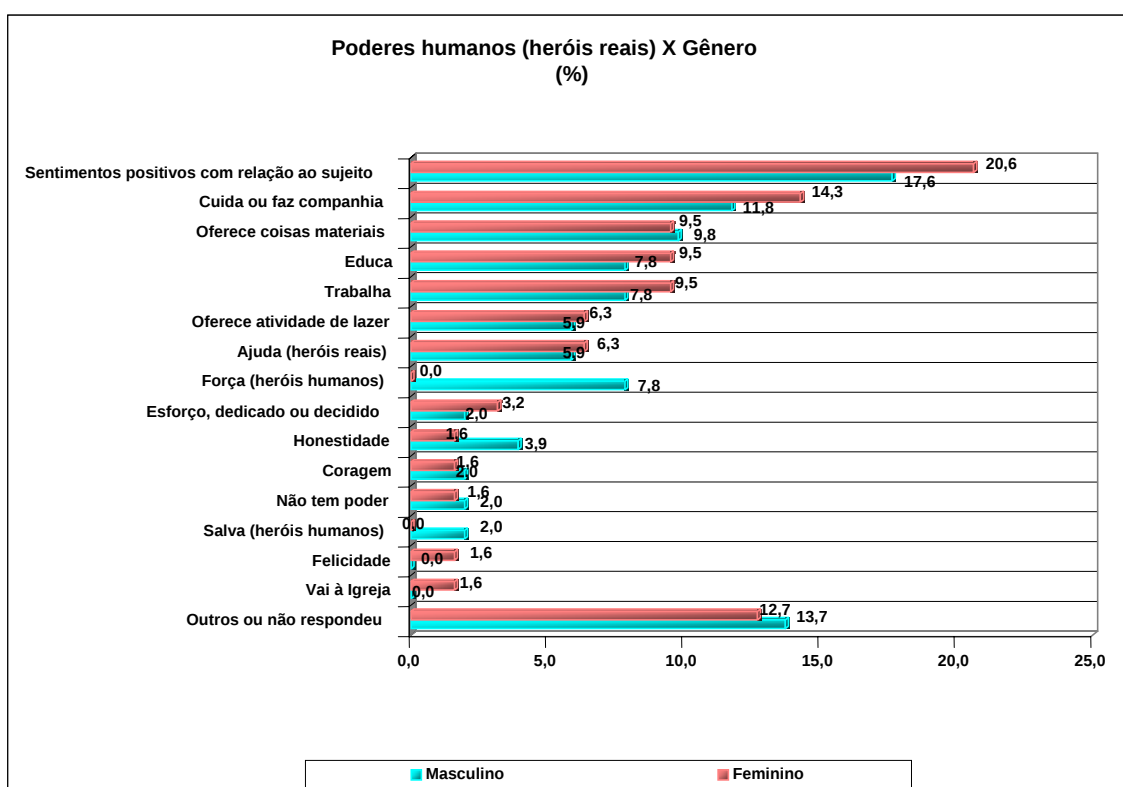
Jung já pronunciava que poder e amor são sentimentos contrapostos, polaridades no psiquismo humano, considerando que o primeiro tende a aumentar na falta do segundo. No entanto, poder e amor podem não ser necessariamente opostos, e o poder pode ser entendido dentro de uma dinâmica própria, e não apenas como oposição do amor (WAHBA, 2004). Isso pôde ser verificado nas respostas sobre quais poderes os heróis reais dos sujeitos possuem. As crianças vivenciam os poderes dos heróis como algo que pode beneficiá-las, e não como algo que as tolhe.

Araújo (2006) advoga que atualmente discute-se muito a questão da ética e resiliência, combatendo a ideia de que, frente às adversidades da vida, as atitudes resilientes tendem a não priorizarem ou incluírem o benefício de outros. No entanto, segundo a autora, é possível afirmar que comportamentos resilientes podem sim beneficiar um coletivo, necessitando inclusive de uma energia do complexo heroico para seu exercício. Essa ideia fomenta nossa percepção de que poderes e habilidades no enfrentamento de dificuldades não se contrapõem necessariamente a atitudes amorosas, mas atuam justamente ao seu favor.

São nessas figuras heroicas e em suas habilidades que o psiquismo infantil e adolescente encontra a possibilidade da vivência do conflito de opostos, necessário ao seu desenvolvimento (FORDHAM, 2001). Ao falarem dos poderes de seus heróis

reais, podem estar falando sobre oposições encontradas em suas vidas, de um lado a marginalização e baixa condição socioeconômica, e de outro os cuidados dos pais que recebem e lhes dão suporte de desenvolvimento, daqueles que podem e devem cuidar deles e salvá-los.

Gráfico 15 – Distribuição da frequência quanto aos poderes humanos por gênero

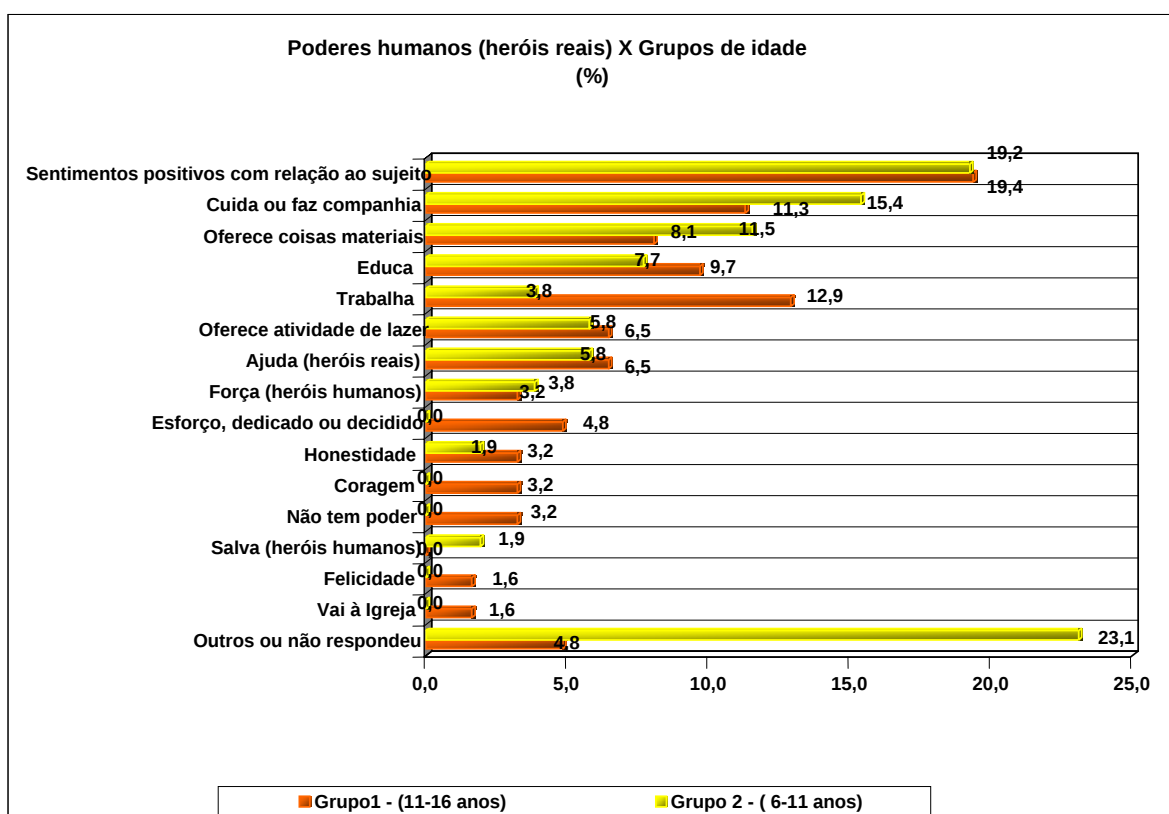


Com relação ao gênero (gráfico 15), destaca-se a proximidade percentual das respostas na maioria das categorias, exceto pela subcategoria “Força” que, a exemplo da categoria “Poderes sobre-humanos”, obteve uma frequência de respostas maior por parte dos meninos. Essa “Força”, no entanto, é referente aos heróis reais, uma força menos extraordinária.

Em termos de idade (gráfico 16), ocorre a proximidade estatística em muitas categorias, a exemplo do verificado quanto ao gênero. No entanto, duas subcategorias apresentam diferenças e merecem destaque.

A subcategoria “Trabalha”, enquanto poder humano, surge com 12,9% no Grupo 1 e 3,8% no Grupo 2. O Grupo 1, sendo composto por adolescentes, demonstra aqui a importância que o trabalho tem do ponto de vista cultural e existencial. A inserção no mercado de trabalho parece se apresentar como uma “conquista heroica”, podendo estar refletindo um desejo dos jovens e a dificuldade em obtê-lo.

Gráfico 16 – Distribuição da frequência quanto aos poderes humanos por idade



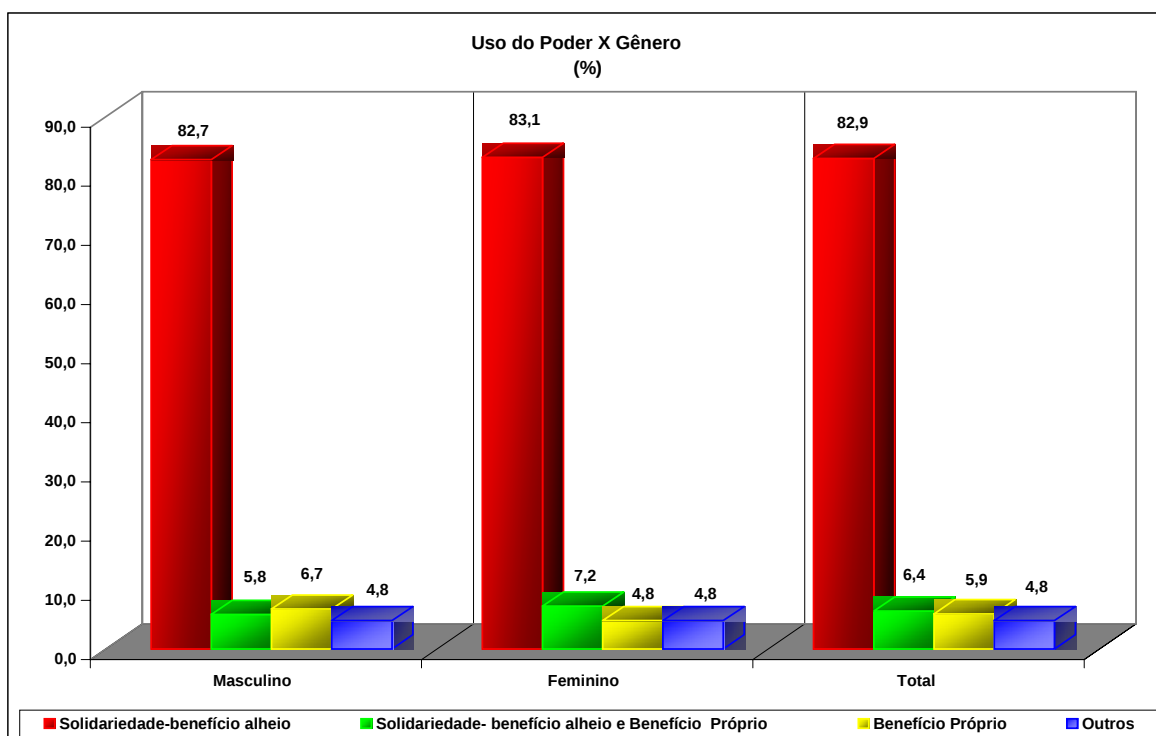
A categoria “Outros ou não respondeu” é muito mais frequente entre os mais novos (23,0% no Grupo 2 e 4,8% no Grupo 1), como também ocorreu na categoria “Poderes sobre-humanos”, demonstrando mais uma vez o menor repertório nas respostas das crianças em relação aos adolescentes.

Essa proximidade estatística na maior parte dos poderes humanos, por parte do gênero e também idade, enseja que a característica da população é valorizar o que podemos denominar “poderes amorosos”, e não opressores.

2.4 Questão 4: Uso dos poderes heroicos

A tomada de posse dos poderes dessas figuras por eles escolhidas é o conteúdo da quarta e última questão da entrevista, que avalia o uso dos poderes de seus heróis, contidos nas questões 2 e 3. As principais categorias criadas sobre as respostas foram focadas sobre o uso dos poderes em: “Solidariedade-benefício alheio”; “Benefício próprio”; “Solidariedade-benefício alheio e Benefício próprio” e “Outros”. Essa última pergunta da entrevista efetuou, entre outros aspectos, uma função precipitadora da expressão de uma atitude solidária ou não. Esse é ponto da pesquisa ao qual demos mais ênfase, pois segue mais intimamente o objetivo da pesquisa, bem como de sua construção.

Gráfico 17 – Distribuição da população quanto ao uso do poder por gênero



$$\chi^2_4=256,3p<0,01$$

$$\chi^2_5=265,4p<0,01$$

$$\chi^2_5=593,5p<0,01$$

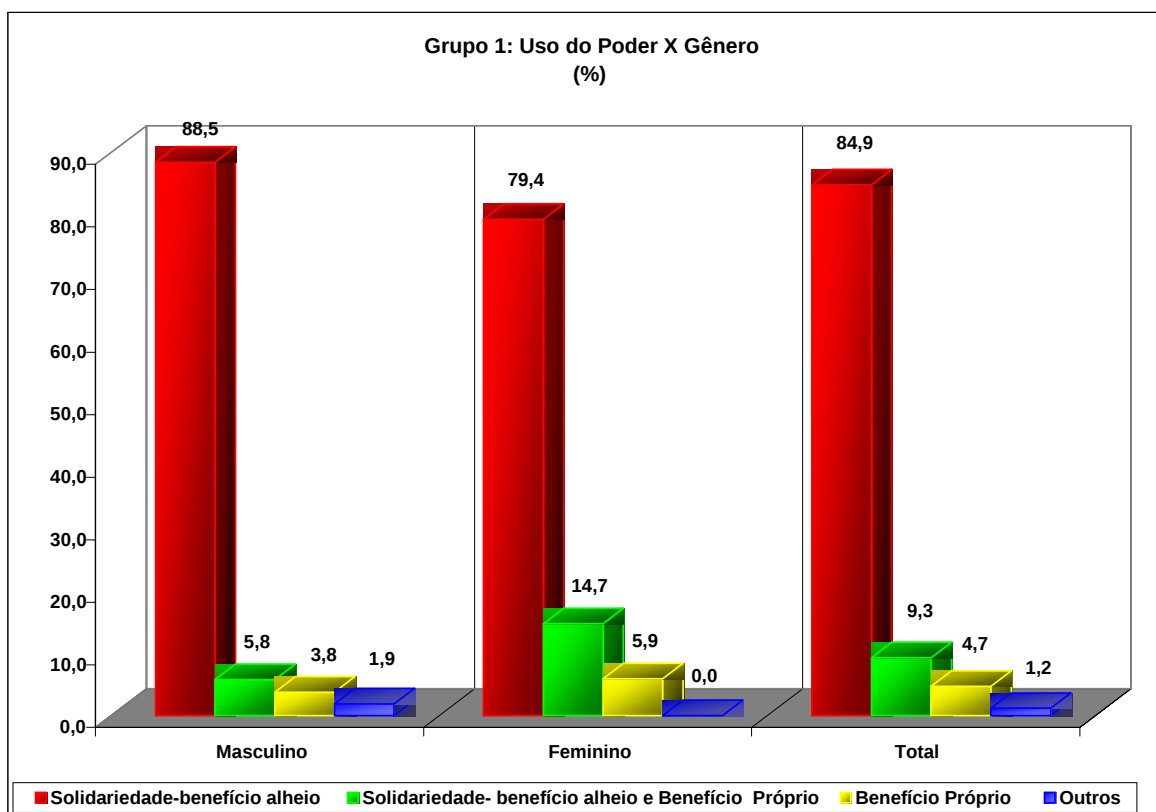
No gráfico 17, podemos constatar que as crianças e adolescentes, ao trazerem para si os poderes atribuídos aos seus heróis e darem um uso pessoal a eles, podem efetuar, de forma fantasiosa, em sua maioria, atitudes de benefício a

outrem. De acordo com a análise do χ^2 , os 82,9% da população total deram respostas de solidariedade e benefício alheio no uso dos poderes de seus heróis, o que corresponde a 155 dos 188 sujeitos pesquisados, sendo um número estatisticamente significativo.

A título ilustrativo, diante da pergunta “O que você faria se você tivesse os mesmos poderes que ele(s)?”, encontramos respostas como: “O mesmo que ele, salvaria as pessoas, lutaria com (contra) os vilões, contribuiria com o meio ambiente e ajudaria os necessitados”; “Defenderia o mundo das pessoas más para o mundo ficar melhor”; “Usaria os poderes para aqueles que necessitam”; “Acabaria com a fome e com a guerra” ou “Salvaria e ajudaria as pessoas, brincaria com as crianças, ajudaria aqueles que não têm casa”.

A segunda maior frequência no uso dos poderes, com 6,4%, não foi a da categoria “Benefício próprio”, mas sim a categoria mista, ou seja, referente ao uso do poder em benefício próprio e também em benefício alheio. Embora a porcentagem seja pequena, é válida pelo fato de ser a segunda em termos de frequência, ou seja, ela mescla a suposta atitude de beneficiar a si próprio com o benefício de terceiros. Exemplos de respostas dessa categoria são: “Ajudaria Jesus e Ele a (o sujeito) ajudaria. Falaria para ninguém me ‘catar’ (bater)”; “Falaria para a S. (colega) parar de mexer comigo e não deixaria faltar nada para as pessoas”; “Ajudaria os outros, viajaria, iria para a praia, soltaria fogo e brincaria”.

A correlação entre gêneros da população total não apresentou diferença estatisticamente considerável, sendo que 83,1% dos sujeitos do gênero feminino e 82,7% dos sujeitos do gênero masculino deram respostas dentro da categoria “Solidariedade-benefício alheio”. No entanto, a porcentagem de cada gênero nessa resposta apresenta-se como estatisticamente significativa em comparação ao número total de grupo.

Gráfico 18 – Distribuição do Grupo 1 quanto ao uso do poder por gênero

$$\chi^2_3 = 111,8 \text{ p} < 0,0001$$

$$\chi^2_2 = 32,9 \text{ p} < 0,0001$$

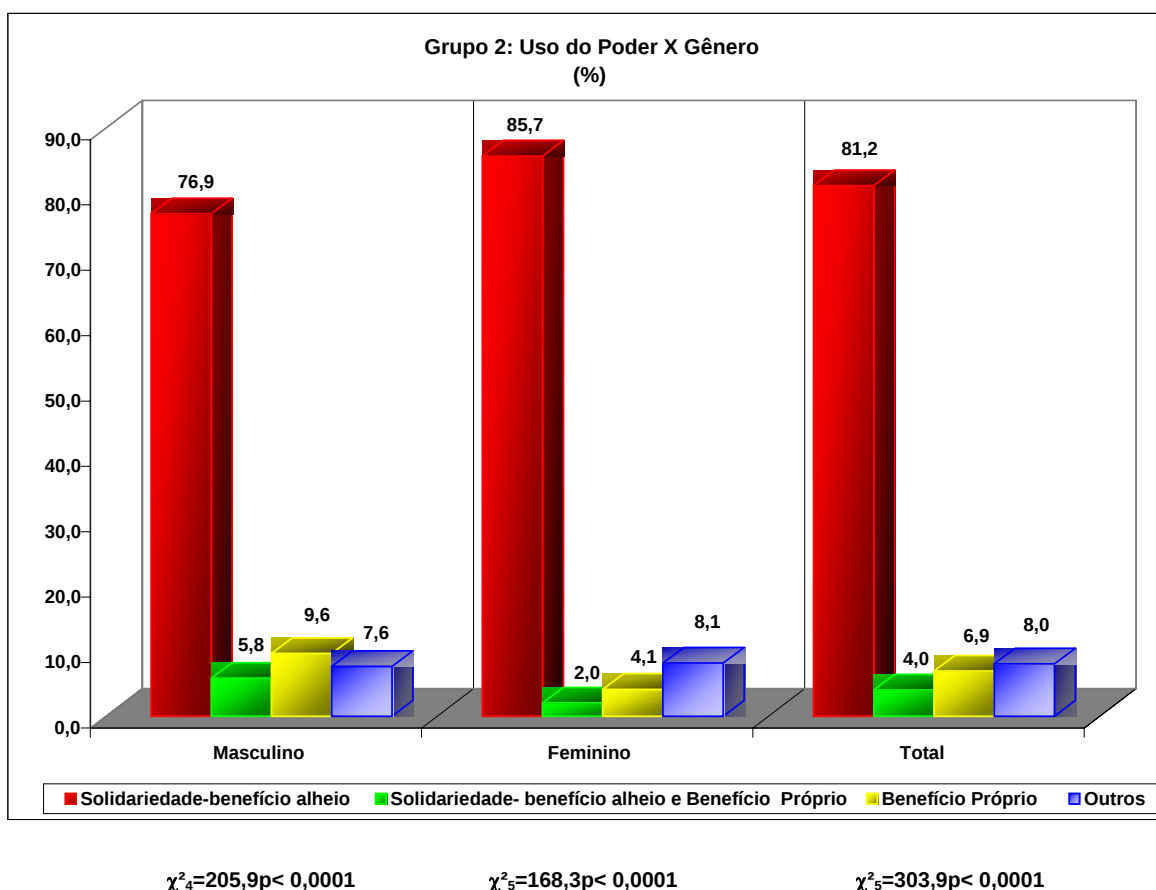
$$\chi^2_3 = 165,6 \text{ p} < 0,0001$$

Sobre as respostas da quarta questão, foi realizada uma separação por gênero em cada um dos grupos de idade, e podemos observar no gráfico 18 que os jovens de 11 a 16 anos, Grupo 1, apresentaram um percentual maior de respostas de solidariedade-benefício alheio do que as meninas do mesmo grupo, sendo 88,5% dos sujeitos do gênero masculino em relação a 79,4% do gênero feminino. Porém, não houve uma diferença estatisticamente válida entre os gêneros do grupo e, a exemplo do que ocorreu nos grupos de gêneros da população total (gráfico 17), ambos os valores dessa subcategoria no Grupo 1, dos adolescentes, são estatisticamente significativos em relação ao total dos membros masculinos e femininos.

No grupo 2 (gráfico 19), ou seja, da crianças de 06 a 11 anos, houve uma inversão nesse percentual, isto é, as meninas apresentaram 85,7% de respostas de

solidariedade-benefício alheio em relação a 76,9% dos meninos. E embora não haja diferença estatística válida, é interessante observar que em idades mais jovens as meninas parecem ser mais solidárias, e na adolescência os meninos aparentemente passam a ser mais solidários.

Gráfico 19 – Distribuição do Grupo 2 quanto ao uso do poder por gênero



Dentro desse recorte, a categoria com maior frequência de respostas, portanto, é de “Solidariedade-benefício alheio” e, dentro dessa categoria, podemos refletir sobre o conceito de generosidade, o qual destacamos das demais qualidades heroicas.

Estabelecendo uma relação entre atitudes solidárias com a generosidade, podemos nos referir a Dell'Aglio e Hutz (2001), quando afirmam que pesquisas sobre comportamentos pró-sociais apontam que as crianças desenvolvem desde muito

cedo a compreensão social. Isso afeta seu desenvolvimento sobre ideias de justiça e aponta que o reconhecimento da injustiça tende a aumentar com a idade.

Para além do campo moral, pretendemos refletir sobre a importância e possíveis implicações da generosidade na experiência compartilhada (coletiva) e também na individual (privada). Indícios clínicos, segundo Kradin (1999), apontam para o fato de que a criança que não consegue evocar generosidade parental poderá desenvolver afetos de vergonha e consequentes reações defensivas de raiva, inveja, cinismo e ódio.

Em termos sociais, a generosidade parece ser um dinamismo psíquico com função adaptativa, uma estratégia de propagação da espécie. Tal pensamento vem ao encontro dos achados de Markovits et al. (2003) sobre a importância do comportamento de partilha de alimento enquanto fator crucial da evolução humana, biologia, antropologia e economia. Mesmo em animais, os estudos mostram que o comportamento de partilha de comida é um complexo comportamento condicional, que aparece também em humanos em condições contextuais que alteram esse comportamento.

Discute-se a ideia (hipótese) de que os modelos internos são inconscientemente codificados a partir das observações de interações sociais. Afirma o mesmo autor que seu estudo engrossa a ideia de que as crianças são eficientes processadores de informações sociais e que são capazes de reconstituir um complexo padrão de comportamento de seus modelos internos, também no caso discutido em sua pesquisa, que envolve modelos de partilha de alimentos, concluindo que é muito provável que em contextos de escassez de alimentos há uma tendência de maior partilha. Poderíamos entender tais comportamentos como correlatos da generosidade.

A vivência prévia durante o desenvolvimento possibilita ao mesmo tempo sentimentos de bem-estar e o desejo de compartilhar com outro. Isso estaria de acordo com a visão de Jung a respeito de sua teoria da libido, quando considera a progressão da energia sexual para complexas formas (estratégias) psíquicas (JUNG, 1986a). A generosidade seria uma importante forma de canalização libidinal, sendo inclusive considerada como fator terapêutico fundamental em um processo psicoterápico (KRADIN, 1999).

Nesses termos, generosidade implica um estado de conexão entre sujeitos, uma forma espontânea de relação (afetiva) e atuação humana. Enquanto alegoria, encontramos a generosidade ao longo da história da humanidade expressa no mito do herói, de forma mais específica no *retorno do herói*. Esse é o momento derradeiro da jornada do herói dentro do ciclo heroico elaborado por Campbell (2002), ou seja, é o ponto no qual o herói, após passar pelo limiar da aventura e entrar em contato com o elemento transformador, retorna a fim de compartilhá-lo com seus iguais, dividir o que conquistou:

Mitos nos informam sobre como a generosidade é cultivada. Seu desenvolvimento é compreendido pelo duplo modo de motivo do “herói e retorno” (Campbell 1976). Em seu difundido “mythologem”, a capacidade da generosidade se desenvolve como o resultado de uma série de confrontos com efeitos narcisísticos e conhecimentos, aos quais o herói/ego deve superar. Se for bem sucedido, o herói/ego experimenta a revelação dos mistérios eternos do “Self”, e aceita interdependência com o processo inconsciente supraordenado. Após conseguir este “insight”, o mito culmina com o herói/ego optando por compartilhar seu novo “insight” de forma não egoísta (ou altruisticamente) com outros (KRADIN, 1999, p. 233)⁷.

O fato de a generosidade dar indícios de estar presente no psiquismo humano desde momentos iniciais do desenvolvimento a coloca em um importante patamar. Sua experiência parece apontar para uma atualização arquetípica no sentido de funcionar enquanto conexão consciente-inconsciente entre indivíduos, e também por

⁷ Tradução nossa.

estar na base da formação da moral e da justiça, pilares centrais na estruturação de uma civilização.

A formação e o estabelecimento da cultura são concebidos por Jung (2000a) como um instinto de reflexão, o que nos permite afirmar que o relacionamento entre seres humanos é arquetipicamente orientado. O instinto de reflexão pode se apresentar multiforme dentro da psique humana, sendo uma dessas formas o “comportamento ético” (par. 242), o que nos faz pensar na possível relação entre instinto e generosidade, uma vez que a generosidade parece encontrar-se na fundação da moral humana (LA TAILLE, 2006). Nesse sentido, é possível afirmar que não raras são as atitudes generosas em que os instintos de autopreservação e preservação da espécie (fome, sexo ou defesa diante de perigo eminente) são superados pelo instinto de generosidade, ocupando aqueles, momentaneamente, um lugar de menor importância frente ao autossacrifício em prol do outro.

Na mítica, não raras vezes, o herói, seja em sua infância, preparação ou jornada, apresenta-se como um serviçal. Esse aspecto nos faz retomar o conceito de processo de individuação, uma vez que o desenvolvimento tem como condição a saída da impotência, atualização dos impulsos naturais, individualização, encontro e partilha com o outro, o coletivo. Jung (2006) assim nos apoia:

O si-mesmo, enquanto pólo oposto, ou o absolutamente “Outro” do mundo, é a *conditio sine qua non* do conhecimento do mundo e da consciência de sujeito e objeto. É a alteridade psíquica que possibilita a verdadeira consciência. A identidade não possibilita a consciência. Somente a separação, o desligamento e o confronto doloroso através da oposição, pode gerar consciência e conhecimento. [...] Independentemente da atitude de rejeição ou de aprovação condicional da respectiva filosofia, há uma tendência compensatória em nossa psique inconsciente para produzir um símbolo do si-mesmo em seu significado cósmico. Estes esforços ocorrem nas formas arquetípicas do mito do herói, como podem ser facilmente observados em todo processo de individuação (par. 289).

Na pesquisa, pudemos constatar que a vivência heroica pressupõe generosidade, uma vez que o herói definido por sua ação traz conquistas pessoais e coletivas, ele pressupõe o Outro. O herói, enquanto emblema do patriarcado, o

institui quando considera a existência do Outro, o *alter*. Mesmo na infância (Grupo 2), as respostas com relação ao uso dos poderes são, em sua maioria, visando ao bem do outro. Estamos sugerindo que a generosidade se apresenta na forma de fantasia, e em rompantes, desde a infância.

A intenção não é afirmar que a generosidade se apresentou nas respostas sobre o uso dos poderes, mas sim demonstrar que, quando proposta a tomada de poder para si de seu(s) herói(s), as crianças e adolescentes evocam a generosidade contida nessa vivência arquetípica (do herói). O que parece enriquecer essa constatação é a adversidade vivida no cotidiano dessa população, socialmente à margem da cultura, exposta a várias facetas da violência e destruição que, no entanto, ainda em desenvolvimento, indica trazer a generosidade no hipotético uso dos poderes. A generosidade parece surgir evocando as bases da vivência matriarcal e patriarcal positiva, ou seja, uma abertura para o estabelecimento da alteridade.

XI Considerações finais

O estudo realizou uma pesquisa sobre os modelos heroicos de crianças e adolescentes de baixa renda integrantes de um Projeto Social no interior do estado de São Paulo. Para tanto, esse levantamento englobou definições de herói, os heróis eleitos pelos sujeitos, seus atributos e qual o uso que fariam destes. A pesquisa partiu do pressuposto de que todos os seres humanos necessitam de modelos referenciais para o seu desenvolvimento.

A criança começa, desde muito cedo, a relacionar-se com esses modelos e, a partir dessa relação, inicia sua ação efetiva no mundo, o que reflete e promove seu desenvolvimento psíquico. A Psicologia Analítica entende que essa relação é ordenada no psiquismo por meio da capacidade de simbolizar do ser humano, pelo Self, que efetua a constelação de possibilidades arquetípicas, necessárias ao desenvolvimento humano.

Dentre essas possibilidades está a vivência do herói, que exerce a função de desenvolver progressivamente a diferenciação do psiquismo individual, bem como o estabelecimento do sujeito individual, com seu característico relacionamento entre sua consciência e o inconsciente, necessário a todo processo de individuação. A vivência heroica, por sua vez, tem início por meio do contato com figuras ideais próximas, como os pais ou cuidadores, e culturais, que são apresentadas pela sociedade, como os heróis, uma vez que há uma orientação instintiva por essa busca. A criança humana necessita de modelos e de uma qualidade boa de relação com estes para desenvolver-se de maneira sadia.

Na pesquisa, foi possível observar como as crianças e adolescentes apontaram, sem grandes dificuldades, seus modelos heroicos e suas capacidades, ordinárias e extraordinárias. Esse aspecto se revelou também na grande presença de respostas referentes ao cuidado e ao salvamento. Embora a multiplicidade de

respostas – quanto à definição heroica, aos modelos heroicos e aos poderes – tenha inviabilizado uma análise estatística em termos de significância, as respostas apresentam uma rica gama de aspectos do desenvolvimento.

A população, por ser composta por sujeitos socioeconomicamente pouco favorecidos, ofereceu uma valiosa oportunidade de avaliarmos esses atributos, os quais categorizamos como “cuidado” e “salvamento”, visto que, diante de necessidades mais acentuadas, pudemos verificar a importância das instituições no auxílio familiar, aventando que, numa sociedade bem estruturada, coletivamente harmônica, a organização coletiva é uma necessidade e pode funcionar como compensação de eventuais deficiências da estrutura familiar, especialmente numa época em que os padrões de estrutura familiar vêm se transformando tão rapidamente, e o modelo tradicional, com pai, mãe e filhos, dilui-se entre muitas outras possibilidades.

Também consideramos o fato de a população estar exposta às situações de exclusão social e violência, o que a deixa vulnerável para a vivência do anti-heroísmo, ou seja, a uma desvirtuação do heroísmo, em que o indivíduo age de forma predatória e lesiva no âmbito social. Nesse sentido, foi observada a importância das forças institucionais para a cultura, as quais podem auxiliar na estruturação psíquica de crianças e adolescentes, no oferecimento de outras possibilidades ao seu desenvolvimento.

As instituições religiosas apareceram como contraponto do anti-heroísmo, já que Deus e Jesus, enquanto categorias, foram os heróis fictícios mais escolhidos, bem como, entre os poderes, os divinos. Esse dado ligou-se ao fato de quase metade da população estar ligada a religiões evangélicas, e uma pequena parte a outras religiões de orientação cristã. Ficou demonstrada, assim, a grande presença

de religiões evangélicas nessa população que, de forma ampla, expôs seus modelos e valores.

Se por um lado as religiões conseguem alcançar esse papel de grande penetração na vida dos indivíduos, o mesmo não ocorre com as instituições educacionais estatais (escolas estaduais), ficando exposta sua fragilidade com a diminuição de seus inclusos com o aumento da idade destes. No entanto, vale ressaltar que a instituição onde a pesquisa foi realizada possui caráter educativo, o que não impede a sua livre procura pela comunidade.

A família também teve sua importância demonstrada na pesquisa, uma vez que os principais modelos heroicos reais foram os pais. A valorização de atributos relativos ao apoio familiar, que da mesma forma foram os mais associados a esses heróis, também corrobora com esse dado. O que chamou a atenção foi o fato de não só as crianças menores escolherem os pais como heróis, mas também as maiores, os adolescentes.

É possível concluir que há uma necessidade cultural de apoio institucional à família, tendo em vista que ambas apareceram, na apresentação de modelos de identidade, como “porta de entrada” à vinculação infantil e adolescente. Fica clara a importância dada aos atributos de cuidado e salvamento a respeito das definições heroicas, dando o ensejo de um “pedido” por estes atributos.

Os poderes heroicos, de igual maneira, apareceram como atuantes em prol dos indivíduos e, da mesma forma quanto ao seu suposto uso por parte dos sujeitos, é predominantemente trazido de forma a beneficiar outrem, com significância estatística.

Nesses termos, é que destacamos a qualidade da generosidade enquanto possibilidade arquetípica, necessária ao desenvolvimento humano e capaz de favorecer a continuação de sua existência. Considerando que a generosidade atua

de forma adaptativa e que instiga o relacionamento entre indivíduos, é possível associá-la à metáfora heroica, uma vez que o herói retorna de suas aventuras trazendo algo a compartilhar. O mesmo heroísmo que pode se perder, ceder às forças de sua natureza sombria, bater, matar, conquistar e impor-se, pode também salvar, partilhar e amar.

O intuito principal do presente estudo foi verificar e refletir sobre os modelos heroicos ou modelos de identidade e suas implicações quanto ao desenvolvimento nessa relação. Entendemos que a possibilidade de oferecer dados e instrumentos para os cuidadores dos sujeitos (instituição participante da pesquisa, comunidade e família) possa contribuir com um maior entendimento destes a partir da pesquisa e auxiliar, assim, no trato com suas crianças e jovens.

Embora não tenhamos elaborado, a princípio, um estudo interventivo, ou qualquer outra forma de proposição geral sobre a relação dos modelos heroicos, desenvolvimento e processo de individuação, sugerimos a repetição da pesquisa em outras realidades por a considerarmos uma forma válida para ampliação de esclarecimento sobre o tema. Esse entendimento sugere uma abertura para novos estudos na tentativa de possibilitar a criação de um modelo interventivo e de profilaxia condizente com as diferenças e similaridades de populações distintas.

Devido ao fato de a constituição da cultura possuir raízes na psique objetiva do inconsciente coletivo, destacamos mais uma vez o estado de decadência moral da nossa civilização. Poderíamos pensar em uma falha na constelação de um “arquetipo da generosidade” em estágios posteriores da vida humana? Ou talvez em uma dificuldade coletiva em considerar e desenvolver esse aspecto humano enquanto instância real do psiquismo? É possível que pesquisas sobre o tema possam apontar para o aspecto agregador (relogador) e necessário da generosidade ao processo de individuação. O que devemos considerar é a possibilidade de um

salto qualitativo, em termos de mudança cultural, estar atrelado à força, potência e energia transformadora da constelação do arquétipo do herói e da ação curativa e germinativa de uma emersão do arquétipo da generosidade.

XII Referências

ALMEIDA, Maria Beatriz Vidigal Barbosa de. Pai-Filho: por uma relação de alteridade. *Revista Hermes*, n.11, p. 58-71, 2006.

ALVARENGA, Maria Zélia de. O herói e a emergência da consciência psíquica. *Junguiana*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n.17, p. 72-89, 1999.

ALVARENGA, Maria Zélia de. A dinâmica do coração: do herói-dever, heroína-acolhimento para o herói-heroína-amante-amado. *Junguiana*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n.18, p. 133-151, 2000.

ALVARENGA, Maria Zélia de. *O Graal*. Arthur e seus cavaleiros: leitura simbólica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

ARAÚJO, Ceres Alves de. Novas idéias em Resiliência. *Revista Hermes*, n.11, p. 85-94, 2006.

ARMANDO, Marilena Dreyfuss. *Calatonia e religiosidade: uma abordagem junguiana*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

ARPINI, Dorian Mônica. *Violência e exclusão: adolescência em grupos populares*. Bauru: Edusc, 2003.

BARBA, Patrícia Carla et. al. Promoção da saúde e educação infantil: caminhos para o desenvolvimento. *Paidéia*. Revista do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, v. 13, n. 26, 2003. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/26/01.htm>>. Acesso em: 31/07/2008.

BATMAN. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Batman>>. Acesso em: 18/11/2008.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paumape, 1979.

BILIC, Vesna. Connection between classroom abuse and manifest aggressiveness, anxiety and altruism. *Coll Antropology*, v.4, n.30, p. 727-734, 2006.

BISQUERA, Rafael et al. *Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Artmed Editora, 2004.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, v. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Sinopse Estatística da Educação Básica 2007*. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>>. Acesso em: 10/08/2008.

BUSTAMANTE, Vânia; TRAD, Leny Alves Bonfim. Participação paterna no cuidado da saúde de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 21, n. 6, p. 1865-1874, 2005.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. O desenvolvimento simbólico da personalidade. Os quatro ciclos arquetípicos. *Junguiana*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n.1, p. 8-63, 1983.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. 21ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2003.

CARNEIRO, Kelber Silvio Rios . Desejo em Descartes. Vontade, Erro e Generosidade. *Cógito*, Salvador, v. 5, n. 05, p. 69-75, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

COMTE-SPONVILLE, André Comte; FERRY, Luc. *La sagesse des modernes: dix questions pour notre temp*. Paris: Robert Laffont, 1998.

COZBY, Paul C. *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas, 2003.

CREDO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Credo>>. Acesso em: 17/01/2009.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; HUTZ, Cláudio Simon. Padrões evolutivos na utilização dos princípios de justiça distributiva em crianças e adolescentes no Sul do Brasil. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.1, n.14, p. 97-106, 2001.

DICKIE, Jane R. et al. Parent-Child Relationship and Children's Image of God. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v.36, n.1, p. 25-43, 1997.

EDINGER, Edward F. *Ego e arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. São Paulo: Cultrix, 2003.

FORDHAM, Michael. *A criança como indivíduo*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

FRANCISCATO, Maria Cristina Rodrigues da Silva. *Eurípides-Héracles*. 1ª. ed. São Paulo: Palas Athena, 2003.

FRANCISCATO, Maria Cristina Rodrigues da Silva. Paralelos entre individuação e caminho heróico: ambigüidades do self. In: 3ª Jornada de Psicologia Junguiana de Bauru e Região & 8ª Mostra de Pesquisas do Curso de Técnicas Terapêuticas Junguianas, Bauru, SP. Anais, v. 1, p. 110-125, 2005.

FURTADO, Antonio L. *Mitos e lendas: heróis do Ocidente e do Oriente*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

GASH, Hugh; BAJD, Barbara. Young people's heroes in Ireland and Slovenia. *The Irish Journal of Psychology*, v. 26, n. 3-4, p. 137-148, 2005.

GONZALEZ REY, Fernando. *Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thomson Learning (Pioneira), 2005.

GRINBERG, Luís Paulo. *Jung: o homem criativo*. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2003.

HAGA, Elizabeth Yuko. *Batman: o sofrimento de um herói atormentado*. *Revista Hermes*, n. 9, p. 22-29, 2004.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl Gustav et al. *O Homem e seus símbolos*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000b.

HENDERSON, Joseph L. *Cultural attitudes in psychological perspective*. Toronto, Canadá: Inner City Books, 1984.

HENDERSON, Joseph L. *Shadow and self selected papers in Analytical Psychology*. Wilmette: Chiron Publications, 1989.

HOMEM-ARANHA. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_aranha>. Acesso em: 18/11/2008.

JACOBY, Mario. *Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*. São Paulo: Paulus, 2007.

JUDY, Dwight H. *Curando a alma masculina: o cristianismo e a jornada mítica*. São Paulo: Paulus, 1998.

JUNG, Carl Gustav. *Símbolos da transformação*. O.C. V. Petrópolis: Vozes, 1986a.

JUNG, Carl Gustav. *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. O.C. IX/2. Petrópolis: Vozes, 1986b.

JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. O.C. VI. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *Presente e futuro*. O.C. X. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. O.C. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2000a.

JUNG, Carl Gustav et al. *O Homem e seus símbolos*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000b.

JUNG, Carl Gustav. *O desenvolvimento da personalidade*. O.C. XII. Petrópolis: Vozes, 2002a.

JUNG, Carl Gustav. *A energia psíquica*. O.C. VIII/1. Petrópolis: Vozes, 2002b.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. O.C. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2006.

KAHN, Túlio; ZANETIC, André. *O papel dos municípios na segurança pública: estudos criminológicos*. 2005. (Relatório de pesquisa). Disponível em: <http://www.ssp.sp.gov.br/estatisticas/downloads/manual_estudos_criminologicos_4.pdf>. Acesso em: 19/09/2008.

KAST, Verena. *A dinâmica dos símbolos*. São Paulo: Loyola, 1997.

KRADIN, Richard. Generosity: a psychological and interpersonal motivation factor of therapeutic relevance. *Journal of Analytical Psychology*, n. 44, p. 221-236, 1999.

LA TAILLE, Yves de La. A Importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 1, n. 19, p. 09-17, 2006.

LIMA FILHO, Alberto Pereira. *O pai e a psique*. São Paulo: Paulus, 2002.

LOSACCO, Silvia. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALER, Maria Amália Faller (Orgs.) et al. *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2005.

MA, Hing Keung. The relation of Gender-Role classification to the prosocial and antisocial behavior of Chinese adolescents. *The Journal of Genetic Psychology*, v. 2, n. 166, p. 189-201, 2005.

MACIEL, Corinyha. *Mitodrama: o universo mítico e seu poder de cura*. São Paulo: Ágora, 2000.

MARKOVITS, Henry et al. Children and adolescents' internal models of food-sharing behavior include complex evaluations of contextual factors. *Child Development*, v. 74, n. 6, p. 1697-1708, 2003.

MARQUES, Gustavo Orlandeli; SIQUEIRA, Guilherme; VERGUEIRO, Paola Vieitas. Violência ágora. *Psicologia Revista – Faculdade de Psicologia da PUC-SP* –, São Paulo: Educ, n. 15, p. 59-75, 2006.

MARQUES, Gustavo Orlandeli; LEBOREIRO, Mariana Ferreira; SOIFER, Renata. Individualização na infância: construção do ser indiviso na busca pela completude. *Revista Hermes*, n. 12, p. 24-32, 2007.

MAZZESCHI, Claudia; et.al. Vega. Duss fairy tales: some data from a new evaluation form. *Perceptual and Motor Skills*, n. 93, p. 806-812, 2001.

MOLINEIRO, Maria Lygia de Carvalho. *Vocação: uma perspectiva junguiana: a orientação vocacional na clínica junguiana*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos, da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

MÜLLER, Lutz. *O herói: todos nascemos para ser heróis*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

NELSON, Amanda K.; BUCHHOLZ, Ester Schaler. Adolescent girls' perceptions of goodness and badness and the role of will in their behavioral decisions. *Adolescence*, v. 38, n. 151, p. 421-440, 2003.

OLIVEIRA, Luísa. *Coisas de menina: uma análise compreensivo-simbólica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica Psicossomática) – Programa de Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos, da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Maria Paula Magalhães Tavares de. Reflexões sobre agressão e violência: da biologia à cultura. *Junguiana*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n. 23, p. 59-66, 2005.

RIOS, Ana Maria Galvão. *Um estudo junguiano sobre a imagem de Deus na infância dentro da tradição cristã*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos, da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

RÚBIO, Kátia. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUIZ, Cristina; CONDE, Elena; TORRES, Esteban. Importance of facial physical attractiveness of audiovisual models in descriptions and preferences of children and adolescents. *Perceptual and Motor Skills*, n. 101, p. 229-243, 2005.

RUSHTON, J et al. Philippe et al. Altruism and aggression: the heritability of individual differences. *Iranian Journal of Psychology, and Social*, v. 50, n. 6, p. 1192-1198, 1986.

SAMUELS, Andrew. *Jung e os pós-junguianos*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1989.

SAUAIA, Neusa Maria Lopes. *Psicoterapia de orientação junguiana com foco corporal para grupos de crianças vítimas de violência: promovendo habilidades de resiliência*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica Psicossomática) – Programa de Psicologia Clínica, Núcleo de Psicossomática, da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

SHARP, Daryl. *Léxico junguiano: dicionário de termos e conceitos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SNYDER, Susan U. Interviewing College students about their constructions of love. In: GILGUN, Jane F. et al. *Qualitative methods in family research*. London: Sage Publications, p. 43-65, 1992.

SUPERMAN. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Superman>>. Acesso em: 18/11/2008.

SZYMANSKI, Heloiza. Ser criança: um momento do ser humano. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALER, Maria Amália Faller (Orgs.) et al. *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC-SP, 2005.

TAVARES, Dinalva Menezes Castro. *Violência doméstica: uma questão de saúde pública*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.bvs-sp.fsp.usp.br/tecom/docs/2000/tav001.pdf>>. Acesso em: 31/07/2008.

VARGAS, Nairo de Souza. Prefácio. In: BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*, v. III. Petrópolis: Vozes, 1990.

WAHBA, Liliana Liviano. Poder e amor: a sedução dos mentores. *Junguiana*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n. 21, p. 39-46, 2003.

WHITMONT, Edward C. *A busca do símbolo*. 14^a ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

ZOJA, Luigi. *Nascer não basta*. São Paulo: Axis Mundi, 1992.

ANEXOS⁸

⁸ Os instrumentos constantes deste anexo foram elaborados e aplicados antes da vigência do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ANEXO 1**PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP

Protocolo de Pesquisa Nº 033/2007

Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Ceres Alves de Araújo

Autor(a): Gustavo Orlandeli Marques

Parecer sobre o Projeto de Mestrado intitulado *Alteridade na vivência heróica: modelos heróicos no desenvolvimento infantil e adolescente e processo de individuação*

Em conformidade com os critérios da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), a relevância social, a relação custo/benefício e a autonomia dos sujeitos pesquisados, foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

No nosso entendimento, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

Face ao parecer consubstanciado elaborado pelo Sr. Prof. Dr. Manoel Tosta Berlink, o parecer do Comitê é favorável à aprovação do projeto.

São Paulo, 27 de abril de 2007.


Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

ANEXO 2

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO SUJEITO SOBRE A PESQUISA

A presente pesquisa tem por objetivo investigar a identificação das crianças e adolescentes com modelos heróicos e suas implicações em seu processo de desenvolvimento individual e coletivo. Esta será feita a partir da análise das respostas de quatro perguntas feitas para as crianças e adolescentes, quais sejam: **1- O que é um herói para você?/ 2- Qual(is) seus(s) herói(s) preferido(s)?/ 3- Que poderes ele(s) tem?/ 4- O que você faria se você tivesse os mesmos poderes que ele(s)?**

Essas respostas serão registradas por estagiários do curso de Psicologia selecionados e treinados pelo pesquisador. A coleta desses dados será realizada de forma individual em salas específicas. As crianças e adolescentes participantes da pesquisa são do Projeto (nome do Projeto), na cidade de Bauru, Estado de São Paulo, local onde o pesquisador é psicólogo titular. A identificação com figuras heróicas foi escolhida por tratar-se de uma dinâmica psíquica importante no desenvolvimento e o estabelecimento do quadro de valores das crianças e adolescentes. A pesquisa será parte de uma dissertação de Mestrado no Programa de Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Será utilizado um questionário aplicado verbalmente, sendo as respostas registradas de forma escrita, o que não oferece riscos à população envolvida.

O colaborador terá acesso aos resultados da pesquisa, sempre que solicitar. Garante-se a confidencialidade e o sigilo do material pesquisado, bem como a identificação dos colaboradores da pesquisa.

O pesquisador compromete-se a reverter em benefícios dos colaboradores os resultados da presente pesquisa, uma vez que permitirá conhecer esta população e suas características. O pesquisador compromete-se também a prestar contas dos resultados de suas pesquisas e a retribuir o favor prestando serviços dentro dos seus limites profissionais, éticos e de suas capacidades.

Ceres Alves de Araújo
Pesquisadora responsável

Gustavo Orlandeli Marques
Pesquisador interventor

ANEXO 3**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) _____, responsável pelo Projeto (nome do Projeto), do qual são assistidos os sujeitos da pesquisa, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais os sujeitos serão submetidos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta. Fica claro que o sujeito de pesquisa, ou seu representante legal, a qualquer momento, pode retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa, e fica ciente de que todo trabalho torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

Bauru, ____ de _____ de 200__.

Assinatura do Colaborador Responsável

ANEXO 4**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO****Turma:****Iniciais:****Data de nascimento:** / /**Sexo:****Em qual ano (série) escolar você está?****Além de freqüentar o Projeto e a escola, você participa de alguma outra atividade?****Com quem você mora?****Você tem irmãos? Quantos?****Qual a ordem de nascimento incluindo você?****Você tem alguma religião? Qual é?**

ANEXO 5**ENTREVISTA**

1- O que é um herói para você?

2- Qual(is) seus(s) herói(s) preferido(s)?

3- Que poderes ele(s) tem?

4- O que você faria se você tivesse os mesmos poderes que ele(s)?